

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

BIBIANA BARRIOS SIMIONATTO

ESSA COISA FASCINANTE, O MEDO

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

BIBIANA BARRIOS SIMIONATTO

ESSA COISA FASCINANTE, O MEDO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Porto Alegre
2019

BIBIANA BARRIOS SIMIONATTO

ESSA COISA FASCINANTE, O MEDO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Karina Lucena - UFRGS

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva - PUCRS

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno - PUCRS

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Ao meu avô, Valmor, o melhor contador de histórias que conheço. Aos meus pais, Danilo e Maria Aparecida, por me ensinarem o prazer da leitura. Ao meu companheiro de vida, Helio. Aos irmãos Janaina, Danilo e Eliza, e aos sobrinhos Felipe, Eduardo, Carolina e Henrique. À minha dinda, Sandra, e ao meu querido tio João, grande incentivador. Aos demais familiares, Jerusa, Sabrina, Cezar, e tantos outros. Ao mestre Luis Antonio de Assis Brasil e ao professor Bernardo José de Moraes Bueno, meu orientador. Aos demais professores da PUCRS, pelos ensinamentos e boas leituras. À professora Karina Lucena pela disponibilidade de compor a banca. Aos pacientes que não sabiam exatamente o que sua dentista andava fazendo, mas compreenderam as ausências. À amiga e secretária Franciele, por reorganizar minha agenda e minha vida, sempre de bom humor. Aos colegas Rochele Bagattini, Gisela Rodriguez, Fred Linardi, Fernando Mantelli, Sara Albuquerque, Stéfanie Medeiros e Gabriela Richinitti, melhor turma que o mestrado poderia me oferecer. À também colega de mestrado Andrezza Postay pela leitura crítica, indicação de obras e sugestões. Aos escritores Arthur Telló, Ana Luiza Rizzo e Matheus Borges, pela troca tão importante. Ao primeiro leitor da vida, Sergio, e ao primeiro leitor da história de Lauren, Alex. À amiga Fabiane, que me incentivou a participar da seleção do mestrado. Ao amigo, doutorando Paulo Roberto Souza Ramos, pelas incríveis aulas sobre o gótico. À amiga, doutoranda Raquel Belisario, pela leitura e revisão cuidadosa. Ao amigo, doutorando Gustavo Czekster, pelo entusiasmo pelas histórias fantásticas. Aos professores Gabriela Silva e Pedro Gonzaga, pelos primeiros ensinamentos sobre a literatura e a escrita. Aos escritores Cris Vazquez, Kathy Krauser, Taiane Maria Bonita, Alexandre Alaniz, André Roca, Ana Cláudia Martins, Caroline Joanello, T. K. Pereira, T. S. Marcon, Lúcio Saretta, Débora Ferraz e Laila Ribeiro, os Singulares Oniscientes, turma Assis Brasil 2015. Ao também Singular Onisciente Tiago Germano, pela primeira trilha sonora da história de Lauren. Ao editor Roberto Prym, pelo bonito trabalho de diagramação do livro para o formato e-book. Aos demais colegas, da Escrita, da Teoria e da Linguística, tão gentis e generosos, que a PUC me apresentou. E a todos os funcionários da Escola de Humanidades e da biblioteca da PUC-RS.

RESUMO

Com o objetivo de compreender as diversas formas em que a literatura explora o medo, desenvolvi essa dissertação de Mestrado em Escrita Criativa, dividida em duas partes que se complementam: uma novela e um ensaio. O ensaio é uma reflexão teórica que se preocupa em discutir os gêneros narrativos relevantes, respeitando a ordem cronológica em que foram se desenvolvendo. O fantástico, o estranho, o maravilhoso e o gótico foram abordados com maior interesse e alguns subgêneros foram citados como desdobramentos destas escolas literárias. O trabalho criativo resultou em “Lauren”, uma novela narrada em terceira pessoa, com foco narrativo na personagem central. Dentro da estética da literatura fantástica, a novela aborda temas como o *bullying*, a violência entre crianças dentro de escolas de ensino fundamental e médio, o fanatismo religioso, as mudanças físicas e psicológicas de uma garota que vive numa cidade conservadora do interior do estado, a solidão, a dificuldade de relacionamentos entre amigos e em família. Por fim, através do ensaio e da escrita, pude refletir sobre alguns elementos que nos assombram ao longo do tempo – e suas manifestações literárias.

Palavras chave: Escrita Criativa; Literatura de Horror; Literatura Gótica; Literatura Fantástica.

ABSTRACT

With the objective of understanding how literature explores fear, I developed the present Master's dissertation in Creative Writing, divided between the writing of an original novella and an essay. The essay discusses narrative genres such as the strange/weird, the fantastic, the wonderful and the gothic. In the creative part, I wrote a novel in third person following Lauren, the central character. The novella, within the aesthetic of the fantastic, talks about bullying, violence among children and teenagers in school, religious fanaticism, the physical and emotional changes experienced by a girl living in a conservative town in the countryside, and the difficulty to establish personal relationships. Finally, through the writing of the essay and the novella, I was able to reflect on some elements that have haunted us through time – and their literary manifestations.

Keywords: Creative Writing, Horror Literature, Gothic Literature, Fantastic Literature.

SUMÁRIO

1 LAUREN (Criação ficcional)	9
2 ESSA COISA FASCINANTE, O MEDO	124
2.1 Introdução	124
2.2 O medo	125
2.3 Os medos de Lauren	142
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	146

1 LAUREN (Criação ficcional)

PRÓLOGO

O primeiro homem que chegou trazia os alforjes vazios e sede, muita sede. Vinha de longe e não vinha sozinho, porque um homem não toma decisão importante dessas sem ter motivo passional.

Duas noites antes, posicionou-se embaixo da figueira da praça e assoviou para Inês, cinco minutos após o horário combinado. Ansiosa, ela saltou pela janela com a trouxa de pano sobre o braço e caminhou silenciosa até onde um cavalo encilhado a esperava. Galopando em sincronia, alcançaram a estrada de terra batida e às três da madrugada prosseguiram sem um rumo definido. Pedro queria ir para o norte, mas Inês o convenceu que o sul, mais selvagem, ofereceria vegetação propícia para que se escondessem dos homens ofendidos que certamente emprenderiam uma caçada sangrenta.

Cavaleiro e amazona exigiram força e competência dos animais. Precavido, Pedro furtara os mais robustos. E depois passou boa parte da viagem ponderando se a tenacidade de Inês alcançava o porte físico do cavalo que lhe fora presenteado. Por conta da dúvida, mesmo em alta velocidade, volta e meia Pedro olhava para trás com a intenção de se certificar que não seria abandonado no meio da empreitada.

Após uma madrugada de andanças por terrenos hostis e inimigos imaginários à espreita, decidiram parar nas margens de um riacho pedregoso que corria em direção a um bosque. Alimentaram-se com um pouco de carne seca desfiada e o pão que Inês trazia enrolado em seus panos. Beberam da água que julgaram limpa, amarraram os cavalos perto do capim e descansaram sob a sombra de uma paineira. Dormiram desde o momento em que a angulação do sol anunciava a proximidade das dez da manhã até a hora em que ele atingiu a metade do caminho entre o horizonte e o zênite. Quatro da tarde, calcularam. Antes de partir, decidiram que se estabeleceriam somente quando ambos gostassem do lugar, não importando quanto de terreno ainda tivessem que percorrer. Apertaram as mãos, num gesto de concordância, e montaram seus cavalos, restabelecidos.

Cautelosos, viajavam à noite e evitavam o contato com povoados onde houvesse grande circulação de pessoas. Pedro entrava em vendas e estalagens para comprar pão e queijo, e nessas ocasiões falava apenas o essencial. Ouvia o valor da conta, separava as moedas e as empurrava sobre o balcão. Nem mesmo um sorriso de agradecimento Pedro esboçava. O máximo de contato resumia-se em abaixar a cabeça e tocar a aba do chapéu com o dedo indicador. Virava as costas e retirava-se, deixando como rastro o tilintar das esporas cada vez que as botas de couro marrom tocavam o chão. Seguia até juntar-se com Inês. Sentavam-se sobre a toalha de mesa, branca, única lembrança de sua vida de casada, mateavam, depois comiam e descansavam ocultos por detrás dos arbustos espinhosos. Logo que notavam redução no vai e vem dos populares, Inês e Pedro desmanchavam acampamento e retomavam o rumo da estrada. Cavalgaram sobre coxilhas, campos, pequenas localidades e nada parecia totalmente seguro, até que Inês, exausta da viagem, indicou um vale inabitado. Apeararam.

Ouviram falar da existência do vale através de velhas histórias, que passavam de geração em geração. Os antigos contavam dos espíritos que viviam na mata, de forasteiros que entraram nela para desbravar e desapareceram, de bruxas que se alimentavam da carne de bebês recém-nascidos, de criaturas com caudas enormes e pele gelatinosa, répteis pré-históricos, onças pintadas, porcos selvagens que atacavam em bando. Ouviram que alguma coisa na água do córrego, um mineral talvez, tornava-a imprópria. E o terreno que rodeava o bosque, improdutivo segundo a lenda, fora ignorado após tentativas de plantio das mais variadas culturas. Nativos não se aproximavam dali, diziam que uma força maligna apossara-se do local após uma guerra sangrenta entre tribos vizinhas. A tal força teria visitado em sonhos, durante meses, o líder da tribo da fronteira norte. Contando detalhes sobre rituais, planos de expansão e segredos particulares da tribo da fronteira sul, a força maligna conquistou a confiança do líder e o corrompeu.

– Breve enviarão uma proposta de casamento – o espírito profetizou. E agravou o tom de voz para dizer que o interesse da tribo rival era desposar a irmã mais nova de sua linhagem. Seria a ruína, ele repetia. E a palavra ecoava nos sonhos do líder, um tanto perturbado pelas premonições. Com o tempo, os apelos se tornaram mais frequentes e ousados. Passaram a atingir a fraqueza humana mais dissimulada, a vaidade. Em aparições espetaculares, o espírito sugeria que o líder da fronteira norte era muito mais forte e capaz, e que somente ele teria condições de impor autoridade e unificar aquela gente.

A retórica sedutora teve seu êxito numa noite sem lua. Enquanto todos dormiam, homens com tintas de guerra invadiram a tribo da fronteira sul e decapitaram o maior número de integrantes que conseguiram, começando pelo líder, que dormia numa cabana exclusiva, preparada como futuro leito nupcial. Em seguida atearam fogo nas casas e correram atrás de quem tentou fugir, chicoteando-os sem dó. Vitorioso em sua ofensiva, o líder da fronteira norte apoderou-se de todas as terras, tornando-se um homem muito temido. Criou um tribunal onde três de seus homens de confiança perseguiam e assassinavam quem enfrentava a nova lei, considerando qualquer crítica como traição. As suspeitas de conspirações cresciam na mesma proporção em que o número de integrantes da tribo se reduzia. Assustados com tantos desmandos, os três conselheiros desconfiaram que o chefe servisse como fantoche para a vingança do espírito do mal que habitava o bosque. Reuniram-se em segredo e decidiram que a única saída para o caos estabelecido seria acabar com a vida do líder insano. Aceitariam o sacrifício com a determinação de um guerreiro, fariam o serviço de maneira rápida e o enterrariam com todas as honras de um chefe adorado.

Empunhavam suas adagas quando o calor intenso da fogueira os despreveniu. As chamas tornaram-se altas, muito intensas, e de dentro daquele inferno eles viram o líder saltar, nu e em cores de guerra. Voou sobre eles, decapitou-os e lançou-se de volta à fogueira, que queimou sua carne de cheiro adocicado em questão de minutos. O acontecimento determinou o extermínio da população e desde então nenhum nativo ousou fixar residência no vale mal-assombrado.

A escolha ideal para um casal de fugitivos.

Pedro deu de ombros aos avisos, apeou de seu cavalo, deitou sobre a margem do córrego e bebeu grande quantidade daquela água de cor verde turmalina. Inês veio atrás, imitou a posição do amante e bebeu goles mais curtos e em menor quantidade. Alguém deveria permanecer são caso a suspeita da água venenosa se confirmasse. Retiraram as trouxas dos lombos dos cavalos e os soltaram no pasto. Recolheram-se para um canto protegido por arbustos, ao sul, onde o córrego fazia um recorte agudo, deixando uma estreita faixa de terra em que duas pessoas conseguiriam dormir sem serem atacadas por animais noturnos. Aguardaram algum acontecimento sobrenatural, mas a expectativa se frustrou. Dois dias depois, ampliaram o acampamento até a parte fronteira do bosque. Iniciaram uma expedição que logo foi abandonada porque a vegetação era hostil demais. Precisavam de facões maiores, potentes machados, munição para a espingarda. Uma semana depois, sem observar ocorrências estranhas ou ronda de animais selvagens, Inês e Pedro decidiram ficar.

No entardecer deste dia, toparam com um senhor que passava na trilha carregando lenha. Apresentaram-se e sem demora foram convidados a conhecer a casa dos vizinhos. Clara e José Buske viviam isolados há algum tempo, a uma distância bem calculada do bosque e do córrego. Temiam as lendas e, sim, chegaram a presenciar acontecimentos estranhos. Alegraram-se com a possibilidade de ter outras pessoas por perto, em algumas noites a floresta emitia sons assustadores. Quem sabe com mais braços para o trabalho eles poderiam tornar aquele pedaço de terra mais amigável? Acolheram o jovem casal sem muitas perguntas e auxiliaram no corte da madeira para a construção da casa. Tempos depois, ao inaugurarem seu novo lar, Pedro e Inês brindaram à escolha. Se havia um mau espírito no bosque, ele os protegia em vez de aterrorizar. Na vasta extensão de terra que agora tinham à disposição, plantaram, colheram, prosperaram. Tiveram doze filhos homens, que buscaram esposas em localidades próximas, casaram e geraram dezenas de netos. Bosque Novo inteiro se desenvolveu a partir do mesmo sangue.

A PERSEGUIÇÃO

Ao longe as vozes das pessoas encolerizadas e à frente um aclave a vencer. Lauren corre tanto quanto seu corpo permite, os pulmões inflam e se esvaziam em intervalos curtos, a cãibra insiste em falsear as passadas e um punho imaginário a soca na altura do diafragma.

Dói.

Ela se inclina para a frente, apoia-se nos joelhos e toma fôlego. Um instante, um instantinho só, implora. A respiração se esvai em uivo, como se o ar arranhasse por dentro.

Latidos de cães a colocam em alerta. Uma nova injeção de adrenalina percorre seu sangue, ela volta a correr, ainda que não recuperada. Na metade da lomba, diminui a velocidade e olha ao redor. Não vê imagens suspeitas. Não vê nada além da quietude de uma cidade pequena que dorme e acorda sem se questionar. Volta a acelerar o passo, conta as casas que se sucedem ao longo do percurso. É um truque para desviar o pensamento de tudo o que acontece dentro de seu corpo. Ofega, avança, ofega mais uma vez. Não havia reparado nas casas. Em treze anos de vida, a garota jamais notou as cores pálidas das casinhas de madeira. Nem os telhados, os portões e os jardins, tão ameaçadoramente parecidos. Portas que escondem vidas parecidas. Quem destoa só pode ser rejeitada. “Você destoa, Lauren.”

Tenta afugentar a voz persistente, tem medo que junto a ela retornem as visões, o medo, a vergonha. Volta o olhar para as casas, na esquina há uma de alvenaria. O porquinho mais precavido foi mais esperto, empenhou-se mais que os outros na construção, a mulher honesta dignifica a casa. Uma casa branca transformada em loja comercial, Wüster Autopeças. O senhor Wüster não destoa, o senhor Wüster construiu com tijolos e cimento, e o lobo vai soprar e bufar e não conseguirá mandar a casa para o ar. O senhor Wüster vive com uma mulher honesta que dignifica a casa, a senhora Wüster vai abrir a porta e acolher os porquinhos quando o lobo derrubar as casas de madeira.

Desde que eles não destoem.

Na esquina seguinte mais um porquinho Prático que acolherá os Cíceros e Heitores quando o lobo chegar. Arfando, Lauren acelera a passada e alcança a praça central, em frente à igreja católica. Ainda não enxerga seus perseguidores, embora os imagine perto. Os gritos, os gritos se aproximam. Logo a encontrarão.

“Lauren bucho, Lauren saponas, Lauren baleia, saco de areia.”

Escorada sobre a pia, mirando-se no espelho do banheiro feminino, Lauren preparava-se para brigar com trilha sonora. E não é que a musiquinha pegou? O troço grudava no ouvido, ressoava. A escola inteira sabia de cor. Se ela fosse esmurrar cada um que cantasse, mandaria todos os alunos (e alguns professores) para o hospital. Melhor aceitar sua fama. Hoje vocês vão lutar contra seus inimigos. Não desanimem nem tenham medo; não fiquem apavorados nem aterrorizados por causa deles.

Satanás

Bruxa

Demônio

Hoje a luta não se resume a um ringue improvisado no vestiário da escola. As vozes são mais cruéis e acusatórias, o inimigo tão poderoso quanto a própria Bíblia. Nenhuma casa, seja de palha, madeira ou alvenaria, a acolherá.

Uma dor aguda do lado direito a obriga a parar mais um pouco. Pressiona a mão sobre a barriga, massageia, tenta regularizar a respiração. Venceu o aclave, chegou ao cruzamento principal da cidade. À direita, a igreja católica e o hospital, à esquerda, a prefeitura, e em frente, a avenida plana com canteiros centrais que leva à saída da cidade. Uma boa opção de rota, mas quanto teria pela frente? Quinhentos metros, mil metros? Tem dificuldade em calcular distâncias, porém precisa pensar rápido.

Segue em frente, mancando. Agora não conta mais as casas, pensa na pomba morta que a mãe encontrou na varanda.

Uma invasora de penas cinza sobre o piso encerado de vermelho. “Isso é coisa tua, só pode ser.” A pomba esturricada, com as asas fechadas e as patinhas rijas, um bicho seco, imóvel, atingido por um raio. Caiu dura do galho onde se empoleirava. Deve ter quicado uma ou duas vezes antes de aterrissar no piso da área. “Eu não sou má.” Olhou para a pomba. Não conseguiu tocar nela, mas a olhou por um longo tempo, como se quisesse trocar confidências. Afastou a ideia ao reconhecer a mesma postura dos fiéis durante o culto. A invasora orava, mesmo assim não foi poupada. Vai ver ela destoou. Não podemos questionar os mistérios da fé. “Claro que você não é má. Mas você abriga algo de ruim.” A mãe evitava pronunciar determinadas palavras em casa. Usava-as na igreja, onde os crentes se protegiam sob o manto de imensa bondade do pastor. Encostos, demônios e tentações não penetravam no templo. E, se penetrassem, passavam por um filtro, de purificação. O sacrifício que aquele homem se propunha em favor da comunidade era algo notável, digno de devoção. “Como você ousa

enfrentar um homem santo?” Se tivesse, mesmo, os tais poderes, Lauren libertaria a pomba. Devolveria a vida, a habilidade de voar para onde quisesse. Se tivesse, mesmo, poder, Lauren voaria. Não permaneceria ali, desamparada, à espera de seus algozes. Voaria para longe, sem precisar de asas, só de um simples impulso. Que poder maldito, que vem sem aviso e não se pode controlar. “É o demônio, irmã.” O pastor bebeu um gole da taça, depois esfregou o guardanapo branco repetidas vezes sobre a boca. Uma taça de haste longa e vidro finíssimo que produzia uma vibração ao toque das unhas. Todo aquele que come da minha carne e bebe do meu sangue. Ofereceu um pouco para Lauren, que não conseguiu reunir coragem para recusar. “Tem gosto forte.” Ele riu e bebeu o restante. Largou a taça e parou, movendo apenas um dedo por cima do bigode sem desviar os olhos dela. Estalou os lábios de forma vulgar e esfregou o guardanapo mais uma vez. Ela sabia a proposta que viria a seguir, já a tinha ouvido na igreja e depois em casa. Virou-se para a porta, buscando rota de fuga. “Tenho aula.” O pastor a reteve, segurou firme no seu braço. Aproximou-se, envolveu-a num abraço protetor, conduziu a cabeça de Lauren até o seu peito. Nauseadas, as narinas da garota não conseguiram suportar o hálito morno. Ela prendeu a respiração o máximo que pôde e quando não aguentava mais apertou os olhos, na tentativa desesperada de prolongar a consciência, mesmo com a falta do ar. Sabia os próximos passos, a mão protetora desceria até a altura do quadril, onde hesitaria por um ou dois segundos, e então percorreria o contorno de suas nádegas. Lauren esperava, queria a mão. Mas se isso era errado, então por que ela queria tanto? Seu corpo inteiro se retesou, ela apertou ainda mais os olhos. “Você precisa se livrar do demônio, Lauren. Nós estaremos do teu lado, não precisa ter medo.”

Respirando mal e com a cãibra forte, Lauren mal consegue avançar. Vislumbra o fim da caçada quando enxerga as luzes de lanternas dobrarem a próxima esquina que alcançaria. Recua, anda trôpega até o cruzamento. Do meio da praça vêm mais lanternas, mais crentes ávidos por justiça terrena. Reúne as últimas forças e corre até a prefeitura. Ali atrás há o bosque, o local úmido, escuro e tomado de misticismos que suscita todo o delírio daquela gente de fé. A pomba cinza, esturricada, e a vibração do cristal, o bicho morto, o som do diapasão. Logo em frente, o matagal, mesmo que eu ande pelo vale das sombras, o corpo decomposto, alimento de vermes, nenhum temor me afligirá.

A FÚRIA DA TURBA

– Lauren bucho, Lauren sapona, Lauren baleia, saco de areia.

Os gritos ecoavam pelo ginásio, a turba enlouquecida gritava seu nome.

Sucesso absoluto.

Alunos de diversas turmas assistiriam a luta, desde que assumissem o compromisso de não comentar o assunto em aula. O evento secreto seria cancelado caso algum professor descobrisse. E o delator pagaria caro, muito caro.

Sem mais nem menos, a fama de Lauren se espalhou como um vírus pela escola, alcançou os estudantes mais velhos e até os formandos. Todos queriam ver uma garota que, segundo a propaganda divulgada como um telefone sem fio, lutava como um autêntico boxeador.

Naquela tarde de sexta-feira, uma força-tarefa agiu para despistar professores, funcionários e evacuar o ginásio. Esperavam plateia recorde e, para tanto, montaram o ringue no centro da quadra de basquete. Mentiram, ludibriaram, roubaram a chave e tudo foi arranjado com minúcias para a hora do confronto.

No vestiário, enfiada dentro do roupão vermelho atoalhado, uma Lauren orgulhosa e assustada mirava-se no espelho salpicado de manchas de oxidação. O espetáculo não seria como na TV, não havia treinador ou um grupo de bajuladores para aquecê-la, hidratá-la, massagear seus músculos ou alcançar o protetor para os dentes. Ela teria que improvisar. Com as duas mãos apoiadas na pia, olhou bem dentro de suas negras pupilas, duas esferas crescidas pela escassez de iluminação do ambiente, como quem busca confiança. Inspirou, expirou, duas vezes. Na terceira, expeliu o ar com menos velocidade. Controlou-se, finalmente. Abaixou a cabeça e enumerou os golpes que usaria para derrubar o adversário.

A situação inusitada que provocou sua fama teve início numa quarta-feira de abril, durante o recreio. Três garotas a seguiram até o banheiro. Lauren ouviu o baque seco da porta e só então entendeu que estava em apuros. A mais alta, de cabelo melado e cachos indomáveis, tomou a frente. A segunda, uma loira aguada de olhos azuis e dentes de coelho, parou ao lado, e a terceira, uma baixinha de braços roliços e pele mais escura, segurou a maçaneta, como um cão de guarda.

– O que você andou dizendo de nós? – a garota do cabelo melado perguntou.

– Eu? – disse Lauren. Não se lembrava de ter se referido a elas.

– Você disse que a gente era puta – disse a loira aguada.

– Ah?

– Sim, disse. E agora vai ter que se explicar.

Lauren deu dois passos para trás e apoiou-se na parede lateral, pintada de cinza. Franziu um pouco as sobrancelhas e de repente arregalou os olhos. Lembrou-se de uma conversa sem sentido, ocorrida mais de semana atrás. Na calçada, após a saída da escola, Sheila, uma garota tão impopular quanto ela, apressou o passo e a alcançou. Conversaram algumas besteiras até que chegassem à esquina em que se despediriam. Fofocaram, riram dos professores, do jeito que o de ciências xingava os alunos que fugiam das atividades do laboratório. A certa altura, não lembrava bem por que, o trio de garotas surgiu no assunto. Lauren criticou as roupas, os sapatos de salto muito alto para quem ainda está no ensino fundamental. Talvez tenha dito que elas se maquiavam como putas. Talvez algo um pouco mais agressivo. Fazia mais de uma semana, ela não lembrava.

– Quem você pensa que é? – a garota de cabelo melado se adiantou, chegou perto, com a mão esticada, os dedos bem abertos, prontos para esganá-la. – Pede desculpa – agarrou o pescoço de Lauren – agora.

Segurou a parte superior do pescoço, rente à mandíbula. Os dedos grudaram na pele fina, como tentáculos, e apertavam cada vez mais forte. Num esforço desesperado, Lauren inspirou o ar, que entrou com pouco volume. Engasgou-se, começou a tossir, os olhos lacrimejaram. A garota não se compadeceu, apertou mais um pouco, bufando de raiva, os olhos faiscando. De onde tirava tanta força?

Numa última reação antes de cair, Lauren sentiu um espasmo. De forma instintiva, levantou o braço direito e socou o rosto da menina. Um soco certeiro, que a tonteou. A garota soltou o pescoço de Lauren e andou um passo para trás, à procura de uma base para se equilibrar. Não encontrou apoio e caiu sentada no piso. O último baque foi o da cabeça, que bateu emitindo um som seco.

Por um instante ninguém se moveu dentro do banheiro. Olhavam todas para o sangue que brotava, espesso, das narinas da garota.

No chão, ela fungou, balançou a cabeça e levou as mãos ao rosto. Quando as afastou, soltou um grito:

– Sua puta! Você quebrou meu nariz!

As outras duas se ajoelharam em socorro. Ofereceram água, desenrolaram um bom pedaço de papel higiênico para aplicar sobre o machucado.

Lauren não se movia. Olhava para o punho, ainda fechado, como se ele fosse um acessório acoplado ao seu corpo. Como se um encaixe de rosca pudesse removê-lo a qualquer momento. A mão parecia bem maior que o normal, vermelha, fofa, como uma luva de boxe. Lauren não se intimidava mais com o trio que preparou a emboscada no banheiro.

– Ei – gritou.

Num ataque de confiança excessiva, levantou o dedo do meio para as três.

A mais baixinha ficou em pé, aprumou-se como um galo de briga, mas era tarde. A coordenadora da escola vinha abrindo passagem entre a multidão de curiosos que se aglomerava na porta do banheiro:

– Quero as quatro na minha sala – disse. E ergueu a voz – Agora! – Depois se virou para a torcida que se acotovelava do lado de fora da porta – E vocês, já para a sala de aula. Não quero ouvir mais um pio!

Desde o incidente, a fama de Lauren só cresceu. Os colegas mais animados começaram a instigar desavenças, propor confrontos. Seduziram-na com um fã-clube e ela, que jamais experimentara a popularidade, agora recebia gentilezas estranhas. De repente, o colégio inteiro a cumprimentava, convidava para festas de aniversário, rolês, trabalhos em grupo. Enviavam mais de vinte pedidos de amizade por semana no Facebook. Numa das solicitações aceitas, Lauren encontrou uma página que desconhecia, onde alguns alunos trocavam informações, aulas particulares, jogos, piadas, memes. Ali descobriu a maioria dos apelidos, distraiu-se com montagens, algumas engraçadas, outras desagradáveis. Vasculhou as mais de duzentas fotos, até que encontrou uma antiga, bastante curtida e comentada. A foto dela no corpo de um sapo gosmento, com o papo estufado. Lauren saponou, dizia a legenda. Rolou o cursor para baixo e leu os comentários, ofensivos em sua maioria. Não imaginava que tanta gente a achava ridícula. Naquela noite, trancou-se no quarto e não quis jantar. Passou boa parte da madrugada em claro, chorando baixinho, rejeitando seu corpo, desejando morrer. Quis deletar seu perfil quando observou que não havia uma foto que a fizesse sentir-se bonita, nem uma amiga com quem desabafar. Deprimida e exausta, acessou o YouTube em busca de distração. Clicou em diversos vídeos, de receitas com Nutella, de experiências científicas reproduzidas em casa de forma nada segura, e de expedições em busca de fantasmas e monstros. Tudo muito idiota, infantil demais para uma pré-adolescente. Luta livre, digitou.

Encontrou vídeos de grande brutalidade, mas acabou se interessando por relatos de lutadores, histórias incentivadoras, de superação. Assistiu a uns dez, na sequência que o site recomendava, até que a história de Maggie apareceu como sugestão. A menina de ouro, treinada por Frankie, um homem grosseiro e de coração mole, virou um filme que recebeu o Oscar. Devia ser bom. Clicou no play e acompanhou o drama de uma lutadora persistente. Chorou com o final.

Na manhã seguinte caminhou até a escola com a postura confiante de Maggie. Queria ser ela. Era ela. Subiu de dois em dois degraus as escadas de acesso. Pela primeira vez não passou de cabeça baixa pelos alunos que aguardavam a chegada do professor. Não pediu licença, nem os cumprimentou.

Não interessava que as grandes estrelas pop, Rihanna, Beyoncé, Lady Gaga, Madonna, fossem tratadas com muito mais carinho e até certa devoção por sua legião de fãs. Ela agora entendia que seu nicho de adoradores gostava de se exprimir de modo bem mais rude, agressivo.

Se a plateia a receberia com as caras fechadas e punhos cerrados, tudo bem, ela aceitaria. E assim seria, a partir de agora. E, bem, se esse era o preço pela fama, ela o pagaria de bom grado.

Não importavam os deboches, as palavras de ódio, os risos, fofocas e intrigas da internet.

Não importava a fúria de uma turba que clamava por violência e sangue.

Nada disso importava.

Porque hoje Lauren ia lutar.

DESIGUAL

Os toques intermitentes na sineta surrupiada do armário de objetos antigos da escola avisavam aos presentes: chegara a hora da luta. O grupo de apostadores se afastou para dar passagem à campeã das apostas. Conforme ela avançava sobre o piso frio do ginásio, um vão se abria, formando um corredor humano que tornava cada vez mais visível o centro da quadra de basquete. Em sua imaginação, Lauren inseria no espetáculo luzes piscantes, câmeras jornalísticas e foguetório. Mas tudo o que havia era silêncio e apreensão. O medo de serem flagrados pelo vigia ou alguém da coordenação impedia que a torcida gritasse. Mesmo assim o pequeno público apostara alto:

– Quase quatrocentos reais – Maurício contou no momento em que foi buscá-la.

O combinado era dez por cento para o organizador, dez por cento para os atletas e os setenta por cento restantes divididos entre os apostadores que acertassem o vitorioso.

Filho de um casal de contabilistas, Maurício herdou dos pais a habilidade em organizar planilhas e o gosto por números. Com uma lista na mão, colheu apostas de cinco ou dez reais, totalizando, ao fim de uma semana, trezentos e noventa. Trinta e nove reais renderia um bom dinheiro para o porquinho. Tirando dez para gastos mais urgentes, o restante ficaria guardado para as férias de verão. Ele e Lauren concordavam que chegaria o momento em que todos apostariam nela e o mercado de apostas perderia o valor. Precisavam aproveitar enquanto tudo era novidade.

Envolta pelo roupão vermelho, Lauren sorria de volta para a plateia. Alguns fãs esticavam a mão para cumprimentá-la. As palmas se chocavam no ar produzindo um estalo agudo.

– Detona – alguns gritavam.

Ao chegar ao centro, o primeiro contato visual com o adversário: um garoto da mesma idade. Cada um sacou seu celular e mostrou a selfie.

Mesmo com a diferença de peso, o garoto não aparentava ser tão fraco. Lauren o viu em rodinhas de quedas de braço no recreio, vencendo na maioria das vezes. A lembrança minou parte da confiança que ela trazia do vestiário, a passada firme tornou-se receosa. Mas olhou ao redor e viu que recuar não estava entre as opções. Respirou fundo, tentou destravar os músculos e avançou para o cumprimento.

– E aí? – disseram-se mutuamente.

O garoto devolveu um sorriso amarelo de pontinha de dente quebrado e parte da confiança de Lauren retornou.

Afastaram-se.

Maurício interveio e solicitou as atenções:

– (1) A luta só termina quando um dos concorrentes pede para sair. (2) É vale-tudo, mas tudo mesmo. (3) Pode bater no corpo todo, menos na cara. (4) Não pode usar canivete, estilete, lápis apontado. Só pode usar as mãos. (5) A torcida pode se manifestar, mas quem gritar será expulso. (6) Pode lutar homem com homem, mulher com mulher e homem com mulher, desde que a mulher pese no mínimo 7 kg a mais que o homem. (7) Cada um prova seu peso com selfie tirada na balança da farmácia Vera Cruz. (8) Pode lutar até cansar, até morrer.

As regras existiam para intimidar. Aluno algum teria condições de suportar uma surra muito grande sem que os pais e professores descobrissem. Os nocautes brutais habitavam o imaginário dos mais entusiasmados, apenas.

No canto esquerdo, Lauren saltava para manter o aquecimento. No canto direito, o garoto a imitava.

– Que a luta – Maurício gritou – comece – esticou a segunda sílaba num agudo intimidador, após dobrar o último maço de notas de dez.

Com a postura de um boxeador, Lauren se manteve longe do alcance dos primeiros golpes do garoto. Conseguiu se esquivar de dois socos em sequência e seguia saltando, com a clara estratégia de cansar o adversário.

Impaciente, o garoto tentou mais um, direto no rosto dela. Maurício interveio:

– Ei! Na cara não.

Seguiram analisando um ao outro, numa distância segura, enquanto giravam sobre o centro do ringue, saltando como profissionais.

– E vão ficar dançando? – Um aluno do ensino médio gritou dois minutos depois.

Lauren deixou-se contaminar pela pressão da torcida. Concentrou toda a força para acertar em cheio no peito do adversário. Ele se esquivou a tempo. O golpe passou de raspão, nem chegou a machucar. De imediato, Lauren voltou à posição de ataque, mas se distraiu por um segundo e levou uma porrada no braço esquerdo. Desestabilizou-se, cambaleou para trás. O garoto tinha mais força que o previsto, ela precisava de nova estratégia. E rápido. Enquanto

pensava, levou outro, mais forte, que escorregou no ombro e acertou seu seio. Doeu. O terceiro soco, perto do estômago, abalou-a de vez. Como reação imediata, ela se curvou para a frente, apoiou os braços sobre os joelhos semiflexionados. Ofegava.

Antes que iniciasse o burburinho típico da comoção, soou o apito de Maurício. Ele pediu silêncio, ameaçou intervir, mas ela fez sinal com a mão espalmada. Estava bem, só precisava de um minutinho.

Olhou ao redor e todo o ginásio rodava. Via rostos, rindo, gritando, ouvia vozes distorcidas. Com os dedos em riste, os mais exaltados instigavam:

– Luta como macho.

O peito de Lauren se oprimiu e ela pôde sentir o choro emergindo pelo caminho da garganta. Era questão de tempo. Um soluço, dois, e no terceiro não conseguiria conter as lágrimas. Tudo tão dolorido e difícil, tudo tão injusto. As pálpebras pesaram até se fecharem. Ao reabri-las, corria numa trilha da floresta. Escorregava, pisava em charcos, machucava as mãos nos espinhos. Galhos finos e elásticos a açoitavam no rosto, no corpo. Mesmo protegida sob a roupa, a pele se rompia, Lauren podia sentir o sangue escorrendo das feridas. Mas não podia parar. Lobos agressivos a perseguiam, rosnando, ganindo, com seus dentes pontiagudos. Desorientada, ela correu o máximo que pode, até chocar-se com um tronco de árvore. Espinhos prenderam e rasgaram parte de seu roupão vermelho. Correu mais um pouco, olhou para trás e viu o pedaço de pano pendurado, uma pista que denunciava seu trajeto, única cor viva no meio daquele bosque escuro e lamacento. Logo à frente, outro galho enganchou em seu capuz, arrancando-o. A cabeça ficou vulnerável, descoberta. Numa floresta tão sinistra até um pássaro gigante poderia atacá-la, arrancar sua cabeça e levar para o ninho de filhotes famintos. Protegeu-se como pôde e seguiu em busca da saída, de uma casa, uma ajuda que fosse. Saltou outro charco, deu mais uns passos e tropeçou numa raiz retorcida. Rolou sobre o terreno molhado e só parou ao chocar-se com outro tronco, mais volumoso. Curvou-se para verificar os danos. Abraçou os joelhos, apalpou as pernas. Algo saíra do lugar. Tentou levantar e caminhar, mesmo mancando, mas outra raiz a derrubou. Caiu sentada. Os lobos a rodearam. Avançavam devagar, os focinhos úmidos e quentes emitindo um hálito de carne podre. Ela conhecia esse lugar. E havia uma habitante. A dona do bosque, que muito a visitou na infância. Mas andava desaparecida, tanto que Lauren esquecera. Como foi que esqueceu uma presença tão marcante? Como mágica, havia apagado da memória a visão que a assombrou, ocultada pelas sombras do quarto nas noites mais solitárias. A mulher aparecia como uma figura bondosa e sem mais nem menos se transformava numa agressora de unhas

pontiagudas que se estendiam em direção à sua cama. Lauren tremia, escondia-se sob o lençol, contava até dez para a imagem sumir. Na maioria das vezes funcionava. Em outras, mais raras, a presença se refazia bem perto, ao lado da cabeceira, a sombra das mãos cobrindo seu rosto paralisado pelo medo. O horror só passava quando a mãe, despertada por um grito, vinha em seu socorro e acendia a luz. “Não tem nada aqui, minha filha. Foi um pesadelo, vamos orar juntas para afastar coisas ruins.” E permanecia segurando a mão de Lauren até que ela voltasse a adormecer.

– Tem mais – o adversário disse –, sapona.

A cabeça de Lauren doía. Após esfregar os olhos, ela reconheceu os rostos curiosos que formavam um círculo em torno dela.

– Você não pediu para sair – uma voz ao fundo disse –, por isso deixei a luta correr.

Lauren tampou os ouvidos. Aos poucos compreendeu o que se passava. Ela havia apagado após uma chave de braço. E o adversário, que há pouco se mostrava apreensivo, agora se exibia com os punhos socando o alto.

– Quem disse que a luta acabou? – Lauren gritou assim que conseguiu se equilibrar: – Vem me pegar. Vem, se é macho.

O garoto soltou um suspiro de desprezo que a irritou ainda mais. Atirou-se contra ele e o derrubou de costas no chão. Sem pensar muito no que fazia, montou no corpo caído e desferiu dois bofetões. Em seguida foi direto ao pescoço, com as duas mãos.

– Quem estava cantando vitória? Quem?

O público voltou a torcer com gritos agudos e palavras de ordem. O garoto se retorcia, tentando se esquivar do ataque, mas Lauren o espremia, sem espaço para a fuga. Ensandecidos, os alunos gritavam, uns com palavras de incentivo, outros com medo de uma tragédia. O alarido despertou a curiosidade do guarda que fazia a ronda e em pouco tempo ele e a diretora tentavam invadir o local.

Lauren ergueu os olhos em direção à porta. Uma figura familiar a observava de lá. Ela voltara, a mulher misteriosa, com o aspecto ainda mais sombrio. De pés descalços, o corpo coberto com o camisolão branco manchado de sangue, a mulher se posicionou em frente às portas duplas do ginásio, como se tivesse poderes para decidir quem entrava e quem saía, como se a chave lhe pertencesse. Sorria com a boca escancarada, mas sem emitir qualquer som.

– Abram as portas – a diretora batia e gritava –, abram ou eu chamo a polícia.

A dor de cabeça de Lauren aumentava, ela olhava para a mulher que obliterava a porta, enquanto esganava o pescoço do garoto, quase desacordado.

– Abram!

Lauren forçava as mãos e o pensamento. As batidas na porta tornaram-se nervosas, viraram chutes e socos, o garoto parou de se mexer e uma pancada seca na lateral da cabeça fez com que ela apagasse, mais uma vez.

PUNIÇÃO

À direita, o notebook Positivo, preto, muito bem limpo e conservado como se tivesse acabado de sair da caixa. À esquerda, cinco livros de capa dura, dispostos um em cima do outro, obedecendo a sequência do maior ao menor e alinhados com a borda lateral da mesa de madeira. No centro, um porta-trecos retangular, de couro marrom, organizado de forma metódica: folhas brancas tamanho A4 de um lado e canetas de todas as cores, dispostas em degrade, de outro. Do mesmo tecido do retângulo, havia um quadrado com dimensões menores e paredes mais elevadas, que abrigava alguns lápis e lapiseiras com enfeites de plumas, correntinhas e brilhos, além de canetas marca-texto verde-limão, rosa e amarelo. Ao fundo, na estante dos livros didáticos, quatro porta-retratos: o primeiro com uma foto de casamento, o segundo, do casal com os dois filhos num jardim florido, o terceiro, da diretora com a roupa preta de formatura, e o último, do grupo de coordenação em frente à porta principal da escola. Sem emitir um som, a diretora tomou seu assento. Lauren tremeu, Maurício exibiu um sorriso nervoso.

– Pois bem – disse –, quem é o responsável pela briga?

Ninguém respondeu. Ela então inclinou o corpo para a frente. Apoiou os cotovelos na mesa.

– Já conversei com os outros colegas – insistiu. – Todo mundo apontou vocês dois.

Lauren e Maurício se entreolharam. Era óbvio que os colegas não hesitariam em entregá-los.

– O garoto me chamou de saponá – Lauren limitou-se a dizer.

– Sim – Maurício saltou para a frente e assumiu uma postura mais confiante –, ela surrou o garoto porque ele estava fazendo bullying.

A diretora dirigiu um olhar persecutório para Lauren, que assentiu e baixou a cabeça.

– Não admitimos bullying na nossa escola – afirmou – e também não admitimos violência. Se ele te ofendeu, você deveria ter procurado a direção. Revidar só propaga a violência.

– Mas – Lauren tentou falar. Sua voz foi abafada pela defesa ansiosa de Maurício.

– Professora, a senhora nem imagina o que acontece pelas suas costas. Essa menina vem sofrendo bullying desde o início do ano quando aquelas três v... Aquelas três garotas

iniciaram uma briga no banheiro. Não duvido que elas tenham espalhado o boato das lutas, por pura vingança.

Lauren girou o pescoço em busca dos olhos fugidios do colega. A encenação passava dos limites, ela não tinha condições de sustentar a mentira. Ele não parecia satisfeito e emendou:

– Tudo começou naquele dia, profe. As três não deixaram mais a Lauren em paz. Se a senhora soubesse o que escrevem dela nas redes sociais, ia até chorar. Muita injustiça.

A diretora olhava para Lauren com gravidade, como quem solicita confirmação. Mas a garota foi pega de surpresa pela inesperada solidariedade do colega. Não foi capaz de confirmar a tese com a veemência esperada. A diretora, então, tomou uma atitude de distanciamento:

– Tenho informações de que a briga foi combinada. E que fazem até apostas. Vocês me deixaram triste, muito triste. Uma violência gratuita, logo na minha escola? – choramingou. Confessou que estudara ali desde o jardim de infância. E que se tornou professora graças às aulas de Geografia que teve a partir do sétimo ano. Que dava o suor e o sangue por aquela escola, que conhecia todos os alunos pelo nome e sobrenome, suas particularidades, talentos, as áreas em que cada um se destacava. De repente, seus olhos se encheram de lágrimas e ela estendeu a mão até quase tocar o braço de Lauren – Não vou punir você, tá bom? Mas vou te encaminhar para a psicopedagoga.

Lauren saltou na cadeira, mas não teve coragem de protestar. Olhou para o lado e verificou que o sorriso nervoso de Maurício havia se modificado. Ele agora se esparramava na poltrona, passara de suspeito a espectador. Que confortável! A preocupação em defender a amiga desaparecera, e Lauren o via levantando e tomando o rumo da porta.

– E então, o que me diz? – a professora insistiu.

– Eu vou ser a única punida?

– Não é uma punição – Maurício tomou a palavra e uma luz de alerta se acendeu na cabeça de Lauren. Cilada, seu aliado passara para o terreno inimigo. Ela estava sozinha, como sempre.

A diretora levantou cheia de afetações e se encaminhou para mais perto, de frente para os dois. Escorou-se no tampo e a mesa cedeu um pouco, soltando um ruído riscado no piso. Lauren observou os livros de capa dura sendo empurrados para fora de seus limites. Toda a harmonia da decoração arruinada por um descontrole repentino, nada sutil e até um

pouco autoritário. O que ela faria quando notasse a bagunça na sua retaguarda? Do que seria capaz?

– Posso marcar o encontro, querida?

Em busca de cumplicidade, Lauren olhou mais uma vez para o colega. Ignorada, respondeu por fim:

– Tudo bem.

– Ótimo – a diretora comemorou – estão liberados então. – Abriu os lábios num sorriso aliviado. Pousou a mão sobre o ombro de Lauren e a encaminhou até a porta. Não era necessário dizer mais nada, o peso daquela mão anunciava problemas.

Como um cavalheiro, Maurício apressou-se a abrir a porta. Saiu na frente, mas a esperou na escadaria:

– Não é nada demais, boba. Vai em dois encontros, depois inventa uma desculpa. Dor de barriga, qualquer coisa vale.

Mas Maurício não compreendia. Não podia adivinhar o enroscado de preocupações que tomava a cabeça de Lauren naquele momento. Qual a maneira mais amena de abordar os pais para explicar o assunto? Melhor dizer que recebeu uma advertência da escola, e só. Dizer que foi uma nota ruim na prova, um trabalho entregue fora do prazo, a perda de uma aula importante. Precisava impedir que Ivete cismasse com a história mal contada e decidisse tirar satisfações na sala da diretora.

Desanimada, tomou o rumo de casa. Não parou para apreciar a vitrine da livraria e passou longe da máquina de sorvete. O sol se punha, oferecendo um espetáculo de cores quentes às suas costas e o céu acima de sua cabeça mostrava tons menos estimulantes onde o rosa claro se mesclava ao azul numa briga que logo seria vencida pela cor fria. Ela procurou o brilho das primeiras estrelas e não chegou a enxergar as nuvens cor de chumbo que se formavam na entrada sul da cidade.

– Como foi a escola? – Abel perguntou.

Mas que diabo, Lauren pensou, ele nunca perguntou isso. Será que desconfia de alguma coisa?

– Normal – ela respondeu com a voz submissa. E sem demora emendou: – Papai, posso estudar no quarto?

Mais uma pergunta cheia de evidências: ela nunca pedia permissão para estudar no quarto. Além disso, raramente o chamava de papai. Aguardou, apreensiva, a resposta. Quase se estapeou para refrear os pensamentos derrotistas. Tonta, você está se entregando.

O balanço afirmativo da cabeça do pai foi estranho, bem estranho. Ela podia supor que seria questão de tempo até que ele contasse tudo para Ivete e ambos a fizessem orar para que o diabo, dissimulado e vaidoso, saísse de seu corpo.

TODO MUNDO É FILHO DE INÊS

– Aqui todo mundo é filho de Inês – Ivete tomou seu lugar à mesa. Enquanto se servia, prosseguiu. O tom de voz acompanhando a gravidade da acusação: – Por isso tem tanto pecador nesta cidade, porque Inês veio fugida do marido, amigada com o tal Pedro, um aventureiro inconsequente.

Abel e Lauren ouviam. Não ousavam argumentar, nem a favor nem contra. Interromper era atitude grave, discordar de algum ponto, inaceitável.

A situação se repetia com certa frequência, Ivete chegava em casa após o culto e comentava a fala do pastor com notável entusiasmo. Pelo menos uma vez por mês, do alto de seu púlpito, ele alegava que os pecados dos bosquenovenses tinham uma origem: o casal adúltero que fundou a cidade, cerca de cento e cinquenta anos atrás. Não havia dúvidas de que uma desgraça se abateria, o Senhor não perdoava pecadores. E os descendentes pagariam pela indignidade. Como fazer, então, para se livrar do castigo? Orar. Orar muito, frequentar a igreja, participar dos encontros de fé, ofertar o dízimo, essas coisas que toda gente de bem deve fazer para evitar o fogo do inferno.

– Somos todos condenados – Ivete exagerava no efeito teatral, mãos para cima, voz grave. Sua plateia reduzida nem piscava. As refeições esfriando e ninguém ousava interromper.

– Aleluia – algumas vezes Abel iniciava um coro. A euforia momentânea encerrava a fala. Em resposta, Ivete também erguia as mãos:

– Aleluia! – e se acomodava para que todos pudessem comer em silêncio.

Em outras vezes, mais raras, ela adquiria um olhar rancoroso e desatava a falar e falar ainda mais, lembrando os tempos em que sua família vivia perdida no mundo. Tempos sofríveis, em que vagava pelos bares para buscar o marido irresponsável que esquecia o caminho de casa, tempos em que se humilhou para credores, que pediu pelo amor de Deus que não o surrassem, nem o matassem. Tempos em que ele andava mal vestido, sujo, que vivia de bicos, nenhum patrão oferecia trabalho digno. O vício da bebida era uma doença, ela sabia. Não se tratava da sem-vergonhice que os antigos combatiam com difamações e piadinhas. A verdadeira cura tinha que ser espiritual. E não havia lugar melhor do que uma igreja para promover a cura espiritual. Desde que Abel passara a assistir aos cultos, Ivete e

Lauren presenciaram o renascer de um homem de fé inabalável, bondoso, temente a Deus. A Bíblia empoeirada, com a capa preta de plástico e mais de mil folhas de papel finíssimo, quase transparente, deixou de ser um objeto esquecido, atirado no fundo da gaveta do armário. Desde o renascer de Abel, a família passou a ler e interpretar o livro sagrado todos os dias antes das refeições. A mudança drástica nos costumes daquele marido arrebatou Ivete, que sem maiores questionamentos levou Lauren a reboque. Converteram-se. Num sábado ventoso, aceitaram Jesus em seus corações numa cerimônia de batismo coletivo onde a cantoria ultrapassava em muitos decibéis a tolerância do ouvido humano. Alinhado num terno escuro, pastor Jair foi o feliz emissário da palavra. Sua voz cremosa era um alento nos intervalos da música. Houve choro convulsivo, dança, louvores a plenos pulmões. Houve gritos de gratidão. Desde aquele dia, a casa de Ivete passou a obedecer a novas regras: todas as decisões importantes deveriam passar pelo crivo do pastor. O emissário da palavra de Jesus era o único ser capaz de enxergar as questões com clareza e indicar o melhor caminho. Tanto que sem demora passou a opinar sobre a educação de Lauren, as roupas, a escola, e desenvolveu uma estreita amizade com Ivete. Abel e Lauren estranharam no início, mas foram absorvidos pelo círculo de proteção que se formava entre os crentes que louvavam aquele homem e acabaram cedendo. A rede de cooperação agia de forma tão bem conectada que um emprego foi oferecido para Abel assim que ele se livrou dos males da bebida. “Glória a Deus”, Ivete soerguia-se. Quanto tempo a família havia passado nas trevas, sem qualquer esperança, e de repente, após a conversão, tudo começava a dar certo. Até os terrores noturnos e pesadelos de Lauren haviam acabado.

Passaram a ousar nos planos, como frequentar o culto dos empresários, sonhar com o próprio negócio, prosperar em algum ramo. Abel cogitou reabrir a oficina mecânica, Ivete queria uma loja de utilidades domésticas a preços populares. O importante era não perder a fé, não tomar caminhos que levassem para longe da igreja e das leis do Senhor. “E você”, Ivete apontava o dedo para a filha de nove anos, “logo vai entrar na fase em que o demônio tenta”. A garota se retraía toda, o medo tão forte quanto a curiosidade. Que coisa misteriosa seria tão difícil negar ao demônio? Ele devia assumir formas muito sedutoras, porque Lauren ouvia que todos, mais dia menos dia, caíam em tentação. Não contestava as razões da mãe, ela tinha propriedade em falar, salvara o pai da ruína. E ter o pai de volta ao convívio era uma experiência controversa. A filha nutria sentimentos confusos pelo homem que se manteve ausente durante boa parte de sua infância. Não sabia como chegar, sobre o que conversar, mal conhecia suas preferências, cor favorita, fruta, animal, moto, carro ou caminhão, essas coisas

que rendem assuntos bobos e carinhosos entre adulto e criança. Sem um convite claro de aproximação, manteve-se observando à distância e nem o achou tão mudado assim. Continuava o ensimesmado de sempre, como um bicho selvagem apatetado após anos e anos e anos recebendo altas doses de sedativos. Lauren temia uma aproximação, um carinho. “E você”, reafirmava Ivete, “tem que ser forte quando o demônio vier. Ele é esperto, usa disfarces para nos tentar. Como fez com a Inês”. Lauren aquiescia. E os acompanhava, pai e mãe, na esperança de que a imensa bondade do pastor derrotasse de uma vez por todas o bicho aprisionado dentro do corpo do pai. Se ele podia com o demônio, o restante dos males do mundo seriam adversários fáceis. Lauren conhecia os hinos, os louvores, e gostava muito do ambiente da igreja, que mais parecia uma grande festa. “E você? Como vai se proteger quando o demônio vier? Logo ele vem, escuta o que eu digo”, as advertências da mãe tão duras quanto ameaças. Mais ou menos por volta dos onze anos, quando o bullying na escola a afastou das colegas mais magras, Lauren achou que podia ser coisa deste bicho tão assustador, o demônio. Aos poucos, perdeu a espontaneidade de falar, agir, expressar-se em público. Na igreja, deixou de participar, de cantar. Ninguém notou. Talvez os pais não estivessem tão preocupados com ela. Talvez o demônio os preocupasse mais que uma garota sem graça, com o corpo quadrado, pernas finas e cabelos que não se ajeitam, motivo de apelidos no grupo da escola. Dos dez aos doze anos, suportou cabisbaixa as piadinhas. Entretanto, o belo soco que acertou em cheio no nariz da garota que a enfrentou no banheiro mudou todas as perspectivas. Lauren ganhara corpo e notoriedade. De repente, descobriu como se impor.

NÃO

A ordem da mãe fora específica: Lauren devia ir direto para casa após a educação física. Nada de ficar zanzando pela quadra da escola, a diretora avisara sobre o que certo grupinho de alunos andava aprontando por lá. Perplexos, muitos pais se reuniram e chegaram a assinar um documento para cercar a quadra e fechá-la a cadeado quando não houvesse atividades. Eles só não sabiam do vestiário do ginásio.

Isolada, a pequena sala retangular se transformava num ótimo ringue. As paredes, cobertas com antigos armários de metal, possuíam janelas basculantes simples, com uma lâmina de vidro apenas, posicionadas bem no alto, que funcionavam como excelentes barreiras para a propagação do som.

Os entusiastas e apostadores arredavam os bancos compridos de madeira e os usavam para limitar a área da luta. Um ambiente hostil, sem dúvida.

Depois da grave repreensão da diretora, Maurício passou a organizar com extremo sigilo a agenda de lutas, baseando-se na disponibilidade do ginásio. Terças e quintas à tardinha, impossível. Era o dia da Associação de Pais e Mestres treinar para torneios intermunicipais de futebol de salão. Nas quartas, a escola emprestava o espaço para o grupo de voleibol feminino. Restavam as segundas em que não havia oficina de teatro, porque nas sextas-feiras a escola fechava logo após a educação física.

A plateia passou a ser seletíssima, composta apenas de alguns alunos do sétimo, oitavo e nono anos. Direccionavam-se para o local aos poucos, de forma discreta, para não levantar suspeitas. Precisavam despistar os alunos mais novos que, embora insistissem, eram sempre barrados. Podiam dar com a língua nos dentes se pressionados pelos pais ou pela direção da escola. Os mais velhos, do ensino médio, poderiam assistir desde que pagassem o dobro. Mas poucos se interessavam pela atração.

– Eu não pago dez reais para ver duas crianças se esbofeteando – debochou um garoto com os braços fortes e o rosto cheio de espinhas. – Ainda se fosse luta de gostosas na lama.

Antes de ser promovida a estrela do ringue, Lauren Meira mal se movia quando a atividade da tarde era aula de ginástica localizada. Fingia exercitar-se sob os olhos atentos da

professora de educação física, mas arrastava as pernas e os braços sem entusiasmo. Quando concluiu que a ginástica poderia tornar seus membros mais fortes, passou a gostar dos exercícios. Chegava antes do horário e ia até a pracinha do jardim de infância para aquecer. Assistira a vídeos sobre a importância do aquecimento pré-treino, corria duas ou três voltas, fazia abdominais usando o escorregador como prancha e, com os avanços, já conseguia fazer cinco repetições de barra. Professores e funcionários aplaudiam o esforço da aluna, achando que a real intenção era outra.

– Você tem os traços tão bonitos, vai ficar linda quando emagrecer – repetiam, considerando a observação como elogio.

– Aham – Lauren concordava. E voltava a exercitar os bíceps até ouvir nova intromissão. Qualquer um se achava íntimo o bastante para aconselhar que não exagerasse. Se homem muito musculoso era feio, imagina mulher.

Mesmo com a autoconfiança restabelecida, naquela tarde não achou prudente desafiar a mãe. Juntou suas coisas, colocou na mochila e deu a última olhada para o ginásio. Uma semana atrás o lugar foi palco de sua maior vitória. Sheila, a garota fofqueira, responsável pelo início de toda aquela fama repentina, nem merecia a surra. Mas espetáculo era espetáculo, pessoas pagaram para assistir, então Lauren cumpriu o seu dever. No primeiro golpe, Sheila chorou, a cara ensanguentada, o nariz escorrendo e um fio de baba saindo da boca. “Já disse que na cara não”, Maurício a penalizou. Lauren teve que parar. Ora se Sheila podia ser nome de lutadora, que arranjasse adversária mais preparada. O soco bem dado no meio do nariz fora intencional. De agora em diante a garota pensaria duas vezes antes de espalhar fofocas.

– Mãe, cheguei.

Não era comum a casa vazia àquela hora da tarde. Logo o sino da católica chamaria para a missa das seis. A cidade inteira se guiava pelo sino, o comércio fechava as portas e as pessoas iam para suas casas fazer o jantar, assistir à novela e depois ao jornal. Lauren decidiu procurar os pais vinte minutos após ouvir o sino. Trancou a porta de casa e dobrou para a esquerda na mesma avenida que levava ao Centro se tomada no sentido oposto. Não era dia do culto da família, nem dos empresários, dos namorados, mas algum evento devia ter. Caminhou apressada, sua intuição dizia que havia o que temer, por mais improvável que isso fosse. A pequena cidade não ocupava o noticiário violento há anos. Lauren desceu e voltou a

subir, o terreno da avenida formava um declive seguido de uma lomba. Ofegante, entrou pela porta lateral e buscou o bebedouro da antessala do escritório da igreja. Entrou sem bater, encheu um copo plástico e tomou um gole generoso, respirando de forma ruidosa. Apoiou-se na porta, que entreabriu. E foi neste momento que, através da fresta, ela enxergou.

BONECOS DE UM TEATRO MÓRBIDO

Lauren recostou-se na parede contígua ao bebedouro para controlar a vertigem. De uma forma intuitiva sabia que não era prudente se anunciar. Algo muito, muito estranho ocorria naquela peça. Tomou o restante da água do copo plástico, fechou os olhos, ofegante, e reconheceu o óbvio que gritava sem emitir som: precisava tomar uma decisão. E rápido. Poderia se retirar de mansinho, sem fazer barulho. Tinha certeza de que não fora vista, as pessoas dentro da sala agiam de forma tão hipnótica que não atentaram para os ruídos externos.

Correr ou ficar, fugir ou encarar? Mas encarar o que exatamente?

Fugir enquanto havia tempo era a opção mais inteligente. Depois, se tivesse coragem, perguntaria sobre o estranho ritual. Devia ser um ritual, talvez uma espécie de batismo, só para os evangélicos adultos. Em casa, ouviria da mãe que não discutisse, nem se metesse nas bênçãos do pastor. Aquilo não devia ser assunto de criança.

Com o máximo de cuidado, Lauren se virou em direção à porta maior, de madeira escura e pesada. Pretendia se deslocar na pontinha dos pés até a rua, rota de fuga mais próxima. Só precisava do start, o impulso inicial, a explosão de adrenalina que acionaria os músculos tensos. Mas a reação tardava. Congelado, o corpo não obedeceu às ordens do cérebro e os olhos insistiram em perscrutar o que acontecia logo ali, atrás da outra porta.

Sentada numa cadeira alta, que mais parecia um trono de rei, Ivete expectava de vestido branco, os botões da frente abertos até a cintura, as mangas recuadas acentuando o decote, desnudando os ombros. Olhava em direção ao pastor, de costas no momento do flagrante. Num segundo exame, mais minucioso, Lauren notou que a mãe não olhava diretamente para a figura do pastor, seus olhos buscavam um objeto imaginário, acima da cabeça dele. A cena tinha um quê de elevação, de pinturas antigas, bem mais antigas e imponentes que aquela igreja simplória numa cidade de fim de mundo. Pinturas a óleo mostrando mulheres nuas que veneravam um deus lascivo e implacável.

No alto da cadeira, Ivete era a própria deusa, os seios à mostra sem embaraço. Aconchego e alimento para um filho, uma imagem comovente que logo se estragou. Tornou-se indecorosa, graças às atitudes do pastor, o monstro perverso que de repente se dirigiu a ela.

Com um ar enigmático, que podia ser de prazer ou de pesar, Jair se aproximou de Ivete. Ela não sorriu em retribuição, mas também não demonstrou descontentamento. Permaneceu apática, contemplando o tal ponto mais elevado. De longe, parecia tão lívida que Lauren podia jurar que enxergou seus pelos eriçarem de frio. Ouviu alguns resmungos, inaudíveis, e notou uma tentativa de sorriso nos lábios da mãe. O pastor deu um passo, depois outro, chegou a poucos centímetros de distância de Ivete. Inclinou-se até ela.

– Assim – disse numa altura que Lauren conseguiu ouvir.

Beijou a testa de Ivete, depois um lado da face e o outro. Segurou as duas mãos dela e também as beijou, pressionando os lábios por um longo tempo. Iniciou uma ladainha que Lauren reconheceu como citação de passagens bíblicas. Seu umbigo é uma taça redonda em que nunca falta vinho. Ajoelhou-se sobre uma almofada, de veludo vermelho, em frente ao trono, e beijou os seios de Ivete. Seu ventre é um monte de trigo, cercado de lírios. Lauren virou o rosto por instinto, a aversão e o interesse a tomaram em proporções idênticas. Sentiu o maxilar tenso, os músculos tremendo, mas agora era impossível recuar. Esticou-se mais um pouco. O pastor soltou os braços de Ivete e segurou seus seios, um em cada mão. Seus seios são como dois filhotes de cervo, crias gêmeas de uma gazela. Beijava-os e massageava, repetindo frases que um ouvido mais atento conseguiria compreender. Seu pescoço é como uma torre de marfim, seus olhos são como as águas de Hesbom. Abocanhou um dos seios. Degustou, por torturantes momentos, a carne pálida de Ivete. Ela não se moveu. Olhava para cima, sem emitir expressão ou som, como em transe. Ele recuou um pouco, jogou o quadril para trás e ajustou a calça, como se algo estivesse incomodando dentro. Olhou para o canto da sala e disse:

– Deixe-nos.

Havia mais alguém?

Que ritual obscuro, Lauren jamais ouvira falar ou lera a respeito do que presenciava. Dentro de uma igreja, nunca. Mais parecia um filme proibido, destes que as crianças assistem escondido dos pais. E, pelo jeito, era um espetáculo, não um encontro privado. O que viria a seguir?

Zonza, apoiou-se na maçaneta, precisava ver. A porta se abriu de repente, revelando todo o interior da sala e rangendo mais alto que o esperado. Um instante de descuido e ela foi descoberta.

Parou, a mão trêmula apoiada na fechadura, a garganta fechando de pavor enquanto Ivete, o pastor e a terceira pessoa a olharam de volta, sem expressar qualquer motivação. Frios como bonecos de um teatro mórbido.

Abriu bem a boca e levou as duas mãos ao rosto ao reconhecer o outro participante do ritual. No canto da sala, quem assistia a tudo era Abel.

KEEP WALKING

Os estrondos da porta da frente, um mais fraco e o outro mais forte, puseram Lauren em alerta, o corpo retesado, a audição apurada.

Ela havia corrido muito, puxando a cintura das calças que insistiam em escorregar a cada esquina vencida, e agora recuperava o fôlego sobre a cama, sem saber se chorava, rezava, fugia ou se escondia.

Impossível raciocinar. O cérebro recebera um bombardeio de informações conflitantes que se desencontravam.

Os estrondos forçaram uma decisão: abandonou o celular sobre a mesa de estudos e rumou para a cozinha. Passava das oito, hora de jantar.

Alguma ordem tinha de prevalecer na casa.

Retirou a toalha do armário. A branca, de bordados, que usavam somente em dias festivos ou quando recebiam visitas de fora. Dispôs os pratos, arrumando-os dois de um lado e o outro em frente. Afastou-se com a mão na boca e o olhar conspiratório. Mudou: o pai sentaria na cabeceira, coisa que nunca acontecera.

Escolheu os guardanapos de tecido do fundo da última gaveta do balcão e os enrolou dentro dos copos com as pontas para cima, como imaginava que fosse num banquete muito especial. Cozinhou o arroz e aqueceu o feijão. Numa forma metálica, a carne cozida só aguardava o calor do forno. Buscou temperos na despensa e os acomodou no centro da mesa.

Baixou a cabeça e deu espaço para a mãe passar.

– Boa noite – a mãe murmurou. Trancou-se no banheiro.

Lauren ouviu o barulho elétrico do chuveiro.

Sentado em frente à TV, o pai aguardava o chamado para o jantar. Trocava de canal com total desinteresse até que parou numa emissora de séries americanas. O comercial mostrava trabalhadores entediados que perseguiram um sonho difícil de realizar. A música de fundo, uma batida eletrônica estimulante, demonstrava que tudo daria certo, você alcançaria o objetivo. Mesmo que demorasse cinco anos ou mais, seu lugar no ranking dos vencedores estava garantido, bastava acreditar. Na mensagem final, o senhor Johnnie Walker, de fraque e

cartola brancos, caminhava sobre um fundo preto até sua silhueta ser impressa na garrafa quadrada com o precioso líquido dourado.

Keep walking.

– Tá na mesa – a mãe poupou Lauren de chamar o pai. Vestia cores escuras: camisa marrom fechada no colarinho e saia preta até o joelho. Sentou-se sem questionar a nova disposição.

Serviram-se, os três, de cabeça baixa. O único ruído presente era o dos talheres riscando o vidro dos pratos ou tocando as bordas das panelas. A televisão da sala permanecia ligada, num volume em que as palavras são indecifráveis para o ouvido humano. Mostrava uma reportagem sobre o comportamento de um bando de macacos nada amistosos. Lauren ousou erguer o olhar para a TV por um momento. Onde estão Adão e Eva, mamãe? Quis perguntar, não teve coragem. Não fosse a língua comprida da serpente, Adão e Eva estariam lá, no Paraíso, sem saber o que fizeram de errado. Os macacos e todos os outros animais não agem da mesma forma? Maldita cobra traiçoeira que avisou sobre o que é feio e constrangedor.

“Veja”, a serpente cochichou. E Lauren não conseguiu escapar da armadilha. Não se controlou, teve que olhar, presenciar, sentir todas as coisas confusas e assustadoras que a perseguiriam de agora em diante. Por que é que não ignorou? Tão mais cômodo esquecer e seguir em frente. Mas a serpente voltaria, Lauren sabia que voltaria, todas as vezes, com suas presas pontiagudas para lembrar que ela era suja. Por isso olhou, porque era suja e culpada.

– Tá delicioso!

A voz arrastada, um pouco rouca, do pai tomou o ambiente. Surpreendeu uma Lauren absorta que não percebeu a composição da mesa alterada por completo. A iluminação enfraqueceu, adquiriu um tom alaranjado que focava na cabeceira. Em pé, ao lado do pai, a mãe o alimentava. Enchia generosas colheres de raspas marrons e as socava na boca de Abel. A cozinha inteira cheirava à serragem que o pai mastigava com vontade, babando-se e estalando os lábios. Logo abaixo, no meio do pescoço, um corte horizontal que o rasgava de fora a fora se abria com os movimentos mastigatórios. Não havia sangramento, só as bordas da ferida esgarçadas, como se cortadas com uma tesoura sem fio. A serragem engolida não chegava ao estômago. Era expelida, logo após passar pela glote, através do rasgo. Misturada

com a saliva, escorregava feito uma gosma pelo babero e esparramava-se sobre a toalha branca da mesa.

Montes de serragem se depositavam em vários pontos da cozinha e da sala, sobre a pia, o fogão, o sofá e em volta da TV. A mãe seguia na tarefa mecânica de juntar o máximo possível e servi-lo até que a fome se acabasse.

Como robôs guiados por uma força invisível, viraram-se para ela:

– Não vai comer, Lauren?

Ela desviou o rosto, num sinal de repulsa. Abriu a boca para responder, mas a voz não saiu. Imediatamente, levou a mão ao pescoço. Apalpou-o, à procura do corte.

O pai ajeitou-se na cadeira:

– Mais!

Ivete voltou a servi-lo numa velocidade maior e com certa violência.

Sobre a mesa, a serragem se acumulava numa montanha movediça. As rasas desmoronavam, caíam, espalhavam-se pelo chão.

– Mais!

Uma colherada, um estalar de lábios e um gemido de satisfação. O longo corte do pescoço com as bordas bem vermelhas, cada vez mais afastadas, expelindo tudo de volta.

O pai apontou para o centro da mesa, onde Lauren acomodara os temperos. Havia um grande garrafão verde, de vinho colonial. Com alguma dificuldade, Ivete ergueu-o pela alça plástica e serviu uma taça. Voltou à cabeceira e inclinou a cabeça do comensal. O rasgo se ampliou, um buraco negro, como os do universo, que tudo engolem. Ou uma boca de monstro, que sorria enquanto vomitava o líquido rubro, manchando o babero, as roupas e a toalha de mesa.

– Você não quer mesmo, Lauren? Eu aposto que quer sim – a voz saiu pelo rasgo do pescoço do pai.

A lâmina da faca brilhou nas mãos de Ivete. Ela se voltou para Lauren, como se seguisse uma ordem. Aproximou-se devagar, o olhar parado, os cantos dos lábios repuxados de leve e a mão empunhando firme o cabo da faca.

– Você também vai sorrir – a boca do monstro disse.

A cada passo de Ivete, um novo soco no peito de Lauren. Quantos socos uma lutadora poderia sofrer até o nocaute? Uma pancada forte, outra mais forte, até que Ivete parou atrás do corpo da filha. Puxou-a pelos cabelos, forçando a inclinação da cabeça e encostou a lâmina sobre seu pescoço, sem pressionar.

– É rápido e indolor – a boca do monstro sussurrou.

O couro cabeludo doía do puxão e a pele em contato com a faca começou a arder.

– Você só precisa aceitar.

Imobilizada, Lauren ouvia tudo sem resistir. Mas a boca do monstro queria mais.

– Aceite e você se libertará.

A ponta da lâmina espetou um pedaço de pele. Lauren sentiu um filete de sangue escorrer.

– Aceite.

Fechou os olhos e aceitou a dor pungente que acabaria de uma vez por todas com aquela angústia.

Levantou num salto, como quem emerge de um mergulho profundo. Ivete e Abel soltaram os talheres e se voltaram para ela. Nada disseram.

INÊS

O visor do celular marcava três e vinte e cinco da manhã quando Lauren despertou de um sonho. Acordou como se retornasse de outro mundo e não soubesse qual dos dois era o real. Virou-se na cama, tentou se acomodar em diversas posições, de lado, de bruços, mas o corpo doía e a cabeça emendava um pensamento no outro. Decidiu ir até o banheiro jogar água no rosto, tentar reconhecer sua imagem ou, pelo menos, o mundo que habitava. No meio do caminho, mudou de ideia. Dirigiu-se ao quarto dos pais. Abriu a porta com cuidado e espiou por uma fresta. Ivete e Abel dormiam, cada um em seu lado da cama, dando as costas para o outro. Fechou a porta num leve ruído e foi verificar a cozinha. Tudo muito limpo e organizado. Tocou a toalha branca, claríssima, estendida sobre o tampo do fogão. A TV desligada, nenhum barulho além do ronronar do motor da geladeira que mais parecia a respiração agonizante de um animal de grande porte.

Entrou no banheiro e acendeu a luz ao redor do espelho. Chegou bem perto e examinou seu pescoço, intacto.

Voltou ao quarto com o celular na mão.

Visões estranhas, pesquisar.

Rituais da igreja, pesquisar.

Mato Buske, pesquisar.

Abriu o link.

Um garoto de cabelo loiro, bem liso aprumava-se em frente à câmera. Ao fundo, um móvel de madeira com duas portas fora do esquadro, provavelmente o guarda-roupas do repórter. “Olá pessoal, preparei para vocês mais um episódio do nosso incrível *Curiosidades macabras*, o canal que sabe tudo sobre o passado de simpáticas cidadezinhas que ninguém desconfia mas estão recheadas de lendas urbanas. E rurais”, o garoto emitia um risinho, “porque aqui é bem mais rural que urbano, né, gente? Então, lendas rurais, acontecimentos que ninguém explica, tudo isso aqui no nosso canal. E já que você está aí, aproveita e dá um like, chama os amigos e vem comigo descobrir os mistérios de *Curiosidades macabras*.” Uma nova cena se abria na tela do celular. Gravação noturna, a câmera apontada para um lugar escuro. Ao fundo, árvores com troncos cobertos de musgos, um aspecto fantasmagórico. As

folhas paradas, não se ouvia um farfalhar na noite sem vento. Mas pairava o suspense de algum bicho feroz saltar de dentro da vegetação, atravessar a tela e devorar o espectador. De repente, quem saltava era o garoto, para o meio do enquadramento da câmera. “Você que mora em Bosque Novo jamais poderia imaginar os mistérios que rondam a fundação de seu município. Sim, Bosque Novo é uma cidade que cresceu, prosperou e acabou escondendo as lendas assustadoras e até macabras. Nas ruas, lojas, postos de gasolina, quase ninguém fala nisso. Preferem evitar determinados assuntos e seguir a vida. Melhor não mexer em coisas do passado, não é mesmo?” O garoto aproximava bem o rosto da câmera. Depois se afastava. “Mas é só puxar conversa com moradores mais idosos que a verdade vem à tona. Não é estranho que os nomes Inês e Pedro não apareçam em placas de homenagens, já que eles foram os fundadores do município?” A filmagem, agora, mostrava fotografias de placas e os dois bustos, de Getúlio Vargas e de Marechal Deodoro, cimentados em locais de destaque na praça central. “Pois é, não tem uma referência, nenhuma simples menção ao primeiro casal que viveu por aqui.” Na nova tomada, o vídeo mostrava o garoto na lateral da tela, dividindo espaço com as árvores imóveis. Ele erguia o indicador: “A verdade é que os moradores querem esquecer que o casal Pedro e Inês roubou terras, mentiu, assassinou e escorraçou os vizinhos. Chegaram cheios de boas intenções, mas das boas intenções o inferno está cheio, não é mesmo?”. De repente, na montagem do áudio, iniciava uma risada alta, histérica. O garoto tomava a palavra de novo, falando em tom grave: “Inês soube aproveitar a oportunidade e se apossar das terras. Era uma bruxa da magia negra. Alguns acreditam que ela lançou um feitiço tão forte no casal Buske que a família inteira morreu de inanição, apesar da abundância de alimentos que produziam. Outros dizem que Inês os envenenou durante um jantar, depois carregou os corpos, um a um, e os enterrou na clareira que até hoje existe bem no meio do bosque”. O vídeo mostrava uma foto aérea do bosque. A clareira era evidente. Na imagem a seguir, o garoto voltava para o centro da tela. Assumia uma voz chorosa: “Ninguém sabe ao certo qual foi o triste fim daquela família. Mas uma coisa é unanimidade na boca dos bosquenovenses: Inês gostava de caminhar pela floresta, durante a noite, coberta somente com seu camisolão branco. E Pedro obedecia a todos os comandos da esposa, como um cão de guarda, um servo fiel”. O vídeo mudava para uma gravação de dia, o apresentador com roupas coloridas: calça jeans e camiseta vermelha sem estampa. “Verdade ou lenda? Dizem que Inês foi a única a conseguir um acordo com os espíritos do mal que viviam no bosque, e desde então a água deixou de ser imprópria e as terras passaram a produzir bons alimentos. Tanto que a localidade prosperou e se transformou nesta bela cidade, de pessoas felizes e muito

hospitaleiras.” A câmera girava para mostrar uma rua movimentada do Centro. Em seguida, voltava a focar o rosto do apresentador. “Verdade ou lenda? Você acredita no poder de Inês? É como eu sempre digo, melhor não mexer em coisas do passado.” O garoto, de novo, emitia um riso forçado, para parecer do mal. Na cena seguinte, ele aparecia sentado em frente ao computador, em seu quarto. “No próximo vídeo, vou falar das lendas que envolvem a fundação de Tuparendi, outra cidadezinha bem misteriosa da região. Não percam, assinem o nosso canal. Divulguem, comentem, convidem os amigos. Eu sou Gabriel Medeiros, estudante de jornalismo da UFSM, curioso e maníaco por mistérios não solucionados. Até semana que vem, pessoal!”

Horas mais tarde, debruçada sobre um monitor antigo, acinzentado e com as teclas duras, Lauren refez a busca por informações sobre o casal. Encontrou apenas um textinho de meia página, nada tão interessante quanto o vídeo. No celular, assistiu ao maníaco por mistérios não solucionados mais duas vezes. Desviou o olhar para a bibliotecária:

- Quanto é para imprimir?
- Vinte centavos por folha.

Lauren reuniu as duas moedas de dez e enviou o arquivo para a impressora. Depositou o dinheiro sobre a mesa da mulher e perguntou:

- Tem algum documento sobre os fundadores da cidade?
- Você tem os nomes? – a mulher respondeu sem tirar os olhos da tela do computador.

– Inês Buske.

A bibliotecária não respondeu. Permaneceu com a boca entreaberta, iluminada pela tela, e o dedo indicador girando o cursor do mouse. Lauren tossiu alto e ela se virou:

- Já tentou o Google?

Lauren exagerou num suspiro. Claro que havia tentado o Google. Nas buscas apareciam árvores genealógicas e fotos antigas. Nada sobre lendas indígenas, crendices e a verdadeira ligação da família com a colonização da cidade.

- Não tem algum arquivo da prefeitura? – insistiu.
- Tem – a mulher respondeu com as pálpebras semiabertas. – Olha, é bem pertinho daqui.

Desmotivada com a má vontade da bibliotecária, Lauren guardou a folha na mochila. Fechou o zíper e a jogou nas costas. Na calçada, pisou em falso no último degrau da escada de acesso. Agarrou-se num passante distraído.

– Ei! – Maurício disse. Fez uma cara de espanto ao reconhecer a colega: – O que você faz aqui?

– Vim pesquisar sobre o passado da cidade.

– Cara, você é muito estranha – ele riu. – Ninguém frequenta bibliotecas. É um trabalho ou algo assim?

– É mais curiosidade mesmo.

– Ah – Maurício continuou sem entender. Deu de ombros e seguiu.

Lauren apressou o passo para alcançá-lo.

– Você sabia que espíritos do mal habitavam o mato? – perguntou ofegante.

– Não.

– E do casal fugitivo?

– De quem?

– Inês e Pedro, o primeiro casal que teve terras por aqui.

– Antes ou depois dos espíritos?

Lauren compreendeu que ele não sabia de nada.

– O que você anda bebendo? – Maurício perguntou após um riso meio forçado.

– Acabei de assistir no *YouTube*.

– Estranho.

Maurício continuou no mesmo passo e Lauren ficou para trás. Pensou em mostrar a folha impressa, mas achou que ele ia debochar. E espalhar pelo colégio mais uma esquisitice da saponia. Parou. Ao longe, o sino da igreja católica badalou seis vezes.

CAVALO LOUCO

O giz branco partiu-se, saltou em dois pedaços, após o rincho que causou arrepios e desconcertou a turma barulhenta. Uma metade quicou na lousa e a outra voou em direção à garota de óculos com lentes grossas e rabo de cavalo, sentada na primeira fila. Até os colegas mais distraídos pararam o que faziam, rangendo os dentes e tampando os ouvidos. A professora sorriu:

– Isso é para que vocês prestem atenção.

Sentada no meio da sala, mais próxima do final da fila que do início, Lauren olhou ao redor e viu os colegas voltando para seus celulares sem a menor cerimônia. O interesse da maioria deles se dissipava com impressionante rapidez. O dela, não. Gostava das aulas de português, apesar de irritar-se com a postura da professora. Os outros, de matemática, ciências, educação física, impunham autoridade e raramente eram desafiados. A professora Erudita, com a maior paciência, lia, relia, recitava e, não contente com a ênfase, explicava todas as nuances do poema. Mesmo assim, não conquistou seu espacinho no altar das autoridades que mereciam respeito. Talvez porque se emocionasse com alguns versos. Baixinha e roliça, a professora de português namorou o professor de matemática, também baixinho e roliço, quando Lauren cursava o terceiro ano. As gentilezas, os olhares fortuitos nos corredores da escola e os beijos tímidos de despedida na hora do almoço foram as primeiras lições que a menina teve sobre relacionamentos amorosos. Espiava-os e quase conseguia sentir-se na pele dela, uma Erudita amada e cortejada, ansiosa pelo próximo encontro.

Casaram-se numa cerimônia da igreja luterana um pouco antes que Lauren terminasse o quarto ano. Ainda não tinham filhos, fato de se estranhar. Será que eles não faziam aquilo? Impossível que não fizessem, todos os casais faziam, é meio que obrigatório após a bênção da igreja. E teve aquele dia, no ônibus. Voltavam de um passeio da escola, um dia inteiro de atividades no parque aquático da cidade vizinha. Exaustas após horas de exposição ao sol, escorregadores em caracol e competições de nado e mergulho, as crianças dormiam em seus lugares, de bocas abertas e com os cabelos encharcados de cloro. Lauren não pregara o olho. Pela fresta entre os dois bancos, acompanhou os sussurros, beijos sugados e passeios de mãos, um universo excitante que ocorria logo ali, à sua frente. Acomodou-se

melhor na poltrona e concluiu: aquilo era quase um aquilo, só faltava tirar a roupa, embora não soubesse com exatidão a importância de estar sem roupa para fazer aquilo. Sua ingenuidade também não permitia que compreendesse o que aquilo tudo tinha a ver com o amor. Até então, o amor a fazia pensar em bolhas de sabão ou campos de força dos desenhos de super heróis. Se eu te amo, te puxo para dividirmos a mesma bolha e o campo de força nos protege, impede a separação. Por que as pessoas sujavam um sentimento tão puro com esse descaramento todo? Lauren morreria de vergonha se algum garoto a tocasse. Podia beijá-la, abraçá-la, convidar para um cinema ou sorvete. Pedir em namoro, tudo bem, mas sem se passar. E vê-la sem roupa, então, nem quando fosse adulta como Erudita.

Retirou a mão da boca e a examinou. Doía um pouco, a lateral do dedo indicador mostrava as marcas das superfícies cortantes de seus dentes, uma pequena boca, como mordida de criança, ovalada, com as bordas vermelhas. Lauren soprou a ferida e observou o tempo que as marcas levavam para se tornarem menos nítidas.

E então desapareceram por completo.

Virou-se para a mochila, abriu o estojo e procurou a caneta de tampa rugosa, sua última aquisição na livraria do Centro. Alaranjada, com seis listras pretas que delimitavam sua forma sextavada, a caneta deslizou sobre o papel soltando uma tinta grossa que fez Lauren pensar em antigas cartas escritas a pena.

Mas, além da letra mais elegante, havia um prazer secreto: ao morder a tampa preta, enfeitada com pequenas ranhuras, a garota sentia que seu corpo devolvia sensações esquisitas. Pressionar o plástico entre os dentes provocava uma comichão que se estendia para partes distantes de seu corpo, como se uma pequena mão a arranhasse de leve. A sensação crescia, alastrava-se, arpejava os pelos dos braços, da nuca, e provocava uma tonturinha boa, de vertigem. O coração se espremia todo dentro de um receptáculo que se fechava dentro de outro e de outro e de outro, reduzindo-se a um pequeno pedaço de músculo retumbante. Também não batia mais do lado esquerdo, sua localização mudara para uma região anterior da garganta, próxima a um osso em forma de U que ela aprendera na aula e não lembrava o nome. Ali, no pescoço, Lauren apreciava a potência do músculo descontrolado, um cavalo louco escapando para bem longe. A sensação seguinte era a de uma massagem. Imaginava uma escova de dentes, dessas pequenas, de bebê, com cerdas rombudas de borracha, indicadas para massagear as gengivas. Sentia o pequeno pedaço de músculo aos galopes enquanto a escova roçava sobre a pele mais fininha da sola do pé. Cócega, estremecimento e um prazer nada palpável, que se movia cada vez que Lauren tentava localizar a origem. A terceira

sensação era de um vazio dentro de si. Um oco nunca percebido, mas descoberto por um sopro, como quando se enche um balão com ar pela primeira vez. O vazio que não se sabia vazio. Através do espelho do quarto, via as transformações em seu corpo, embora evitasse falar com a mãe sobre o assunto. E não sabia exatamente porque devia se constranger com as modificações decorrentes da adolescência, essa sim muito falada nas disciplinas da escola. Pelos e mucosas, dobras e fissuras, embora pouco exploradas, tornaram-se alvo de uma curiosidade culposa. Afinal, os meninos se referiam a elas de modo agressivo ou debochado, como algo sujo, vergonhoso. A palavra feia, escrita nas portas dos banheiros e apagada às pressas dos muros, a palavra que Lauren aprendera a odiar, Deus a livrasse, mas era algo que pertencia ao seu corpo. Ela precisava admitir, por mais conflitante que fosse, que seu corpo abrigava uma b. Uma b., faltava coragem para assumir a palavra maldita.

O risinho da garota de cabelos muito escuros ao lado a pôs em alerta. Lauren tirou a caneta da boca, riu de volta, mas dessa vez não se sentiu vexada. Vai saber se a garota não possuía as mesmas sensações. Se sim, que bom ter alguém para conversar sobre o assunto. E se ela tivesse desenvoltura para falar nas palestras de educação sexual, onde quem melhor se expressava era aquela garota de corpo longilíneo e calças *legging* pretas? Poderiam tornar-se confidentes, compartilhar dúvidas e inseguranças. Debbie, a garota experiente, namorara um colega rebelde, outro mais certinho do segundo ano e um desajustado de fora do colégio, o que lhe rendeu críticas e também fama de garota avançadinha.

À procura de empatia, Lauren sorriu de volta. Debbie não retribuiu o gesto, neste momento havia recostado a cabeça sobre um braço e fechara os olhos. Dormia, alheia aos belos versos de Erudita e às descobertas de Lauren.

O CHAMADO

O som eletrizante da campainha anunciava o horário de guardar o estojo, livros e cadernos na mochila: dez para meio-dia. Lauren mal se continha, esperara como louca pela tarde de terça-feira, único dia em que a escola não exigia atividades extraclasse. Reservou sua tarde livre para investigar o texto que contava sobre os misteriosos fundadores da cidade.

Almoçou com os pais na mesma mesa, com a mesma toalha branca, mas com a composição antiga: ela de um lado, Ivete e Abel de outro. As visões haviam enfraquecido, tornaram-se difusas, fugidias, como sonhos.

Alheios à ebulição interna que inquietava as ideias da menina, os pais se mantinham reticentes, embora Ivete buscasse, aos poucos, reassumir a postura autoritária. Ela só não conseguira convencer Lauren a voltar para o culto, mas nem chegou a insistir muito.

Econômica durante as refeições, a conversa tornara-se inexistente. Quando falavam, o assunto se resumia ao trivial: o que trazer do mercado, a conta de luz vence dia quinze, o gás aumentou. Nem a bendita palavra era evocada nesses tempos estranhos. E Lauren só falava ao final do almoço, para perguntar se estavam satisfeitos. Se sim, retirava os pratos, lavava tudo, guardava e então recebia autorização para ir até seu quarto.

Naquela tarde, pegou sua mochila e pediu licença para sair.

– Marcaram aula de reforço hoje? – Ivete indagou.

– Não – Lauren respondeu –, vou até o arquivo municipal.

Ivete fez cara de espanto.

Antes de bater a porta, Lauren gritou:

– É um trabalho sobre os fundadores da cidade.

Tomou a rua principal e, ao chegar à Praça da Matriz, atravessou-a em direção ao prédio de dois andares da prefeitura. No saguão, dirigiu-se ao vigilante perguntando sobre a localização do arquivo.

– É no fundo do corredor – o homem instruiu. E emendou: – Qualquer dúvida, converse com a estagiária.

Lauren chegou até a porta e bateu duas vezes, de leve. Esperou cerca de quinze segundos e bateu de novo, mais forte. Voltou o olhar para o corredor. Lá do outro lado, o guarda a incentivava, com gestos efusivos, a ir em frente.

Entrou. A sala retangular, muito mais comprida que larga, parecia um anexo grande demais para um prédio de dimensões nada colossais. Amplas janelas de vidro, dispostas na parede contrária à porta de entrada, ofereciam vista para o mato do Buske, aos fundos do edifício. Uma mesa de escritório, com monitor, teclado e CPU, estava desocupada, logo abaixo da primeira janela. Em frente à mesa e à esquerda de Lauren, seis colunas de prateleiras de metal, cobertas de cima a baixo com livros, caixas de papelão e arquivos de pasta azul ou plástico incolor, ofereciam todo o acervo disponível a quem se interessasse pelo passado de Novo Bosque. Lauren se aproximou da mesa e viu que havia arquivos abertos na tela do computador. Concluiu que o ocupante voltaria em breve, mas não quis esperar. Decidiu explorar as prateleiras por conta própria. Elegeu a coluna bem do meio da sala e examinou os títulos, irritando-se com a falta de organização e o acúmulo de pó. Percorreu até o fundo, onde havia uma mesa oval, com cinco cadeiras, possivelmente disponibilizada para reuniões. Retornou até a frente da sala pelo corredor mais iluminado, rente às janelas, onde as folhas dos arquivos ainda conservavam o branco da celulose apesar da exposição ao sol. Reiniciou a exploração pelo primeiro corredor, ao lado da porta de entrada, onde os documentos amarelados tinham aspecto de mais antigos. Inês Buske, Inês Buske, devia haver alguma informação. Correu o olhar sobre as lombadas dos livros, com a ajuda do dedo indicador que deslizava título a título. Livros em português, a maioria, mas muitos em alemão, alguns em italiano, inglês e até numa língua estranha que Lauren imaginou ser latim, devido às ilustrações cristãs. Tomada por uma curiosidade cada vez mais excitante, avançou até chegar a um livro que falava sobre o mato. Abriu-o, usando uma prateleira mais desocupada como apoio. De uma edição simples, o livro trazia informações como a extensão do bosque, as espécies animais e vegetais que o habitavam e alguns parágrafos sobre os proprietários. Na penúltima página havia uma foto da família. Todos, ou quase todos, sorriam para a câmera. Todos, menos a mulher de vestido branco. Lauren aproximou a fotografia do rosto e verificou que ela não olhava diretamente para o fotógrafo, mas para um lado, como que espantada por algo. Lauren virou o livro, examinou de cima, de baixo, dos lados. Ela enxergava alguma coisa, um fato, um acontecimento além.

Neste instante a porta se fechou numa batida forte.

Estranho, Lauren não se lembrava de tê-la deixado aberta.

Permaneceu ali, com o livro na mão, achando que a estagiária voltara a seu posto. Deu dois passos para o lado, espiou por entre as prateleiras e avistou a mesa ainda vazia. Voltou ao livro. Um barulho ao fundo, de serra elétrica, até então inaudível, tornou-se mais

agudo, a ponto de irritar o ouvido. Folhas de documentos voaram e livros abriram suas páginas por conta de uma lufada de ar um pouco mais forte. Era estranho, porque o vento devia ter de fazer uma curva para desviar do mato e entrar pelas janelas da sala.

Lauren,

Lauren

O barulho agudo da serra misturou-se com a voz que a chamava. Empertigou-se, balançou a cabeça diversas vezes, estava tudo muito claro e real para ela ter uma visão.

Lauren,

Lauren

Tal qual um canto de sereia, a voz chamava. Era voz de mulher, sem dúvida. E vinha do mato. Lauren soltou o livro, caminhou até o fundo da sala.

Venha,

Lauren

Escorou-se na última janela, olhou para fora, desconfiada. A melodia prosseguia, um tanto acolhedora e desafiante. Debruçou-se, olhou para baixo, calculou a altura. Devia ter uns quatro metros até a calçada que circundava o prédio, uma queda dali renderia, no mínimo, uma perna ou braço quebrado.

Mas o chamado... O chamado vinha do mato:

Lauren

Agora era nítido, uma voz fina de mulher, quase cantando o nome dela.

Debruçou-se ainda mais, como se fosse possível ouvir melhor. Num equilíbrio perigoso, o corpo pendeu mais para fora que para dentro.

Lauren

Era questão de um impulso. Um salto, apenas, e ela alcançaria o chamado.

– Que isso? – gritou Debbie ao segurar firme seu braço.

– A música – Lauren balbuciou.

– Volta aqui, sua retardada – com um pouco de força, jogou o corpo de Lauren de volta para dentro da sala – o que você ia fazer?

– Eu ouvi a música e... Eu não sei.

DEBBIE

– De onde você tirou essa história? – Debbie riscou com a ponta do lápis sobre a fórmica verde da mesa oval.

A janela continuava aberta e uma leve brisa teimava em despentear uma mecha de sua franja. O barulho da serra, um pouco mais agudo e distante, persistia.

– Eu li, ué – puxou da mochila a folha impressa na biblioteca. Alcançou para Debbie, que leu em voz baixa, movendo os lábios.

– Bom, a verdade é que ninguém sabe ao certo – devolveu a folha para Lauren. – Dizem que não foi bem assim.

– É como, então? – Lauren aproximou sua cadeira da de Debbie. O movimento fez o piso ranger.

– Bom, uma vez minha avó contou que Inês e Pedro não eram Buske coisa nenhuma. – Arregalou os olhos. – Eram filhos de duas famílias inimigas e fugiram para viver seu amor.

– Como Romeu e Julieta? – Lauren suspirou.

– Como Romeu e Julieta.

Ficaram em silêncio. Lauren cobriu a boca com os dedos e passou a imaginar uma nova história, bem diferente da que leu. Pedro, agora, não era um velho de quarenta anos, mas um mocinho, de dezessete ou dezoito. E Inês, uma garota de dezesseis, bonita, cabelo castanho pela cintura e vestido branco. Não a adúltera que a cidade difamava.

– Mas, e o sobrenome?

Debbie revirou os olhos, meio entediada:

– Não dá pra acreditar em tudo o que a internet diz.

– Eu sei – choramingou Lauren. – Mas parecia tudo tão de verdade. Uma história de aventura, bem emocionante.

– A verdade é que Inês e Pedro vieram de uma cidadezinha perto de São Borja. Minha avó contou que a tal cidade era dominada por duas famílias muito ricas: os Campolargo e os Vacarianos. Não podiam se enxergar que rolava briga de soco e até tiros. Mas é sempre assim, onde há ódio, há também amor, e Inês se apaixonou pelo homem mais inacessível. A única saída era recomeçarem a vida onde ninguém os conhecesse. Chegaram

aqui meio por acaso e pediram abrigo para os Buske. Contaram seu drama, a família deve ter ficado com muita pena, porque até deixaram usar o sobrenome.

– E que idade tinha a Inês?

– Não sei, acho que uns vinte e oito, trinta.

– Tudo isso? – Lauren virou a folha e começou a desenhar uma árvore grande.

– Ela fugiu do marido – Debbie continuava riscando a mesa. Não formava desenho algum, só uma espécie de sombreado.

– Essa parte, então, é verdade?

– Que ela era casada? Sim. E Pedro também tinha mulher. Acho que até filho ele tinha.

– E sobre os espíritos? – Lauren ergueu os olhos, como se de repente se lembrasse do detalhe mais importante. – Sua avó contou?

– Que espíritos?

– Os espíritos da floresta.

– Não sei de espírito nenhum – Debbie passou a riscar mais forte –, mas a vó disse que Inês tinha visões e que entrava no mato no meio da noite. Que fazia uns rituais, sei lá, era meio bruxa.

– Isso eu sei.

– Inclusive, dizem que a família Buske viveu um tempo aqui, depois se mudou para outra colônia, mais para o lado do rio, e ninguém mais soube deles. Apareceram e desapareceram num passe de mágica. Inês e Pedro que ficaram com tudo.

– Ah – Lauren suspirou. Não sabia se a confirmação de parte de sua história causava alívio ou apreensão. Arrematou sua árvore desenhando dois galhos do mesmo tamanho, um de cada lado, como braços defeituosos prontos para um abraço. – Sabe? Desde pequena, eu sempre enxerguei umas coisas – confessou, por fim.

– Enxerga coisas?

– É, mas acho que é coisa da minha cabeça.

– Ah, isso acontece – soltou um riso alto.

– Para – Lauren segurou o braço da garota, que imitava alguém puxando um fuminho.

– Garota, se você enxerga coisas assim, de cara, você é muito sortuda.

A DERROTA

Após as proibições, ameaças de suspensão e até de expulsão, o ringue esvaziara. A maioria dos alunos deixou de acompanhar as lutas, morriam de medo de represálias na escola e castigos em casa. Encontrar data em que o ginásio não tivesse atividade também se tornou um empecilho. Maurício tentou ludibriar os responsáveis e chegou ao ponto de oferecer suborno para um guardinha. Levou uma bronca, tão jovem e já conhecia a corrupção? Foi numa segunda-feira de setembro, de chuva fina e persistente, os professores e vigilantes tinham mais o que fazer, organizar contas pessoais, elaborar provas ou repor o estoque de meias, então baixaram a guarda e o ginásio ficou livre. Era o momento, Maurício saiu como louco tentando arrecadar fundos para a luta. Adversário tinha, público, de umas quinze pessoas, tinha. Faltava convencer Lauren.

– Poxa, é vitória certa – ele passou a tarde rodeando a colega no laboratório, insistindo.

Mas Lauren não queria saber de conversa, Maurício tinha provado que na hora em que a situação apertasse a deixaria na mão.

– Ah vá, a diretora até esqueceu de você – ele disse enquanto agrupava os espécimes de insetos coletados em frascos de vidro. Numa prateleira, os dispôs de menor a maior. Retirou alguns da fileira e colocou aranha perto de aranha, besouro grande ao lado do menor. – Vai ser luta de um soco só, como a da Sheila. Um golpe e a vitória, a menina é fraquinha. Além disso... – Apontou para a ilustração que ensinava as características dos anfíbios.

– O quê? – Lauren se interessou.

– Nada. Não sou fofoqueiro.

– Agora fala.

– Nada.

– Fala – pressionou o cotovelo sobre o peito dele, empurrando-o contra a parede.

– Ela te chamou de sapona.

– Quando?

– Sexta passada. Ela disse: quero dar uma lição na sapona.

– Mas o que é isso? – Lauren elevou a voz. Espiou a mesa central e viu a professora erguer a cabeça e pedir silêncio. Continuou baixinho: – Todo mundo me odeia nesta escola?

– Ah, você sabe – Maurício devolveu no mesmo tom –, todo mundo quer lutar com você. Tirar teu cinturão é meio que um objetivo.

Com orgulho e uma pontinha de vaidade, Lauren desvencilhou o colega. Olhou para o quadro dos anfíbios, exposto na parede dedicada à Biologia. Um sapo verde, com pintas pretas nas costas, ilustrava o painel que demonstrava seu ciclo de vida na natureza. Iniciava com os bichos acasalando e a fêmea depositando os ovos na água. A seta do círculo rodava e os ovos eclodiam. Transformavam-se em girinos, uns vermezinhas nojentos com uma cauda preta, que cresciam, perdiam a cauda e viravam sapinhos adolescentes. Tinha sete ou oito deles coaxando na beira da lagoa. O nome científico do fenômeno, metamorfose, escrito em vermelho no outro giro da seta. E no alto do desenho, a fase final do ciclo, com o sapo grande posando em cima de uma pedra, à procura de uma parceira. O início e o fim.

Refletiu durante os instantes que as serrinhas dos dentes arrancavam a ponta de uma unha. Via-se numa encruzilhada: se negasse, sua fama ruiria em pouco tempo. Se aceitasse e fosse pega, sala da direção. De novo. E agora a punição seria mais severa.

– Que horas?

Maurício estalou os dedos no ar. Tomou o rumo da porta:

– Vou no banheiro – gritou para a professora.

Voltou quinze minutos depois. Cutucou Lauren na cintura:

– Tudo certo!

Pega de surpresa, ela se encolheu toda. Repuxou o tecido da camiseta, colado aos gomos de gordurinha da barriga.

Cinco da tarde e o ginásio em silêncio. Em frente ao espelho daquele vestiário abandonado, Lauren torcia para que a adversária desistisse. Ou para que o público se restringisse a tão poucos interessados que aparecer ali causasse constrangimento. Imaginava que a recusa em lutar, essa sensação nova e até então desconhecida, fosse por medo de nova represália. Mas uma angústia diferente dizia que havia algo a mais, uma coisa estranha, incomodando, como uma pedrinha dentro do sapato.

Na tentativa de afastar maus pensamentos, começou a aquecer os músculos. Apoio, polichinelo e uns saltinhos no ar. Movia-se com agilidade, sem soltar um gemido para não alardear o uso do vestiário. Qualquer barulho a denunciaria. No pulso esquerdo, os ponteiros

do relógio saltavam de segundo em segundo, emitindo um estalinho quase imperceptível. Lauren, entretanto, ouvia-o com nitidez. Ouvia e contava o tempo que faltava para que passasse demais da hora combinada, concedendo-lhe uma boa desculpa para não lutar. Inútil todo o trabalho de mentalização. Vinte minutos depois do combinado, com a mão sobre a maçaneta da porta do vestiário, percebeu um pequeno grupo se aproximando e teve que dar meia volta.

– Quase fomos pegos – Maurício confessou após um suspiro.

– Quem sabe a gente desmarca? Deixa pra outro dia.

– Não – ele insistiu – tá limpo agora.

Plateia, árbitro e adversárias puseram-se em posição. Um pouco antes do sinal de início do combate, a sala se tornou escura, como se uma nuvem encobrisse os últimos raios do sol do entardecer.

– Vai que tá de barbada – Maurício a empurrou de leve.

Mas Lauren não enxergava a barbada. Sabia que meninas magras podiam ser mais ágeis e ter musculatura forte. Pelo sim ou pelo não, partiu para cima na primeira oportunidade. Tentou acertá-la na boca do estômago, mas a mão escorregou e o soco pegou de raspão. A garota pulou para trás e, rápida, ocultou-se num canto da peça. Lauren voltou à posição de ataque, bufando, estudando nova investida. Segundos estalaram em seu relógio de pulso e nada de a adversária retornar. Lauren forçou a visão, procurando enxergar melhor a figura escondida. Sobressaltou-se, havia dois pontos em vermelho cerca de um metro acima do chão. Eles brilharam e depois enfraqueceram, até quase sumirem. De repente, como se o sol, num último suspiro antes do anoitecer, voltasse a iluminar, a silhueta da garota ficou visível e ela deu dois passos para a frente. Meio manca, meio cambaleante, avançou, os braços e pernas se desdobrando a partir de posições retorcidas, como ossos fraturados voltando à anatomia original. Ao parar na frente de Lauren, as pontas dos pés cresceram e o ângulo de seus calcanhares se abriu, como se abrem dobradiças. Adquirindo um metro de altura a mais, as pernas se alongaram e o corpo da garota pendeu um pouco para a frente. Os braços se esticaram e afinaram, esquilidos, como cabos de vassouras. E nas pontas deles, dedos compridos com longas unhas. Antes de atacá-la, a criatura emitiu um som gutural. Lauren tampou os ouvidos, fechou os olhos e se encolheu. Sentiu uma paulada, duas, três, no ombro, nas pernas, nas costas. Caiu de joelhos no piso duro e, ainda com os olhos fechados, levou a última pancada, na cabeça.

PREMONIÇÕES

– Como é que você se acovardou para aquela idiota? Não te reconheci, a garota batia muito mal, com a mão mole. E você não reagia.

– Não enche, Maurício. Eu te falei, disse que não estava bem.

– Foi sinistro. Sério!

– Eu apaguei, sei lá – Lauren desconversou. – E a garota? – perguntou após uns instantes de silêncio.

– Tá lá, toda feliz com o cinturão. Você vai deixar barato?

Lauren não respondeu. Andava cabisbaixa, arrastando os solados dos tênis pela calçada de tijolo. Maurício a seguia de perto, rodeando-a como uma mariposa. Algumas vezes tentava aproximação pela esquerda, outras pela direita, sempre com uma ideia estúpida para apresentar. E se a gente encontrasse outro lugar? E se fosse fora, longe da escola? E se eu invalidasse a luta? Posso dizer que você passou mal, que teve dor de cabeça, de barriga, TPM, tontura...

Quem observasse de longe poderia achar o garoto um tanto intimidador. Mas Lauren não se deixou abalar. Absorvia menos da metade do que ele dizia. E pensava na criatura, o monstro ameaçador, todo desconjuntado.

Que só ela viu.

Os colegas não enxergaram. Como era possível que ninguém mais tivesse enxergado?

Desesperador notar que não havia a menor chance de acreditarem em sua versão. Ririam dela, chamariam de louca, desequilibrada, mentirosa, retardada, ou tudo junto. Milhares de memes de uma sapa tremendo ou branca de susto pipocariam na internet.

Num lampejo de memória, lembrou os faiscantes olhos do monstro. Parou no meio da rua. Sentiu um impulso elétrico percorrer o corpo, o mesmo de uma hora atrás, quando a criatura se apresentou inteira, surgindo da sombra. Emoldurados por sobranceiras circunflexas, os olhos intensos saltavam para fora das órbitas. Pequenas veias cruzavam a parte branca, formando rios retorcidos de sangue. E no canto da boca murcha, escorria um prolongamento escuro e pegajoso, como a cauda de um verme.

– Anda – Maurício a empurrou para a calçada. Apontou para um carro que vinha.

Atravessaram, Lauren, Maurício e o monstro. Ele a rodeava, como Maurício. Mas agora era pequenininho, um mosquito irritante. Os pontinhos vermelhos, entretanto, brilhavam como nunca.

– Você não vê? – Lauren perguntou.

– Ah?

Não, ele não via.

– Nada – desanimou-se. Como se se lembrasse de uma informação importante, parou de novo. Apontou o dedo no nariz do colega: – Se alguém der com a língua nos dentes, vou te levar junto para a diretora.

– Ninguém vai falar, boba. Todos os que foram estavam bem avisados. E...

– Ninguém se machucou. Né?

– Eu ia dizer que a única machucada não reclamaria na direção.

Na esquina da avenida, pararam. Com um safanão repentino, ela afastou o mosquito.

– Talvez seja bom eu consultar com um psicólogo. Alguém que me ouça, sabe?

Maurício riu:

– Daqui a pouco você fica igual às garotas idiotinhas da escola.

Ela voltou a morder o canto quebrado da unha. Arrancou um pedaço do couro solto na ponta do dedo, chupou o sangue. A boca se encheu do gosto de ferro.

– Você já pensou que podem existir coisas além do que a gente vê?

– Como o que, por exemplo?

– Como monstros, espíritos.

– Já. Mas sei lá, não perco meu tempo com isso.

– E se existir?

– E se não existir?

– Não sei – Lauren baixou a voz –, coisas estranhas acontecem comigo.

– Tá acontecendo agora?

Lauren pensou um pouco: – Agora, agora, não – respondeu.

– Então deixa pra lá.

Despediram-se. Maurício saiu andando daquele jeito meio mongolão que balança o pescoço para frente e para trás, como se quisesse impulsionar o resto do corpo para o próximo passo. Observou-o cruzar a rua, sua figura foi longe, bem longe, até que desapareceu. Lauren virou-se para a direita e, antes de dar o primeiro passo, o mosquito voou em direção à ferragem. Paralisou diante das letras que acendiam e apagavam, enquanto o letreiro maluco

emitia um zumbido. Um forte cheiro de fio queimado saía de um tubo ligado ao poste de energia. Para Maurício aquelas informações passariam despercebidas. Para Lauren, não. Podia ser o prenúncio de algo ruim. Correu para casa antes que se deparasse com um curto circuito, incêndio ou coisa pior.

TEMPESTADE

– O pastor quer te ver – disse Ivete.

O rosto de Lauren ardeu. Devia estar vermelha, não teve coragem de abrir a boca para concordar.

– Ele reclamou que não te viu mais no culto.

A mãe usava cores alegres: blusa amarela com um babado escandaloso na gola e saia jeans mais clara que as usuais. Mantendo o recato de sempre, o comprimento da saia respeitava a regra de cobrir a coxa inteira, estendendo-se até um dedo abaixo do joelho. Mesmo assim, o figurino destoava do costume de uma devota tão sóbria.

– Vou no próximo – usou a primeira desculpa que veio à cabeça, abriu a mochila e remexeu os livros –, preciso estudar. – Tomou a direção do quarto.

– Senta no sofá, com teu pai – Ivete disse. – A comida tá quase pronta.

Lauren sentou, não queria se envolver em conflitos desnecessários. Mas não compartilhou com Abel o interesse pelo que passava na TV. Sacou o celular e respondeu a mensagens de grupos. O silêncio imperava no ambiente, um pouco mais incômodo do que todos os silêncios de todos os jantares em família. A atmosfera densa gerava um calor sufocante, pegajoso, que os confinava a um convívio desagradável. Por duas ou três vezes, viu Abel secando a testa com um lenço de pano. Em pé ao lado da pia, Ivete se mostrava imune. Rompeu o mal-estar e se impôs, rodopiando ao cantarolar um dos hinos da igreja. Surpresa, a filha virou-se imediatamente para a mãe. Abel não. Permaneceu grudado ao programa da TV.

– Acho que vem tempestade aí – disse –, calor fora de hora sempre traz chuva e ventania.

Com um aceno de cabeça, Lauren concordou. Voltou ao joguinho de blocos do celular.

– Tá na mesa – Ivete anunciou. Sem encarar a filha, emitiu alguns sorrisos e nenhuma explicação.

Bife, arroz e batata frita, seu prato favorito. Um pouco de salada verde e tomates.

– Quer um ovo?

– Não – Lauren encheu a boca com uma garfada. Elogiou e repetiu o prato principal.

Ao cruzar os talheres, ouviu a sentença:

– O culto dos jovens é amanhã.

O rosto da garota se iluminou, as bochechas coraram. Culto dos jovens? Ela participaria do culto dos jovens? Será que a mãe finalmente percebia que ela não era mais criança? Claro que sim, balançou a cabeça repetidas vezes. Pensou num vestido apropriado, a mãe a acompanhando até a loja, palminhas animadas de aprovação após abrirem a cortina do vestiário. Uma cumplicidade que até então nunca existira.

O primeiro ribombar soou lá fora.

– Tá tudo bem fechado? – quis saber Abel.

Estava. Talvez por isso o abafamento na cozinha. Um clarão iluminou o céu e as luzes se apagaram. Durante alguns segundos os três aguardaram, tensos, o estrondo do trovão. Apertaram os olhos ao ouvir o clique que precedeu o choque das nuvens carregadas. A casa inteira tremeu. As luzes acenderam e o vento passou a soprar forte, invadindo a casa pelas frestas das persianas.

– O uivo dos mortos – a mãe sentenciou.

Portas e janelas balançavam com a força da ventania. Chocavam-se contra os marcos e guarnições. O lobo parecia furioso, soprava, bufava, tentava mandar a casa voando pelos ares.

– Será que vai faltar luz? – a voz de Lauren saiu trêmula.

– Leva uma vela – Abel disse –, só não deixa acesa perto da cortina ou dos teus cadernos.

– Tenho lanterna no celular.

Deitou-se de barriga para cima, as pernas esticadas, os olhos grudados no forro de madeira. Levantou em seguida para fechar a porta do roupeiro, entreaberta. Deslizou a mão por baixo da pilha de camisetas e agarrou o pequeno livro de capa dura, seu diário. Abriu-o e percebeu a violação. A pessoa que leu suas confissões descuidou-se ao guardá-lo. Uma página, uma folha com muitas marcas de manuseio denunciava o invasor de privacidade. Justamente a página que relatava os episódios das visões, das dúvidas que tinha. Mais adiante, outras confissões. Falava de temores, das dificuldades em reconhecer o real e o imaginário, do medo de estar enlouquecendo.

Fechou o diário, apertou-o contra o peito. Para quem era de reza, melhor rezar.

NO CREO EN LAS BRUJAS

Na manhã seguinte, passou pela cozinha, arrancou um naco de pão e saiu mastigando de boca aberta. A calçada a recebeu com um ventinho cortante que anunciava o retorno do frio de outono. Tranquilizou-se, nada de tempestades por enquanto. Levantou as bordas da gola do casaco e apressou o passo até a entrada da escola.

Na porta da sala de aula, foi interceptada pela diretora:

– Lauren, tudo bem com você? Vim avisar que você tem encontro com a professora Erudita, hoje, no horário do recreio.

Lauren disfarçou o susto e assentiu. Andou devagar até sua carteira. Sentou-se, a professora de Ciências não havia iniciado a aula, então gastou o tempo de espera matutando uma desculpa para evitar a sala da direção.

Dez e quinze da manhã, sem elaborar um plano convincente, Lauren deu-se por vencida. Aguardou a professora, os pés paralelos em frente à porta e os dentes arrancando a ponta de outra unha. Deu duas batidas leves e ouviu um “entre” que parecia vir das profundezas de uma caverna.

Entrou.

– Bom dia, Lauren – Erudita a encarou por cima dos aros dos óculos. – A diretora me pediu para conversar com você.

Constrangida, Lauren baixou a cabeça. Analisou os cadarços do tênis, marrons de tão sujos.

– Por favor – Erudita apontou a cadeira –, senta um pouquinho.

Lauren sentou-se na cadeira ao lado e emitiu um suspiro. Ainda bem que não era a sala intimidadora da direção. A sala 3B era um espaço apertado, onde havia de tudo um pouco: carteiras quebradas, caixas com livros e apostilas, trabalhos dos alunos dos primeiros anos e um fichário caindo aos pedaços. Não fosse um local arejado, Lauren teria iniciado uma crise de espirros. Mas Erudita se antecipara: abrira as cortinas e posicionara duas cadeiras em bom estado frente à janela de vidro.

– Bom, a escola está com muitas dificuldades em contratar uma psicopedagoga. Burocracias, falta de verbas do estado, mil empecilhos – apontou para as carteiras empilhadas.

– Decidi me oferecer para o teu acompanhamento. Então devo iniciar a nossa conversa perguntando se você se sente bem nesta escola.

Com a cabeça inclinada para um lado, depois para o outro, Lauren a encarou.

– Pode responder, estou aqui para te ajudar – apoiou os cotovelos nos braços da cadeira, inclinou o corpo para a frente –, vamos encarar como uma conversa de amigas.

– Se eu me sinto bem?

– É. Se você tem problemas com colegas ou professores.

Todo mundo sabia que Lauren vivia isolada. Nem precisava perguntar, era só observar um pouco. Mas se Erudita não tinha sensibilidade para notar isso, paciência.

– Não, professora. Tá tudo bem.

– Ótimo – Erudita festejou batendo as palmas das mãos. – E em casa? Tudo bem com teus pais?

Péssima pergunta. Claro que ela não responderia a verdade, mas morria de medo de ser traída por um suspiro, uma expressão.

– Meus pais estão bem.

– Ótimo – a professora pareceu aliviada. Talvez não tivesse competência ou preparo para tratar de assuntos mais complexos. – Então vamos ao caso das brigas – disse por fim.

Lauren encolheu-se na cadeira. De novo falar sobre as lutas? E cadê Maurício para tirá-la da enrascada?

– Professora, eu não sei o que andaram falando...

– Calma – Erudita lançou um sorriso que tentava demonstrar empatia –, não estou aqui para julgar. Só quero compreender. E ajudar.

– Só teve uma vez. E foi para me defender do bullying, professora.

Erudita a olhou com firmeza. Depois pegou uma prancheta e escreveu na folha em branco. Lauren imaginou a professora rabiscando e circulando diversas vezes a palavra mentirosa. Por via das dúvidas, manteve sua versão.

– Quando fui chamada na direção, eu já não brigava mais.

Erudita anotou de novo. Lauren teve vontade de arrancar a prancheta das mãos dela. Tinha certeza que leria “muito mentirosa, dissimulada e manipuladora”.

– Ficamos sabendo que houve uma briga ontem.

Lauren sobressaltou-se. Sabia que tinha dedo-duro no grupo. Sempre tem.

– Soubemos que você se machucou e ficamos muito preocupados. A escola não pode abrigar este tipo de comportamento.

Acuada, Lauren soluçou:

– Foi uma brincadeira, professora. Não teve nada.

– Querida – Erudita tentou tocar o rosto de Lauren, que desviou. Mudou, então, o tom e disse de forma enfática: – Não podemos resolver nossos problemas com agressividade.

– Tá bom – Lauren secou as lágrimas que brotavam grossas nos cantos dos olhos. Prometeu que não participaria mais, disse que concordara por impulso, mas que se arrependera. Não agiria mais de modo irresponsável, nunca pensara em envolver a escola numa confusão.

A professora a abraçou, um tanto comovida. Lauren interpretou a atitude maternal como conversa finalizada. Desvencilhou-se do abraço e agradeceu. Ia levantando, quando foi interceptada mais uma vez.

– Você gostaria de falar mais alguma coisa?

– Não.

– Tem certeza?

Ao reconhecer traços de empatia no semblante de Erudita, a menina titubeou. Largou a mochila no chão e voltou a sentar.

– Queria perguntar sobre a Inês Buske.

– Inês?

– É. O casal que fundou a cidade.

– Ah – Erudita descomprimiu o peito –, tem um monte de lendas. Por quê?

– Eu li que vieram fugidos.

– De uma cidade onde os mortos se levantaram?

– Como?

– Deixa pra lá. São lendas.

– Mas conta – juntou as sobrancelhas numa cara de súplica.

– Bom, dizem que um evento sobrenatural aconteceu na cidade onde Inês e Pedro nasceram.

Curiosa, Lauren não piscava.

– Os mortos levantaram e caminharam até a praça central para dizer umas verdades aos vivos.

– Por quê?

– Ah, houve uma greve geral, os coveiros aderiram. Só que muita gente morreu naquele dia. Os coveiros se recusaram a enterrar, deixaram os caixões encostados junto ao muro do cemitério.

– E o que houve?

– Eles gritavam, ofendiam, reivindicavam seu lugar em campo santo para que pudessem ingressar no sono eterno. Mas ao notarem que os parentes já haviam superado a perda e só ligavam para as partilhas dos bens, resolveram denunciá-los em plena praça central. Foi uma confusão, urubus rondavam as carnes apodrecidas, os vivos imploravam que eles se retirassem.

Sugada pela atmosfera sobrenatural da história, Lauren mergulhou num estado de introspecção.

– É verdade? – perguntou.

– Você nunca ouviu? Os mais antigos dizem que um dia os mortos virão cobrar dívidas e tirar satisfações. Será o fim do mundo.

– Sei lá. Acho que não.

– Bom, esquece isso – Erudita deu um tapinha no ar. – São lendas.

– Professora – Lauren disse após emergir da segunda onda de introspecção. Tomou uma boa dose de coragem e perguntou: – A senhora acredita que tem coisas que a gente não vê?

– Que tipo de coisas?

– Ah, assombrações, fantasmas, essas coisas.

– *No creo en las brujas, pero que las hay, las hay* – algo chamou a atenção de Erudita fora da janela. O farfalhar das folhas da grande árvore, talvez. Em seguida, voltou-se para a garota: – Mas por que a curiosidade?

– Nada não.

Lauren deu de ombros. Despediu-se e voltou para a sala de aula. Ao passar pelo pátio da escola, um pensamento a tomou de assalto: dentro de cinquenta, sessenta, talvez setenta anos, a maioria daquelas crianças que corriam e brincavam, namoravam e gravavam os nomes dentro de corações no tronco da amendoeira, toda essa gente estaria morta. Apodrecendo nas tumbas do cemitério municipal.

QUASE TÃO BELA QUANTO A MÃE

A mãe tocou seu ombro de leve, conduzindo-a em direção à porta da igreja. Em seguida sumiu de vista. Lauren encostou-se à parede ao sentir uma pontada dolorida no baixo ventre. Era a cólica.

Vestido branco, meu Deus, e agora? Se viesse fluxo forte, ela passaria por mais um vexame.

Mais um.

Deslocou-se até o banheiro, precisava verificar a calcinha antes de o culto iniciar.

Intacta, ainda bem.

Na volta, espiou pelo corredor e viu Ivete conversando com Jair. Esqueceram a porta entreaberta, porém desta vez conversavam guardando boa distância.

Melhor assim.

Uma hora ele gesticulou como quem pede calma. E subitamente olhou na direção da porta. Lauren se imaginou descoberta e voltou a caminhar. Tinha que sair dali. E rápido.

Não queriam prejudicá-la, jamais fariam coisa parecida. Só queriam o seu bem, Ivete alegou meia hora antes de saírem de casa. Pediu que ela se comportasse, que participasse do culto, como costumava fazer até pouco tempo, o dia em que o diabo passou a exercer a influência maligna, sussurrar palavras odiosas em seu ouvido, convidá-la à rebeldia, a se afastar das leis de Jesus. Era muito, muito errado acreditar em bruxarias, esses métodos com que o demônio trabalha. E o demônio estava prontinho, esperando para entrar no corpo de qualquer menina desavisada. Ela achava o quê? Que ele não lia pensamentos? Pois lia, especialmente os mais secretos. Não adiantava disfarçar, tentar enganar um ser tão astuto. O único caminho era a fé, a oração e a imensa bondade do pastor.

Em busca de proteção, sentou-se na primeira fila.

Mas por que se sentia tão enjoada com o cheiro do pastor? A colônia adocicada anunciou sua chegada e depois se tornou tão forte a ponto de causar náuseas.

– Boa tarde!

Os jovens do culto responderam em coro:

– Boa taaaaaaaarde!

– Hoje eu vou falar um pouquinho sobre o filho pródigo. Vocês conhecem a parábola, não é?

– Siiiiiiiiiiiiim – todos responderam.

O pastor falou do filho que abandona a família em busca de uma vida isenta de responsabilidades. O filho que renega os pais e a educação para viver de forma hedonista num eterno culto a si mesmo. Mas um dia, o dinheiro, as energias e as amizades se vão. E resta buscar a família, que é fonte de amor e segurança. Disse que a parábola era muito atual, principalmente num mundo onde jovens procuram festas, drogas, más companhias. Poucos têm compromisso com a família e a comunidade. Poucos se entregam a Jesus. Uma juventude sem perspectivas era tudo o que o demônio precisava para agir. E então, o que mais se via eram meninas que não se davam o valor, grávidas aos quinze, dezesseis anos, mães solteiras que sofreriam a vida toda por escolhas erradas. E garotos fumando *crack*, bebendo, desafiando a polícia, se acidentando de carro. O pastor esmerou-se na pregação sem olhar para Lauren, que tanto ansiava por um gesto de aprovação.

Passou para os cantos de louvor, a banda bem animada, bateria, guitarra e a cantora de cabelos longos e voz cheia de alcance. Recebeu dois ex-possuídos (um ex-homossexual e outro ex-viciado) que aceitaram compartilhar depoimentos, ouviu, solicitou atenção da plateia, instruiu sobre a importância das orações, da fé. Aconselhou os que tinham interesse em namorar, explicou a benção que era o casamento, a sorte de encontrar alguém que os completasse, formar família com este alguém, dividir projetos, envelhecer junto. Não havia felicidade fora da obra do Senhor.

Por fim ofereceu alguns produtos unguentos. A cada intervalo, um novo canto.

Dirigiu-se a Lauren somente após a despedida:

– Estou muito feliz em rever você aqui. Seja bem-vinda de volta.

O coração de Lauren acelerou e ela abaixou a cabeça tentando esconder a face corada.

Quando a igreja esvaziou, Jair a convidou para uma conversa:

– Seus pais me procuraram. Estão preocupados com você. – Saiu na frente e apontou para sua sala.

Não disse mais nada, ela entendeu o recado. Seguiu-o pelo estreito corredor de paredes manchadas. Entraram e Jair apontou para uma cadeira. Ela fez que não, estava bem em pé. Estremeceu ao ouvir a porta se fechar.

– Eu estava com problemas na escola – disse. A voz saiu gaguejada. – Mas já passou – apressou-se em emendar.

– Ah, que bom. Fiquei preocupado quando sua mãe veio me dizer. Ela disse que você não está nada bem. Enxerga coisas, se assusta, anda brigando na escola.

Lauren exasperou-se. Que história era aquela de visões? Ivete a havia traído de novo? Não bastava ler o diário, algo tão pessoal e secreto, tinha que sair por aí comentando? E logo com quem?

Balançou a cabeça diversas vezes, negando. Procurou um espaço para escapar daquela conversa. Em vão, o tom de voz e a presença impositiva de Jair serviam como barreira.

O cheiro adocicado do perfume exalava como nunca. Lauren reconhecia, agora, de onde tirara a aversão àquela colônia: da noite em que presenciou o estranho ritual. Esquivou-se, buscou ar puro perto da janela entreaberta.

Má ideia, ele se interpôs e a encurralou. Chegou ao limite aceitável de distância, um pouco mais e ela inalaria seu hálito.

– Você está se tornando uma moça muito bonita – disse. O ar expelido durante a fala despenteou uma mecha clara.

Ele não sorriu. Esticou a mão e, com um movimento delicado, afastou a mecha para trás da orelha da garota. Desprevenida, Lauren riu alto. A gargalhada escandalosa denunciava seu nervosismo. Olhou para cima, para os lados e para o chão, para qualquer lugar que o evitasse. Sabia que se retribuísse o olhar, Jair a desmascararia e não restariam segredos. Tudo se resumia a uma batalha injusta: quem olha de cima tem vantagem sobre quem olha de baixo. Lauren escapuliu o quanto pôde. O pastor era o próprio diabo, penetrando nos segredos mais íntimos dela.

Quase tão bela quanto a mãe.

Quase tão bela quanto a mãe.

Quase tão bela quanto a mãe.

As palavras saíam da boca de Jair, voando em espirais que giravam tanto mais rápido quanto alto. Lauren se escorou no espaldar da cadeira mais próxima e sentiu o corpo todo mole. Tonteou ao acompanhar as evoluções das palavras, subindo, subindo, rumo ao infinito do céu azul, um brilho tão azul.

Até que desfaleceu.

Recuperou os sentidos alguns instantes depois, com um ventilador direcionado para seu rosto. Deu um impulso para levantar e caiu sentada pela segunda vez. Respirou fundo e tentou de novo. Apoiou os dois braços na cadeira e, quando sentiu segurança, ficou em pé. Da forma mais humilde possível, pediu desculpas e saiu.

Ela não chegou a notar, só ficou sabendo dias depois, após uma piadinha infame do pastor, que a menstruação havia transbordado e marcado o assento da cadeira. E o vestido novo saiu do corpo para o tanque, onde passou duas semanas sendo esfregado à mão. Após muitos baldes de água e sabão de coco, um leve risquinho amarelo persistiu no tecido, o suficiente para fazer com que ela nunca mais quisesse usá-lo.

HORRENDA MÁSCARA

Naquela noite, Lauren sonhou com criaturas estranhas, um bicho de constituição flácida que saía e voltava para dentro de sua concha cheia de ranhuras, um ouriço do mar que oferecia os espinhos ao ser molestado por um agressor e um homem lânguido de pele azul. As pontas dos dedos do homem possuíam forma de pluma e ele a tocava, provocando uma sensação parecida com cócegas.

Mas não eram exatamente cócegas.

Depois o cenário mudou, ela deixou de ser passiva e se tornou protagonista. Encurvada como um bebê, em cima de uma superfície fria, sentiu repuxada a pele das costas. Demorou a entender que havia se encolhido sobre o ventre, tal como um ouriço, e tinha a linha da coluna recoberta por uma fita adesiva. Com passos de pluma, o homem azul se aproximava e puxava o adesivo, não com brutalidade, mas com relativa delicadeza. Lauren gemia enquanto a cola desgrudava da pele, e conseguia enxergar, milímetro por milímetro, os pelos se soltando da tira consistente.

Ou sendo arrancados.

Chegava a doer um bocadinho, mesmo assim ela desejava que a tira vencesse as curvas de seu corpo e se enrolasse quantas vezes fosse possível, até cobrir cada pedaço nu da pele. E que o homem azul a puxasse cada vez mais devagar.

Mas houve uma hora em que ele deixou de lado toda a delicadeza. Chegara o momento de puxar a parte fina e o homem azul não hesitou: arrancou-a de um golpe só, com a mão firme. O coração de Lauren acelerou como nunca e ela sentiu uma dormência que partiu do peito e atingiu o corpo inteiro.

E então morreu.

A consciência voltou com um urro arranhado no fundo da garganta. Transpirava nas mãos, axilas e coxas. Arfava, ainda sem saber onde acordara, até que reconheceu seu roupeiro e a fotografia de Peter Murphy, seu mais novo astro favorito, na parede.

Tateou a mesa de cabeceira, olhou o visor do celular e os algarismos brilharam: três e trinta e três. Caminhou até o banheiro, os passos estalando as tábuas antigas de madeira do piso, e fechou a porta. As dobradiças emitiram um ruído agudo. Abriu a torneira, encheu as

mãos e jogou generosas porções de água no rosto e no colo, repetidas vezes, até molhar partes do cabelo e do pijama. Enrolou a cabeça com a primeira toalha que encontrou e voltou ao quarto.

Três e trinta e oito, o sono não voltaria tão já. Tentou ler gibi, mas um barulho familiar que vinha de longe passou a ocupá-la. Era o mesmo barulho que ouvira uns dias atrás, no arquivo da prefeitura.

O mesmo, mesmíssimo chamado.

Abriu a janela, vidro e persiana, e sentiu a aragem da noite envolvê-la. Estremeceu de surpresa e curiosidade. Quem operaria uma motosserra às três da madrugada? Debruçou-se na janela, pendeu o corpo para fora, até o limite do equilíbrio. O chão estava bem ali, pertinho, pertinho, mais um impulso e o tocaria, tão encerado, tão vermelho. Seguindo ordens de uma voz obscura, voltou a ficar ereta. Sentou-se no parapeito, girou o corpo e saltou.

Os pés descalços sobre a pedra fria provocaram uma sensação de dúvida, como se a queda houvesse posto os sentidos em alerta. Abriu o portão tentando fazer menos barulho possível e saiu. Rumava para a prefeitura.

Contornou-a: a primeira trilha que cruzava o mato ficava logo atrás. Parou um instante, no limite imposto pelas sombras: a iluminação do poste da rua não mostrava um centímetro do que havia dentro do bosque. Força de sentidos opostos com igual intensidade, a escuridão a repelia e também a puxava. Não pensou muito.

Entrou.

Pisou na terra úmida, as folhas caídas grudando nas solas dos pés, o barro esguichando atrás das pernas. A coragem cedeu um pouco. Tomou ar e seguiu, avançando na escuridão cada vez mais densa.

– Lauren.

Virou-se.

– Lauren.

O som a afastou da trilha e, alguns metros depois, conduziu-a até uma clareira. Agachou-se atrás de uma folhagem espinhosa e acompanhou a cena que ocorria logo adiante, sob o brilho da lua que parecia intensificado naquele local.

Frente a uma casa abandonada, tomada pelo mato, uma mulher nua dançava e erguia os braços aos céus, como quem reverencia a um deus.

Ou ao demônio.

Um tremor eriçou os pelos de Lauren.

De onde espiava, via com razoável nitidez a fisionomia da mulher que parecia um pouco com Erudita, um pouco com Debbie, outro pouco com Ivete. De pele branquíssima em contraste com os cabelos muito escuros, a mulher se empenhava em prestar suas homenagens, cantando letras e melodias desconhecidas. Usando ora um pé ora o outro como eixo, rodopiava duas, três vezes, e levantava os braços na hora em que gritava uma palavra irreconhecível.

Mosca? Busca? Buske?

Após o último giro, mais veloz e um tanto ousado, virou-se para um cercado de madeira carcomida. Um pequeno curral onde porcos se agitavam, grunhiam.

Talvez por efeito da lua cheia ou porque os animais pressentem coisas ruins.

Insensível aos apelos dos porcos, a mulher prosseguiu a cerimônia. Segurou uma garrafa de vidro pelo gargalo, lambeu as bordas, empinou-a e bebeu um gole generoso do que havia dentro. O líquido escuro e bastante espesso escorreu pelos cantos da boca, queixo, colo. De cada lado do peito, dois riachos avermelhados percorreram seus trajetos até a barriga da mulher e atingiram o ventre, manchando-o. Ela jogou a garrafa longe, espalhou o líquido pelo corpo e partiu convicta até a porteira do curral.

Abriu-a e todos os porcos se calaram.

Somente um deles, o mais pequenino, fugiu. Disparou em busca de refúgio no meio do mato. Ao ouvir um assovio de ordem, entretanto, estacou. Voltou para a clareira e deitou-se bem no meio de um círculo desenhado no chão. A mulher misteriosa saiu de cena por instantes. Nervosa, Lauren a procurava por todos os cantos, temia ser surpreendida em seu esconderijo. Quando voltou, a mulher empunhava um machado com a lâmina bem afiada, brilhante. Posicionou-se perto do pequeno animal, ergueu a arma acima da cabeça e, num golpe certo, cortou fora a cabeça do porco. Em resposta, os demais porcos voltaram a se agitar. Grunhiam, debatiam-se, gritavam como se compreendessem a violência.

Em espasmos, o corpinho sem cabeça sangrou até formar uma poça larga que se avolumou e escorreu, cobrindo os pés da mulher.

– Inês – o vento sussurrou.

Era Inês, claro. Ela ou o espírito dela viviam naquele mato. As bruxarias, rituais, assombrações, tudo o que ouvira sobre a fugitiva que se instalou na cidade podia agora se confirmar.

Era tudo verdade.

Com movimentos lentos e harmoniosos, Inês deitou-se no chão, de costas. O bicho sem cabeça veio, ciscou e, ainda em espasmos, caminhou sobre seu corpo. As patinhas sujas imprimiam pegadas amarronzadas, tatuagens disformes na pele branca. Ao redor, nenhuma agitação de folhas, árvores ou insetos. O mundo inteiro silenciado durante um ritual que nada tinha de santo. Até os grilos, sempre enfezados, e o adendo intermitente da coruja foram suspensos.

No momento em que a serrinha reiniciou o chamado, a tranquilidade do porco desapareceu. O bicho desesperou-se, um corpo em busca da cabeça decepada.

Inês levantou-se. Tinha a cabeça do porco na mão.

De seu esconderijo, Lauren inquietou-se, produzindo um barulho em meio às folhagens. Olhou para baixo, respirou para reunir coragem e, quando voltou a olhar, deu de cara com Inês. Ela a encarava, de longe, os negros olhos faiscando e a boca travada num sorriso enigmático.

Posicionou a cabeça de porco em frente ao rosto, como uma horrenda máscara.

Lauren ainda viu os dentes inferiores do bicho, cruzados para fora da boca, antes de começar a correr.

ATRAENTE

Atraente. A palavra perseguiu Lauren durante a madrugada e, quando o despertador tocou, latejava nas têmporas. Não formava espirais perfeitos, como a frase do dia anterior. Era linear e semirrígida. As letras se uniam como crianças de mãos dadas numa fila da escola. O A dava a mão para o T, que dava a mão para o R, que dava a mão para o outro A e este para o E, para o N, o T e o último E. A composição, frágil e flexível, percorria um caminho sinuoso cheio de perigo, um trem serpenteando uma ferrovia à beira de um penhasco. A velocidade deveria ser estável, as conexões, fortes, para evitar a perda de algum vagão. Árduo, difficílimo na prática. Mas o pastor, contrariando todas as convenções, achava-a atraente. E Lauren só queria saber de voltar a ouvir a sentença que girava em espiral: Quase tão bela quanto a mãe. Trancou-se no banheiro e invadiu a *nécessaire* de Ivete em busca do lápis preto, aquele que intensificava o contorno dos olhos.

– Maquiagem, saponas?

Sobressaltada, Lauren levou uma mão ao rosto. Esfregou, com o dedo indicador, o canto de um olho, depois o do outro. Não notara o garoto se aproximar de mansinho, mas o viu sair, rindo, saltando, imitando um coaxar. Na altura da porta da sala 602, ele gritou:

– A baleia se embelezou hoje.

Lauren retardou o passo. Receosa, a mão esquerda ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não imaginava que um simples delineamento com lápis preto fosse notado logo na chegada. Na verdade, imaginava. Mas esperava um retorno positivo, um elogio, e não a trollagem de um pirralho do sexto ano.

Apressou-se até o banheiro. Empurrou a porta, com a intenção de se dirigir ao amplo espelho sobre as pias individuais. Estacou após o primeiro passo.

– Oi – disse mal movendo os lábios.

Escoradas na borda de uma pia, duas garotas admiravam-se com a nova cor de batom. A mais alta aplicou primeiro, depois o devolveu para a mais baixa, que também passou e guardou na bolsa. Miraram-se, fizeram biquinho, jogaram beijos para o espelho. Posicionaram o celular para uma selfie.

– Qual é? – a mais baixa perguntou ao notar a presença de Lauren.

Intimidada, ela entrou no reservado e se trancou. Não tinha o menor jeito para puxar conversa. Perguntar sobre batons, sombras ou esmaltes soaria muito estranho.

Permaneceu em pé, a testa escorada na frágil porta de aglomerado de madeira e a mochila pesando nas costas. Pressionou a testa sobre a superfície acinzentada, afastou-se e bateu de leve, diversas vezes, a cabeça contra a porta. Que ideia besta. Virou-se, pegou um pedaço de papel higiênico, molhou com bastante saliva e pôs-se a esfregar nos olhos. Descartou o papel manchado de maquiagem e puxou a ponta do rolo. Destacou um pedaço maior e o dobrou em oito folhas, molhou mais uma vez e tornou a esfregar, com força e mais força, até os olhos arderem.

Sem poder enxergar direito, ansiou por sair dali, correr até a pia, jogar água nas córneas irritadas. Mas as duas garotas que monopolizavam o espelho a impediam.

E como cochichavam.

Lauren começou a se perguntar se alguma delas chegara a notar o lápis preto.

Não tinha tanta intimidade com Debbie, nem com qualquer outra garota, para solicitar ajuda com maquiagem. O que aprendeu foi com a balconista da farmácia, após uma compra de analgésico para o pai. A moça a atendeu com simpatia, alcançou um espelho de aumento e ensinou como aplicar e retirar os excessos.

Em casa, a mãe notara. Lauren teve certeza após perceber um abrir e fechar de pálpebras mais expressivo, que veio junto com sua xícara de café com leite. Mas não disse nada. Se achou bonito ou ridículo, guardou para si. O pai, ausente dos assuntos domésticos, não se sentava com a família de manhã. Se sentasse, não notaria. As particularidades da filha não despertavam o interesse dele.

E o pastor? Ah, o pastor elogiaria. Ele gostava de ressaltar a crescente semelhança entre as duas, agora que Lauren começara a botar corpo de menina moça. Os gracejos vinham com um sorriso que elevava um canto da boca mais que o outro, e um torcer de pescoço muito sutil, imperceptível até poucos dias atrás.

A ardência dos olhos aumentou e Lauren reagiu à dor com um soco na porta.

– Vamos, que essa doida aí é de briga.

O banheiro se esvaziou e ela pôde sair da clausura.

Tateou a pia, a torneira. O barulho de água abundante a acalmou. Encheu uma concha com as mãos, debruçou-se para não molhar o moletom e jogou a água fria no rosto. Repetiu uma vez, duas. Finalmente conseguia abrir os olhos. Encarou-se no espelho salpicado

de rodela de mofo. Bolsas negras formaram-se sob as pálpebras inferiores, conferindo uma expressão feroz no rosto pálido. O burburinho dos alunos pelos corredores de repente se tornou um som distante e a luz enfraqueceu como se viesse, não das lâmpadas fluorescentes do teto, mas de uma direção única. Lauren olhou-se de novo e verificou que um borrão escuro crescia ao redor de seus olhos. Sozinha no banheiro, pressentia outro alguém que a qualquer momento seria refletido ao seu lado. Engoliu a seco, respirou fundo e não desviou do espelho. A partir das manchas de olheiras, formavam-se vincos que se estendiam para todas as direções do rosto. Finas linhas escuras tomavam toda a sua pele e a gretavam. Ao lado do nariz, duas linhas mais grossas imitavam o trajeto de lágrimas. Elas desceram lentamente, uma de cada lado, atingiram o lábio e ali morreram. Lauren reconheceu-se no sorriso de canto mais alto do pastor. Segurou firme na borda da pia, aproximou o rosto do espelho. Ele estava ali, não tinha escapatória porque ele estava ali. Assustou-se com baques secos, de cascos de cavalo. Ou de bode. Tocando o piso cerâmico do banheiro, os passos vinham da fonte de luz, e o espelho não mostrava uma imagem nítida. Logo a criatura fez-se visível, chegou bem perto, abriu a boca e sua língua bífida, fina e muito vermelha como uma fita de papel de presente, tocou de leve no pescoço de Lauren. Imobilizada, ela permitiu. Concedeu a mão à fera e dançaram, ao som da orquestra de homens sisudos que tocava num salão suntuoso, iluminado por candelabros de cinco velas cada. Confinada num vestido de cetim azul-escuro, Lauren girou e girou, mostrando as anáguas que armavam a saia de muitos panos. A fera ditava o ritmo e a guiava com a mão firme em sua cintura. “Eu conheço essa música”, a voz de Lauren saiu fraquinha. “É a valsa das flores, criança”, vozes polifônicas responderam. Palmas de uma plateia bajuladora incentivavam as evoluções. Ela não enxergava os rostos, a violência dos rodopios a impedia de reconhecer o público. Inspirava em intervalos curtos e com certa dificuldade, as tiras do espartilho, atadas muito justas, espremiavam seu peito. Ignorando sua dor, a orquestra inseriu nova melodia, acelerou o compasso, forçando os dançarinos a acompanhá-la numa velocidade vertiginosa. Os pés de Lauren doeram, ela exprimiu um olhar de súplica, nunca calçara sapato de salto, mas seu par não se compadeceu. Valsavam com furor, viravam-se para o público e o saudavam cada vez que os pratos da orquestra se chocavam com fúria. Giro, giro, reverência; giro, giro, reverência; giro, giro, reverência; desfalecendo de tontura e falta de ar, Lauren tentou se desvencilhar, mas seu parceiro a segurou ainda mais forte. O som metálico dos pratos elevou-se, alto, frequente, cada vez mais frequente, a sequência muito rápida, giro, giro, o salão rodando, giro, giro, rostos sorrindo, giro, giro, anágua voando, giro, giro, giro. Até que a orquestra silenciou. A música parou no

ápice do movimento. O vestido desaparecera, o traje de gala também, Lauren viu-se nua, entregue ao escrutínio de olhares cruéis. Usavam máscaras deformadas, com feições medonhas, narizes pontiagudos, bocas retorcidas. Constrangida e exposta, Lauren procurou abrigo em seu par, mas a visão da criatura a repeliu. Os chifres da fera haviam dobrado de tamanho, enrodilhavam-se sobre um eixo imaginário alcançando as sedas decorativas do salão. O focinho úmido bufava, os cascos raspavam o assoalho, ansiosos pelo ataque.

Não,

Não,

Nãããããão!

Erudita deu um pulo para trás para se esquivar do safanão que quase a acertou.

– Mas o que está acontecendo aqui?

O ralo da pia não dera vazão ao aguaceiro que saía da torneira e espalhava-se pelo piso. A lajota azul tornara-se mais escura e brilhante na parte onde a água empoçara.

– Sua aula começou há vinte minutos – Erudita fechou a torneira. Não mostrava o sorriso compreensivo do último encontro. – Desta vez vou deixar passar, mas minha vontade é te fazer limpar esta bagunça. – Pegou a mochila encharcada e entregou para Lauren.

Lauren murmurou um pedido de desculpas, tentou controlar o tremor das pernas e mirou-se mais uma vez no espelho. Esfregou o último pedaço de papel no rosto. A pele voltara à cor normal, os trajetos das lágrimas e os vincos desapareceram e as manchas escuras reduziram-se às olheiras se sempre.

Entrou na sala de cabeça baixa, rezando para que ninguém mais a notasse.

VIRGEM

Terça-feira, tarde livre, Lauren tomou coragem e saiu sem dar explicações aos pais. Tinha muitas questões em mente, talvez Debbie fosse boa conselheira.

Chegou ao arquivo esbaforida, passou reto pelo guarda que correu atrás, perguntando:

– Onde pensa que vai, menina?

– No arquivo. Tenho pesquisa para a escola.

Empurrou a porta. Surpreendeu a garota cochilando sobre o teclado do computador. Ela despertou, limpando os olhos:

– Qual é? Eu tava dormindo.

– No trabalho?

– Ah, para com isso. Ninguém aparece, posso dormir a tarde inteira. A festa ontem acabou comigo.

– Festa? Segunda-feira?

– Fala logo – Debbie voltou a escorar a cabeça no teclado. Fechou os olhos e deixou pender um braço para fora da mesa.

Desapontada, Lauren decidiu voltar ao trabalho de exploração dos documentos. Sozinha. Reiniciou pela fileira ao lado da porta, a dos arquivos mais velhos. Retirou livros grossos, amarelados, olhou e não teve coragem de cheirar. Melhor não provocar uma crise de rinite. Encaixou-os em seus lugares e voltou à busca. Achou uma coisinha ou outra, nada muito relevante. O livro que mais possuía informações, o da fotografia de Inês, ela segurara nas mãos uns dias atrás. Era bem estranho que o livro tivesse desaparecido. Bom, talvez alguém o tivesse levado ou colocado em organização diferente. Passou a examinar outras colunas e prateleiras, tentando prestar o máximo de atenção. Não encontrou. Intrigada, retirou vários livros, sem levar em conta a ordem. Debbie que se virasse depois. Empilhou tudo em cima de um apoio, à sua maneira. A pilha cresceu, teve que iniciar outra. Na terceira, Debbie a repreendeu:

– Que merda é essa?

– Tô procurando uns troços.

– Isso eu tô vendo – resmungou. Apontou para a bagunça na estante: – Pode arrumar tudo de volta.

– Me ajuda primeiro.

Debbie bufou, com a cara ainda amassada. Tinha muitas horas de sono a recuperar.

– Qual o título?

– Não lembro.

Debbie estacou com as mãos na cintura. Arrancou um livro que Lauren segurava.

– Assim não tem como achar. Se bem que...

– O quê? – Lauren tampou a boca após exagerar no volume da voz.

– Eu ia dizer que tem muito tempo que alguém não mexe nesta parte do arquivo.

– Mais de um mês?

– Mais de seis meses.

Então o livro tinha que estar ali.

Debbie conformou-se, fazia tempo que sua chefe cobrava uma arrumação. Procuravam concentradas quando o barulho da serrinha recomeçou. Lauren demorou a identificar o agudo que irritava os ouvidos. Assim que reconheceu o chamado, gritou:

– Inês!

Correu até a janela, esperou por alguma aparição, qualquer coisa que fosse útil para comprovar suas teorias. Lá fora, entretanto, vazio e silêncio. No máximo um farfalhar de folhas quando o vento soprava. Frustrou-se. E a única coisa que conseguiu foi arrancar um comentário debochado:

– Sério, você não bate bem.

No bolso traseiro da calça de Lauren, o celular vibrou. A mãe queria saber onde ela andava.

– Que horas você sai?

– Um pouco antes das seis.

– Temos mais meia hora.

Reviraram todas as prateleiras, faltava apenas uma última coluna, dos documentos recentes.

– Aqui é melhor não mexer. Senão vou me complicar.

Lauren olhou por alto e concordou. Admitiu para si mesma a derrota: o livro havia, mesmo, desaparecido. E isso tornava a história ainda mais esquisita.

Sentaram-se, as duas, na mesa de reuniões. Continuava cheia dos desenhos que elas haviam feito sobre a fórmica verde. O sombreado sem fim e a árvore com os troncos longos feito braços abertos.

– Queria saber usar o lápis – Lauren confessou ao iniciar outro desenho com grafite. Elogiou a maquiagem de Debbie que, mesmo amanhecida e toda borrada, deixava-a bonita. Por que ela não conseguia efeito igual?

– Você tem o olho fundo – Debbie observou –, tem que cuidar uns detalhezinhos.

– Verdade – disse. Seu olho era fundo, meio cadavérico até. Feio mesmo. Bonita era a forma amendoada dos olhos de Ivete. As sobrancelhas também, duas andorinhas em pleno voo. Nem o cabelo sedoso da mãe ela tinha. Puxou ao cabelo do pai, uma maçaroca que não era lisa nem crespa, difícil de ajeitar. Rebelou-se, havia herdado as piores características de cada um. As pernas compridas, finas, o tronco muito curto e os seios grandes vieram da mãe. E nela não era tão ridículo. Em Lauren, sim, era horrível. Parecia o diabo da Tasmânia. Ou uma sapona. Vai ver, vinha daí o apelido. Debbie não imaginava o quanto ela odiava ser chamada de sapona, poderia socar todos os colegas, um a um, até a boca sangrar, cada vez que implicavam com ela.

– Pelo menos você luta bem.

Debbie verificou uma mensagem no celular. Respondeu com um coração que inflou, bem vermelho, na tela. Lauren conseguiu ver a fotografia do contato, um homem de barba.

– Meu namorado – Debbie disse.

– Deixa eu ver?

– Claro que não, sua enxerida – bloqueou a tela e virou o aparelho –, ele é casado.

– Casado? – Lauren refletiu por uns instantes. Nunca pensou que alguém poderia ser namorado e marido ao mesmo tempo. Ou era uma coisa, ou outra. A não ser que... – Ele é velho?

– Um pouco.

Um pouco velho. A Débora que não gostava de ser chamada de um nome tão comum, batido, usado, como o de todas as Déboras que nasceram neste país idiota, namorava um homem casado, como qualquer garota idiota deste ou de qualquer outro país. Ivete formularia outra interpretação. Diria que Debbie era amante, vadia, pecadora, mulher da vida, destruidora de lares. Tudo, menos namorada. A aluna repetente, diferentona, a rebelde com quem ninguém se metia a besta, na verdade era igual a todas as mulheres que não se davam o respeito. Devia ter transado com o cara. Devia ter andado com ele pelos matinhos, no

milharal, na estrada, dentro do carro, fazendo aquilo em que as mãos sobem e descem, acariciam e espremem, apertam e beliscam, sem pedir licença. Decerto ela teve que permitir o homem velho de barba invadindo seu corpo, sua intimidade, sua inocência. Deve ter tido que concordar, fazer o que ele quisesse, como ele desejasse, porque depois que você dá liberdades para um homem não há como voltar atrás. Não pode ficar provocando, tem que saber se comportar. Depois as moças não sabem porque ficam mal faladas.

– Sabe o pastor da minha igreja? – disse num rompante.

– O quê? Não me diga que você transou com ele – encarou Lauren tempo suficiente para tirar conclusões –, meu Deus, olha só essa cara de sem-vergonha. Você tá apaixonada.

Permaneceu calada, o rosto queimando. Não podia confirmar ou discordar, até o tom de voz a denunciaria. A culpa por permitir a aproximação do pastor Jair a confundia. Culpava-se por ter gostado. Achava errado, e precisava saber se teria que recompensá-lo após tantos elogios. Precisava saber se uma troca entre dois adultos funcionava desta forma: você recebia um agrado e, em retribuição, precisava dar algo seu. E se devia encarar a recompensa como uma forma de punição. Precisava saber se era certo gostar daquele jogo. Ou se era pecaminoso e sujo, conforme a igreja ensinava. Com dezesseis anos, Debbie devia saber como desenovelar o emaranhado de dúvidas que desconcertavam a cabeça de Lauren. Precisava saber se a relação sexual resultava em prazer para a mulher e, sendo boa, se era direito admitir. E, sendo direito, por que passavam a vida ensinando as garotas que era feio e errado? Talvez Debbie nem soubesse responder a todas essas questões. Talvez ela fosse apenas mais uma garota se perdendo na vida ao se envolver com um homem casado que a abandonaria assim que ela aparecesse grávida. E talvez todas as relações não passassem de um ritual, como o da mãe de seios nus em frente ao pastor e o de Inês decapitando um porco no meio do mato.

– Ei, garota – Debbie a provocou –, desembucha aí. Você é virgem?

Lauren assentiu com a cabeça.

– Meu Deus, você é Boca Virgem – soltou uma gargalhada. – Calma que vou te ajudar a resolver o problema.

Lauren não sabia bem o porquê, mas naquele instante desejou que Debbie a beijasse.

A POMBA

Ao chegar em casa, não entrou. Ficou zanzando pela calçada, arrancando pequenos botões que se abriam em flores brancas de pétalas crespas no pé de resedá. Esmagar as bolinhas verdes com os dedos produzia uma sensação gostosa, após o estouro do lacre, uma consistência fofa persistia. Empurrou o portão, retirou a mochila das costas e sentou-se nos degraus, ainda sem a menor vontade de entrar. Coberto de um cinza tão inofensivo que chegava a ser entediante, o céu não demoraria a tingir-se de negro. Então não haveria outra saída além de se abrigar sob o teto de Ivete e Abel.

Destacou uma folha do caderno e tentou desenhar algo que representasse o rosto de Debbie, a garota mais fria do cabelo vermelho. Desistiu, a folha ficou poluída, com círculos se sobrepondo. Com um traço incerto, iniciou uma mola no pé da página. A linha foi se desenvolvendo, girando sobre si, até atingir o alto da folha. Como uma espiral.

Desviou o olhar para a calçada, um objeto estranho a atraiu. De longe, parecia um pedaço de pano enrolado. Ou uma bola pequena, um novelo de lã. Conforme se aproximou, reconheceu o corpo de uma pomba. Duro, esturricado como um animal exposto em museu, o bicho morrera envenenado. As patinhas tensionadas, agarradas a um poleiro imaginário. O bico cerrado e as pálpebras abertas, secas. Com certo receio, pegou-a com a ponta dos dedos. Tentou abrir as asas, pequenas dobradiças que, cedendo à força, se expandiam. Mas logo voltavam à posição original, colando-se ao corpinho inerte.

– Isso só pode ser coisa tua – Ivete a surpreendeu.

Assustou-se, deixou o bicho cair.

– E-eu...

– Onde você andava?

– Na prefeitura. No arquivo.

Escondeu o pássaro morto dentro da mochila e seguiu a mãe até a porta da cozinha, nos fundos da casa. O balançar dos quadris, um pouco mais voluptuosos de uns tempos para cá, o alaranjado da blusa, o brilho do cabelo, tudo em Ivete a agredia. Rejeitava seu cheiro, sua voz e as características que reconhecia em si mesma. Após a conversa com Debbie, desejou como nunca pertencer a outra família. Qualquer outra que fosse.

Na cozinha, os legumes cortados, dispostos sobre a pia, prontos para a panela. E um pedaço de carne com osso em cima do fogão.

– Não demore – ouviu ao tomar o rumo do quarto.

Fechou a porta e girou a chave. Duas vezes. Mas torceu para que a mãe não viesse verificar. Retirou a pomba da mochila, acariciou as penas, ainda tão radiantes para um animal morto. Procurou uma embalagem que servisse como urna. Enfiou-se embaixo da cama para alcançar uma caixa de sapato esquecida. Dentro, alguns documentos e contas pagas. Forrou-a com uma toalha de mão e acomodou o cadáver da pomba. Guardou-a no mesmo lugar, havia muito tempo que ninguém varria o canto do quarto.

O corpo inchava porque produzia gás. Ouvira a explicação na aula de ciências e na mesma hora pensou no pai. Em como ele ficaria depois de morto. Imaginou-o com uma camisa branca, os botões estourando na barriga, a pele do rosto bem esticada, cheia de furinhos, os lábios revirados, o dobro do tamanho natural. Abel seria um morto vermelho, empapuçado, talvez assumisse alguma expressão antes de começar a se decompor. A imagem provocou mais uma pontada de culpa. Era o terceiro ou quarto episódio de autocensura do dia. Não desejava a morte do pai, queria-o vivo, presente, mas não conseguia treinar o pensamento. Quando o soltava, ele se dirigia para o mesmo compartimento, onde Abel jazia com as mãos entrelaçadas sobre a barriga estourando.

Envergonhada, levantou em busca do celular. Havia uma mensagem de Maurício.

“A garota aceita novo desafio. Vamos nessa?”

Não respondeu. Desligou-o e escondeu no meio das roupas do armário, antes que alguém, pai ou mãe, bisbilhotassem.

– E sobre o que é o trabalho? – a mãe perguntou antes de soprar a primeira colherada da sopa.

– Sobre Inês.

Silêncio. Ninguém se atreveu a falar. Ivete forçou uma tosse. Encheu os pulmões de ar, empertigou-se, numa postura de ameaça.

– Inês, a pecadora? – Agarrou-se ao braço de Lauren. – Você tem coragem de fazer um trabalho para enaltecer a vida de uma perdida? – A voz saiu estridente. Apertou com mais força, cravando as unhas. Os olhos amendoados lançavam faíscas, saltando para fora do rosto. Virou-se para Abel: – Ouça o que essa desgraçada está dizendo. Todo o nosso trabalho, os

esforços, as privações para oferecer à nossa única filha uma vida de fé em Jesus, nada disso vai adiantar, porque ela não cansa de esfregar na nossa cara que escolheu ser uma perdida!

O pai sequer levantou a cabeça. Engolia a sopa sem emitir sons. Era o mesmo Abel, o monstro da garganta cortada, porém envelhecido, com tufos de cabelos brancos, a pele sulcada e opaca. Em Ivete, as sobranceiras deixaram de voar, tornando-se circunflexos acusatórios. A irritação da mãe a deixava feiíssima, uma bruxa. Com a mão livre, apontava o dedo:

– Perdida!

Com a outra mão, espremia a pele do braço de Lauren, cravando as unhas, cada vez mais fundo.

Paralisada, Lauren não se esquivou da dor. E agora não ouvia mais os gritos. O abafamento que tomou o ambiente a obrigava a respirar devagar. O ar denso a impedia de decifrar as palavras odiosas que saíam da boca da mãe. Só um som mais familiar permanecia constante. O barulho da serrinha acompanhava a sinfonia surda de improperios.

O chamado.

O chamado.

Perdida!

Sapona, você nunca será quase tão bela quanto a mãe. A plateia apontava o dedo e ria.

Na parede da televisão, uma sombra se formou. Uma grande mão que crescia, invadindo o centro da cozinha, engolindo, tomando espaços, minando resistências. Lauren estremeceu, tentou puxar o braço machucado, mas Ivete não o largou. Instintivamente, fechou os olhos e os apertou forte, tão forte que os músculos do pescoço tremeram. Até que dois estampidos secos romperam com a tensão.

Dois estampidos e, de novo, o silêncio.

Só o cheiro de fio queimado persistiu. As duas lâmpadas fluorescentes de cima da mesa estouraram, soltando um pó branco que caiu de mansinho, cobrindo as roupas, cabelos e todas as superfícies não vivas.

– Isso só pode ser coisa tua – Ivete repetiu antes de soltar o braço de Lauren.

ADÃO E EVA

Na manhã seguinte, uma preocupação tomava os pensamentos de Lauren. Era a tarde do culto. Precisava ir, não havia desculpas. Não podia passar a imagem de rebelde, levantar mais suspeitas. Mas como evitar outro encontro privado com o pastor? Precisava de um bom plano, uma estratégia, mas quanto mais refletia, pior ficava.

Durante a noite, os sonhos vinham confusos e, não raro, acordava com o coração acelerado. Então se deitava de lado, em posição fetal, e se protegia, colocando as mãos entre as pernas. Pressionava a região genital, esfregava. Acalmava-se com aquela espécie de massagem.

E pensava no homem de pele azul.

Rezava, os lábios se movendo rápido, bem mais rápido que a consciência, com a esperança de que as orações fizessem o sono retornar. Mas as massagens funcionavam com mais eficácia.

Com medo de ser surpreendida, passou a chavear a porta do quarto todas as noites. Enfrentaria a mãe, se necessário. Era jovem para o culto, mas não para ter privacidade?

Vestiu-se e caminhou até o banheiro. Trancou-se. Chegou a posicionar o lápis preto junto ao contorno dos olhos. Mas não riscou, faltou coragem. Melhor evitar toda e qualquer forma de chamar a atenção. Queria a atenção de Debbie, apenas. O hálito dela era tão diferente, um cheiro adocicado, como uma fruta que amadureceu demais. Outras vezes, Debbie fedia a cigarro, o que era para ser repulsivo. Mas não era.

Num golpe só, fechou a porta espelhada do armário aéreo. Nada de maquiagem por hoje. Domou os cabelos com uma trança lateral, poucos notariam o toque singelo. Passou pela cozinha, vazia, e avistou o pedaço de carne com osso da noite anterior. Por algum motivo, Ivete se esquecera de adicioná-lo à sopa, mas agora era tarde. O vermelho da carne não existia mais, estava completamente coberto pelo pó branco que as lâmpadas fluorescentes soltaram após o estouro. Jogou o pedaço de carne na lata pequena de lixo, em cima da pia. Quando voltasse da escola, retiraria. Tinha pressa agora.

Não encontrou Debbie na escola. Entristeceu-se, a aula não teria muita graça.

Isolada durante o recreio, comeu em pequenas mordidas sua maçã de merenda. Sentou-se no degrau que separava a quadra aberta de basquete do espaço de convivência entre

alunos e distraiu-se com a movimentação dos pequenos no parquinho do ensino fundamental. As crianças corriam, choravam, caíam e levantavam, exigindo total atenção das jovens professoras. Junto ao cercado de metal, esquecido sobre o piso de concreto, um dinossauro de borracha a encarava com olhos pouco amistosos. Lauren encarou de volta, não conseguiu desviar o olhar daquela criatura amarela e marrom com garras e dentes afiados.

Onde estão Adão e Eva agora, mamãe?

Se o mundo iniciou após a expulsão de Adão e Eva, onde ficavam os dinossauros nesta história toda? Invenções das mentes perturbadas dos cientistas, claro. Cientistas tinham imaginação suficiente para criar um monstro de três metros de altura com bracinhos deformados e pupilas em forma de losango. O bicho que a encarava era, na verdade, coisa de gente lunática. O focinho feroz e a camada de dentes pontiagudos que devorariam adões e evas numa só dentada, tudo invenção para deslegitimar a palavra de Deus.

Mastigou mais um pedaço da maçã. Cuspiu longe, estava azedo. Bosque Novo tinha seu casal de Adão e Eva, embora Inês e Pedro não fossem tão inocentes assim.

A mesma história.

Toda a mulher bosquenovense carregava o fardo de Inês. Debbie também, envolvendo-se com um homem casado. Um homem mais velho, de barba.

E Pedro? Tinha barba?

Precisava resgatar aquele livro. Aquele, com a foto. O livro sanaria muitas dúvidas. Mas onde foi parar?

O dinossauro seguia com o olhar parado nela. Um animal adormecido, como Abel, meio anestesiado, um morto vivo. Por que, de repente, tudo tinha relação? Os pensamentos se desprendiam e lá adiante se uniam. Estaria louca?

O braço de Debbie tinha riscos horizontais. Um monte de riscos, enfileirados, feitos com uma lâmina fina, gilete ou estilete. Disse que servia para aliviar as dores. Que dores? Outras dores, aquelas para as quais não adianta remédio. Podia experimentar uns cortes. Nas pernas, onde é mais fácil esconder. Um pouco de sangue que aliviasse a angústia.

Mais uma mordida e restariam só as sementes da maçã. Muita gula para uma fugitiva do paraíso.

– E aí, louca? – Maurício a surpreendeu.

Lauren fingiu não dar atenção. Com o canto do olho, viu que Erudita os cuidava de longe.

– A gente se fala depois – disse.

No último período, ocupou uma folha de caderno inteira com desenhos circulares. Pretendia fazer o tempo voar, mas ocorreu o oposto. Quando é que faria quinze anos? Depois dos quinze o tempo passava bem mais rápido. As mulheres mais velhas reclamavam. Você vai ver só. Ela queria ver, urgente.

Em casa, encontrou um bilhete explicando a ausência dos pais. Um compromisso importante na cidade vizinha, uma audiência, algo a respeito de um trabalho que Abel exerceu e não recebeu o pagamento. O pastor os levaria. Era um bom homem, sempre ajudava. E, quando não conseguia, recrutava algum irmão que oferecesse carona ou dinheiro para as passagens. Nunca deixava seus fiéis sem auxílio.

Frente ao espelho do guarda-roupas da mãe, Lauren se arrumou para o culto da tarde. Desta vez optou por calça jeans, camiseta e casaco fechado, tudo preto. Sorriu aliviada ao notar que o pastor tinha, mesmo, acompanhado seus pais. O substituto, um rapaz bem jovem com os cabelos lambidos, pregava de olhos fechados. Com trejeitos cuidadosos, lembrava um cego em busca da cura. Transpirava por todos os poros, mas não abria o botão do colarinho. Talvez fosse pessoa retraída demais para enfrentar o público. Vai ver, decorou tudo. As frases saíam prontas da boca, como uma música repetitiva.

Ao chegar em casa, preparou um lanche, apenas: café com leite e pão. Já estava deitada quando os pais retornaram. Lauren não levantou para recebê-los, mas ouviu dois toques na porta do quarto e as vozes desejando boa noite. Era cedo, por volta de oito e meia.

VERMES

Na manhã da quinta-feira, Lauren acordou cedo, muito mais cedo que o normal. Ainda era escuro, mesmo assim levantou cheia de disposição. Decidiu levar a sério a sabedoria popular que aconselhava reforçar a primeira refeição do dia. Tinha tempo de sobra. Preparou o café da manhã com frutas, pão torrado, manteiga e queijo. Arrumou a mesa com a toalha branca e escolheu a xícara bonita, com alça desenhada em arabescos, última sobrevivente do conjunto que pertenceu à sua avó paterna. Ligou a televisão num volume bem baixo, apenas para não se sentir tão só. Na emissora de telejornais, a previsão do tempo e as notícias essenciais da manhã.

Bebia o segundo gole do leite quando notou, através da visão periférica, movimentos anormais sobre o tampo da pia. Desconfiada, ergueu os olhos com cautela e os fixou na torneira de plástico. Da distância em que se encontrava, com a luz fraca da cozinha, não identificou o que era. Um nódulo gelado se formou em seu peito quando a lembrança da montanha de serragem a tomou.

Empunhou a faca da manteiga e, com todo o cuidado, contornou a mesa. Calculou uma distância segura e avançou, pé por pé.

E viu.

Pequenos bichinhos se contorciam em cima da superfície metálica da pia. Alguns, mais ousados, andavam longe, tomando a chapa do fogão, escorregando nas louças sujas, arrastando-se pelo piso.

Vermes.

Deu um salto para trás, demorou um tempo para se recuperar do susto. Respirou duas, três vezes, até que se enchesse de coragem para enfrentá-los. Chutou, pisou alguns, esmagou os corpinhos gelatinosos que grudavam entre os dedos e na sola de seu pé descalço. Com a boca retorcida de nojo, tentou juntar um montinho com a vassoura. Não adiantava, as ágeis criaturinhas se retorciam, saltavam para fora da pá com muita rapidez. Voltou à pia, examinou-a em busca da origem, dos ovinhos que geraram aquela praga. A maioria dos vermes se concentrava próxima à borda da direita. O nascedouro era o lixo acumulado.

A carne podre.

Retirou a tampa do lixo e o cheiro nauseante tomou o ambiente. Cobriu a boca ao sentir o leite retornar do estômago. Um amargor tomou a garganta e ela sentiu que ia vomitar. Correu para o banheiro, segurando os lábios unidos. Lágrimas rolaram de seus olhos, o nariz escorreu e ela tossiu, tossiu, cuspiu uma saliva grossa que manchou o trajeto até o ralo. A muito custo controlou o mal-estar.

Recomposta, voltou à cozinha e preparou-se para limpar a sujeira. Abriu a gaveta dos panos de prato, separou um grande. Dobrou-o, formando um triângulo. Apoiou a parte maior no ossinho do nariz e amarrou as pontas atrás da cabeça.

Removeu o saco do lixo e o fechou bem, com três nós na boca do plástico.

Caminhou veloz. A cada passo no trajeto até a lixeira da rua, a lembrança dos vermes voltava. E a ânsia, a ânsia.

Na cozinha, os vermes seguiam seus trajetos obcecados, sabia-se lá para onde.

Luvas, precisava de luvas. Não queria sentir o contato direto dos monstrinhos com a pele. Achou um par na despensa, rasgado nos dedos médios. Era o que tinha. Calçou-as e tentou ignorar uma ou outra superfície gosmenta que grudava nas pontas dos dedos desprotegidos.

Quando finalmente os venceu, correu para o banheiro e lavou as mãos com escova. Dez minutos prolongados ao máximo.

Ao bater a porta, não viu que um pequeno grupo passou incólume por sua fúria higiênica. Chegaram até o degrau que separava a cozinha do corredor, jogaram-se, viraram à direita e entraram na primeira porta aberta. Alojaram-se embaixo da cama, bem no fundo, dentro de uma empoeirada caixa de sapato.

O LIVRO

– Espero você hoje para nosso encontro, viu? – Erudita gritou após fazer-se bem visível na porta da coordenação.

Sete e quarenta e dois da manhã, três minutos para o sinal, o café mal havia chegado ao estômago de Lauren no momento da convocatória. Um desconforto, a impressão de que a professora a espreitava. Sim, sim, sim, balançou a cabeça e seguiu para a sua sala de aula.

Erudita estava diferente. A entonação da voz, um autoritarismo até então desconhecido. Ou era a cara de satisfação, distante do olhar condescendente dos encontros anteriores. Lauren não se agradou, mas não tinha saída. Não havia a menor chance de escapar do compromisso. Passara da hora de aquilo tudo terminar, não havia sentido em continuar com aqueles colóquios em que falavam muito sobre a vida e nos instantes finais sobre religiosidade e fé. Quanta perda de tempo, assuntos inúteis que nunca tinham conclusão. Moças educadas fazem assim, bons cristãos fazem assado, não odiar o próximo, não trapacear, não colar na prova, nunca desejar o mal, lutar por igualdade, mas nem tanto. É, às vezes uma pessoa tão bondosa deixava escapar pequenos preconceitos. Mas Lauren não ousava repreendê-la.

Bateu para o recreio e Lauren foi para a fila da cantina. Precisava colocar um salgado no estômago antes. Após uma leve batida na porta, entrou mastigando o sanduíche de presunto, ruminando a desculpa ideal para terminar aquele tormento o quanto antes. Sentou-se, bateu os dedos na madeira da classe. Mindinho, anelar, médio, indicador, polegar, mindinho, anelar, médio, indicador e Erudita não iniciava o assunto. Permanecia concentrada em alguns papéis reunidos em sua prancheta.

Mas que droga, o que mais teriam a falar? Bufou, revirou os olhos, tinha dias em que a escola, os professores, os alunos e todos os compromissos que vinham no combo a irritavam além da conta. Remexeu-se, ajeitou-se na cadeira, limpou a garganta. Reduzida a segundo plano, passou a examinar os entulhos, um monte de lixo que a diretora não devia saber onde colocar e jogou naquela sala desocupada. Em algumas cadeiras grudavam-se espessas teias de aranha, em outras, a madeira havia inchado, descolando-se da fórmica. Fixou a vista em algo estranho que enxergou no chão.

– De onde saiu aquilo? – sobressaltou-se.

– Aquilo o quê? – Erudita por fim emergia de sua concentração.

O vento folheava o livro, as páginas farfalhavam produzindo um barulho mais alto que o normal. De repente o vento parou, mantendo à mostra a página que exibía uma fotografia.

A fotografia da família de Inês.

– O livro – Lauren tentou disfarçar o susto. Apontou para o piso: – Como veio parar aqui?

– Livro? – Erudita levantou-se e caminhou até ele. Recolheu-o. – Este?

– É – Lauren não conteve a gagueira.

Erudita pareceu não ouvir mais nada. Pôs-se a ler, absorvida pela curiosidade. A cada cinco ou seis minutos, levantava os olhos e encarava Lauren com a expressão vazia, um bocado assustadora.

Na garganta dela, uma bolinha pequena, do tamanho de uma ervilha, começou a crescer, arranhando, provocando uma tosse incômoda. Conforme Erudita lia, a bolinha aumentava. Atingiu o tamanho de uma bala, um biscoito, um pão de queijo. Cada vez passava menos ar e, quando chegou à página da fotografia, Lauren tinha uma almôndega na garganta. Com os olhos úmidos, tossiu mais, forçou os pulmões. Inspirava, a garganta rugia, reclamando um pequeno espaço para a passagem do ar. Encostou-se no espaldar da cadeira, ergueu as mãos, pedindo socorro. Ia desmaiar, pontinhos escuros se formaram nas laterais de seu campo de visão e se espalhavam, dominando aos poucos, até atingir o centro. O colorido das imagens se apagava com um carimbo preto. Uma carimbada, duas. Inspirou forte, o ar não vinha, a visão escurecia, ia desmaiar. Balançou as duas mãos no alto, tentou chamar, a voz não saía, só o rugido da garganta, um animal acuado dentro da caverna.

Erudita fechou o livro.

– É sobre a cidade – disse sem muito entusiasmo. Retornou ao estado pensativo, olhando para fora da janela.

– Professora – Lauren levantou –, estou exausta.

– Senta – Erudita a empurrou com uma força pouco amigável.

Lauren caiu sentada de volta na cadeira. Intrigada, observou que Erudita assumira uma postura impositiva. A boca se alongou, os cantos esticaram e se ergueram, na sugestão de um sorriso malicioso. A superfície dos dentes refletia a luz, de tão polida. As íris tingiram-se de um azul muito claro, como se alguém tivesse vazado os dois olhos dela.

– E então? Descobriu mais alguma coisa sobre Inês? – Ela perguntou, segurando firme o braço de Lauren, apertando no mesmo lugar onde Ivete havia cravado as unhas duas noites atrás.

– Não – Lauren tentou puxar o braço de volta.

Não conseguiu se desvencilhar, os dedos de Erudita seguravam muito firme. A pele ardeu e ela pôde sentir a dor das feridas rachando. As fendas abriram, o sangue coagulado subiu para as bordas, empurrado por um jato de sangue vivo.

– Inês quer você – a voz de Erudita se alterara para um rosnado, difícil de compreender. Riu alto, aberto, os cantos da boca se elevaram.

Lauren tentou se esquivar, puxou o braço, as feridas abriram mais. Gritou, levantou num salto. Foi parar no canto, perto da janela. E estava prestes a pular.

– Eu sei o que você pensa de mim e do meu marido, sua suja – Erudita gritou.

Uma lufada de ar quente invadiu a sala, despenteou a franja de Lauren, sufocou-a.

– Inês não vai te salvar. Nem aquela vadiazinha da Débora.

Das mangas da camisa da professora cresceram garras esverdeadas, cheias de nervuras. O pescoço afinou e também ganhou uma cor verde escura. Alongou-se, evidenciando os contornos das veias.

– Lauren e Debbie se lambendo como duas gatinhas sedentas – o monstro que nada mais tinha em comum com a professora Erudita cantou. Repetiu a melodia diversas vezes, com a boca bem aberta mostrando a língua esverdeada. Sorriu com os dentes pontiagudos.

Em seguida, como se tivesse recuperado a fúria, gritou:

– Você não vai escapar.

A voz grossa que saía da boca alongada era a do próprio demônio.

– Cientistas, dinossauros ou macacos, ninguém pode te ajudar, sua sujaaaaaaaaaaaa.

Com muita dificuldade, Lauren conseguiu passar pela criatura. Chutou a porta. Puxou, puxou, até que conseguiu abrir. Jogou-se para fora.

Caiu por cima de algum desavisado que passava por ali. Reconheceu Maurício.

– Ei, eeeeeeeeeiiiiiiiiii – ele disse.

Segunda-feira, após a educação física, na mesma esquina em que conversaram rodeados pelo mosquito vermelho, Maurício contou que, após o esbarrão no corredor, havia entrado na sala para bisbilhotar Erudita. Ela tinha uma cara assustada e anotava na prancheta, mal controlando a tremedeira. Anotava e anotava, sem parar. Ele tentou se aproximar,

encostou no braço dela, gelado como o de uma morta. Com o outro braço, ela cobriu o papel e escondeu as informações. Ele só conseguiu ver a letra escrita às pressas, uns verdadeiros garranchos.

NÃO ADORMEÇA

Trancada no quarto, sem ter a quem recorrer, Lauren buscou consolo em Bauhaus. Poucas semanas atrás havia baixado a discografia da banda gótica liderada por Peter Murphy. Interessava-se cada vez mais por aquelas músicas de tom sombrio. Compartilhar um gosto tão peculiar era como participar de um grupo. Os fones de ouvido passaram a protegê-la.

Decorou as letras de tanto ouvir. A voz de Peter lhe fez companhia no domingo, segunda e terça. Na quarta-feira, Lauren acordou confiante. Café da manhã com as janelas abertas, pai, mãe e filha conversando, TV ligada em canal de desenhos, orações de gratidão pelo alimento farto servido na mesa. Nada de demônios rondando, esperando um passo em falso.

Animada, escolheu outro vestido, também de cor clara, porém mais justo, menos infantil. Deixou-o exposto em cima da cama ao lado do estojo de batom e da agenda de compromissos. Após a escola se vestiria para o culto. Desde sexta-feira, após o incidente com Erudita, não aparecia uma mulher de branco, um monstro, um mosquito sequer. Chegou a confiar que a fase ruim terminaria.

O culto animado, repleto de jovens, músicas bonitas e mensagens de amor, amoleceu mais um pouco seu coração. Onde estava com a cabeça quando culpou a igreja por suas visões? Logo a igreja, um lugar que transborda de amor.

Escolheu a primeira fila, fez o possível para ser notada e, quando viu que perderia uma boa oportunidade, ofereceu-se para acompanhar o pastor até sua sala. Precisava dizer a ele que suas belas palavras a encorajavam. Que só de ouvi-lo, ela não tinha mais medo, que tinha certeza de que não enxergaria mais demônios e, se os enxergasse, saberia como enfrentá-los.

Apressou-se, seguiu Jair pelo corredor após o término do culto. Segurava a agenda de um lado, mas a mão livre alcançou a dele. Apertou-a, sentiu a firmeza daquela mão, tão maior e um tanto rude. Uma mão protetora daquelas não faria mal, não mesmo. O perfume continuava repulsivo, mas Lauren tentou ignorá-lo, só para ter mais uns momentos ao lado dele, o homem corajoso, de discurso redentor.

– Por favor, aguarde um instante – ele disse. – Não esperava visita.

Jair indicou o sofá namoradeira, de dois lugares, e encaminhou-se para a pequena sala que servia como closet. Esqueceu a porta entreaberta. Podia ser descuido, mas Lauren acreditou ser por gosto. De onde sentara, ela o observava retirando a parte de cima da roupa: primeiro o paletó, depois a gravata. Ele hesitou um pouco, mas optou por desabotoar as mangas da camisa. Dobrou-as, por fim. O tecido da camisa, justo no corpo, evidenciava as costas largas do pastor. Sem dúvida, um homem talhado para ser o porta-voz de Jesus, a conexão entre a terra e o céu.

– Esquentou, né? – Sentou-se ao lado de Lauren. O colarinho também estava desabotoado, mostrando alguns pelos espalhados pelo peito.

Com delicadeza, passou os dedos pelo cabelo de Lauren. Sorriu:

– E o que conta a nossa princesinha?

Princesa? Ela era uma princesa? Fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás. Sim, uma princesa. Bailando com o vestido de anáguas bem armadas, tocada pela leveza do tecido esvoaçante, dançando, dançando. Uma princesa, quase tão bela quanto a mãe.

Quase tão bela quanto a mãe. As letras impressas em fitas coloridas, azul, verde, amarelo e vermelho, formavam espirais, subindo, subindo, enfeitando o salão suntuoso, lotado, muitas princesas ansiosas pela escolha do pastor. Ela sim, dançaria com ele. Fora escolhida e dançaria ao som da orquestra de pratos.

O vento morno, um toque suave ergueu a barra de sua saia. A mão avançou pela perna nua. Não muito ousada, só até a metade da coxa. Um pouco mais, só um pouquinho mais. As pontas dos dedos tocaram de leve, despertando uma vontade, uma fome. Lauren não abriu os olhos, embora o corpo demonstrasse, por instinto, alguns avisos para que Jair não avançasse. Ele não avançou. Permaneceu tocando, com muita leveza, a pele da coxa, criando desenhos imaginários, círculos, pétalas de flores. Um homem tão adulto e educado sabia se portar. Não a forçaria a nada. Lauren sabia que podia confiar. Sabia que ele não a forçaria.

– Sei o que você está passando – ele disse baixinho, quase ao ouvido –, gostaria de ajudar mais. E posso. Mas o demônio, você sabe, o demônio tenta as pessoas. Ele aguarda um descuido. E me tenta também, sabia? Muitas e muitas vezes fazemos coisas que não deveríamos, tudo porque o demônio nos toma de tal maneira que não conseguimos escapar.

A palavra escapar foi dita com ênfase na última sílaba. Lauren sentiu o ar que saía da boca de Jair, e mesmo assim não ousou abrir os olhos. Concentrara-se em outro local. A mão do pastor havia chegado na lateral da perna, e agarrara-se no elástico da calcinha. Instantes se

arrastaram enquanto o dedo puxava o elástico. Prendeu, esticou um pouco, brincou que fosse soltar. Não soltou, devolveu-o ao lugar, justo na pele.

– E-eu – Lauren disse quando conseguiu reunir forças para uma reação.

– Sim, o demônio.

As pálpebras de Lauren continuavam fechadas, mas percebeu que Jair falava de um lugar mais afastado. A voz recuperara o volume e o tom de um superior conversando com um discípulo:

– Você vê como ele age? Quando estamos distraídos. Ele gosta de despertar sensações, desejos proibidos. Devemos nos manter em alerta, não podemos adormecer. Não adormeça, Lauren. – Puxou-a pelos braços, de encontro a si. – Não adormeça! – Beijou-lhe as mãos e a levou para a porta – agora vá. Uma menina bonita da tua idade tem muito a estudar.

Na calçada, ela se lembrou da agenda. Tinha esquecido em cima da mesa do pastor. Voltou para buscá-la, achou que tinha intimidade suficiente para entrar sem se anunciar. Empurrou a porta com cuidado, não viu ninguém. Pegou a agenda e, antes de sair, ouviu uns gemidos vindos do pequeno banheiro, contíguo à parede do fundo. Deu dois passos e viu Jair de costas, a cintura da calça afrouxada. Ele parecia urinar na privada, mas se movimentava de forma estranha. Um dos braços tinha espasmos, forçando contra alguma coisa que ela não enxergava, mas intuía. O gemido arrastado, uma espécie de uivo, ressoava pelas paredes do local diminuto.

Constrangeu-se. Achou melhor sair antes que ele a visse.

MOSCAS

Sobre o colorido das flores do edredom, pousou uma mosca. Grande, bem maior que as que viviam se refestelando ao redor da tampa lambuzada do vidro de mel. Intrigada, Lauren a observou. Sabia que as moscas enxergavam através de muitos olhos – dez, doze, mil, dois mil? –, uma montagem de *pixels* de um computador antigo com contornos quadrados, pouco nítidos. Enigmas da natureza, um bicho que pesa alguns gramas enxerga em mais direções que um vertebrado de sessenta quilos. Tentou tocar a mosca, mas ela voou ao adivinhar o movimento da mão. Imaginou-se com as dezenas (ou milhares) de olhos observando uma garota gorducha que estuda em cima da cama. O que ia querer ali? Não havia comida, Ivete proibira refeições no quarto desde o tempo em que contava fábulas para Lauren adormecer.

A segunda mosca pousou bem perto da primeira. Esfregou as patinhas dianteiras, a atrevida. A terceira e a quarta, ainda mais atrevidas, arriscaram voos rasantes antes de pousar. Mas o quê?, Lauren inquietou-se. O número de olhos a observá-la quadruplicara em segundos. Sobre o espelho, contou mais uma, sobre o painel de avisos importantes, mais três, quatro. Cinco, oito, onze, doze no travesseiro. Todas estáticas, asas fechadas após o pouso, como se a razão da visita fosse apenas observar os hábitos da vertebrada de sessenta quilos. De repente, sentiu-se impelida a abrir a janela. A inesperada plateia crescera a ponto de intimidá-la. Conforme se acomodavam, empurravam-na contra a parede lateral, um espaço cada vez mais restrito. Em minutos a maioria das superfícies planas encontrava-se tomada pelos pequenos monstros. O preto e branco dos cartazes de sua recém-descoberta banda favorita tornara-se exclusivamente preto. *Bela Lugosi's dead, Bela Lugosi's dead, I'm dead, I'm dead, I'm dead*, a música soava ao fundo enquanto o espaço de Lauren se reduzia. Poderia pedir ajuda, gritar, mas gritar por socorro tinha suas implicações. Havia tanto receio de ser ridicularizada, de ver todo mundo rindo, debochando, chamando-a de louca, retardada, anormal, que se acostumara a cuidar de seus problemas sozinha. Era fácil, só fechar os olhos, trancar a respiração o máximo que conseguisse e orar. São visões, pensava. Em pouco tempo abriria os olhos e as moscas desapareceriam. Fechar os olhos e contar, até quanto? Até cinquenta. Cinquenta, um bom número. Daria tempo de tudo se diluir. Os borrões escuros se dissolveriam e um pequeno ralo, no centro do quarto, bem em cima da cama, os sugaria para

dentro. Eles dançariam em movimentos centrípetos, tentando escapar para os lados, mas a força atrativa do centro determinaria seu destino final. Após cada volta, os últimos borrões estariam mais perto do ralo, dançando ainda, numa tentativa desesperada de não serem engolidos. Mas por fim, como num último suspiro, o ralo emitiria um som, como um arrote, após engolir toda a sujeira.

A contagem terminara, Lauren ainda esperou para abrir os olhos. Os pequenos monstros permaneciam ali, então correu para o banheiro em busca do inseticida. Jogou o aerossol em várias direções. Esperou. Poucas caíram se debatendo, não mortas. Jogou de novo, por um tempo mais prolongado. Derrubou um número mais expressivo. Mesmo assim restavam muitas, paradas, sem atacar, sem fugir, apenas paradas. Impaciente, Lauren segurou com uma mão o frasco e, com a outra, grudou o dedo no dispositivo. Apertou com força, girou o corpo para todos os lados, tentando atingir o máximo de moscas. Uma nuvem claríssima de veneno tomou o ar, invadindo suas narinas, descendo pela garganta. Lauren tossiu alto, várias vezes, lágrimas escorreram de seus olhos. Não conseguia abri-los. Buscava uma toalha para esconder o rosto e tampar o nariz. Precisava correr para fora do quarto. Segurou a respiração e saiu. No corredor, ainda tossindo, bateu a porta do banheiro e a empurrou. Alcançou a toalha e a pressionou sobre os olhos ardidos. Lacrimava sem parar. Lavou bem as mãos, depois jogou bastante água no rosto, na boca e fez um gargarejo. Jogou a toalha sobre o ombro e decidiu esperar fora de casa. Sentou-se na calçada, meia hora era tempo suficiente para o veneno evaporar. Sentia-se tonta, com um início de dor de cabeça. A ferida no pulso latejava um pouco. Com o tempo, as bordas tornaram-se ovaladas e se uniam nos cantos. Não curava, como se todas as noites alguém viesse machucar mais um pouco. Era incrível como se parecia com uma mordida. Quando é que tudo isso ia passar? Será que ia passar? Por que é que eu nasci tão diferente? Revoltava-se. Por que é que não me encaixo? Gostaria de voltar a lutar e vencer e ter amigos. Coisas simples, que qualquer garota deseja. Gostaria de apagar para sempre as imagens de Inês. Tantas garotas para visitar, e Inês escolhera logo ela. Ela nada tinha a ver com Inês. Inês, a bonita, Ivete, a bonita, Debbie, a bonita. E Lauren, a feia. Aproximou-se do pé de resedá e arrancou umas folhinhas. Despedaçou-as, jogou tudo no chão. Sentou-se no cordão da calçada e chorou. Mas antes mesmo de imaginar que os pais podiam voltar, limpou bem os olhos, ainda ardidos pelo veneno. Encheu-se de coragem e voltou para o quarto. Respirou fundo, olhou ao redor. A população de moscas havia diminuído. Um bom número delas, entretanto, resistia em seus

lugares, olhando em tom desafiador. Lauren não quis ficar nem mais um minuto ali. Pegou o celular, a mochila e correu.

– O que houve? – uma voz conhecida gritou de longe.

– Nada – ela respondeu. Aproximou-se da caminhonete com o olhar baixo.

– Por que você está tão assustada? – o pastor perguntou.

– Ah, tenho prova.

– Olha – ele disse num tom conciliador –, tenho um compromisso. Vou até ali em Tuparendi para entregar umas cestas básicas. Quem sabe você não quer me ajudar?

Lauren pensou por alguns instantes.

– Tá bom – disse por fim.

Bateu a porta com força após entrar. Esperou a reprimenda, que não veio. Após uns minutos calada, olhou para o pastor. Ele mantinha um sorriso nos lábios, embora os olhos permanecessem concentrados na estrada.

– Temos quinze famílias que nos esperam.

Antecipando-se a algum problema em casa, Lauren pegou o celular e digitou mensagens curtas, em duas horas estaria de volta. Como se adivinhasse a autorização, o pastor acelerou assim que ela repôs o celular na mochila. Seguiam calados ao chegarem ao desvio que levaria à comunidade carente. O pastor reduziu a velocidade e acionou o pisca. Fez a curva com cautela e, assim que os pneus tocaram a estrada de chão batido, voltou a acelerar. Após um declive, o carro derrapou. Uma pedra saltou e bateu na lataria.

– Esqueci de pedir para você colocar o cinto – seguro, com as duas mãos na direção, ele mantinha no rosto a promessa de sorriso.

Lauren puxou a fivela e prendeu-a no engate de plástico vermelho. Segurança, nem tão boa, nem tão ruim. Apenas incômoda. Ele poderia fazer o que quisesse com ela ali, presa. A ideia de abuso a enojou, mas também acendeu uma luzinha de interesse. Estaria excitada? O que o pastor diria se pudesse ler os pensamentos dela? Forçou o relaxamento dos ombros, até então tensos, e pousou as mãos sobre as pernas. Manteve-se alerta, mesmo com os olhos fechados.

No galpão que reunia as famílias do povoado houve intensa movimentação para esperá-los. Balões ornamentavam a porta de entrada, um arranjo de flores variadas foi

disposto no centro da mesa grande, coberta pela toalha engomada, branquíssima. Voluntários acomodaram as cestas ao redor do arranjo.

Jair assentiu com um movimento de cabeça, dirigiu-se a seu púlpito improvisado e tomou a palavra. Tudo ali era bastante rudimentar, não havia sistema de som, mas ele acostumara-se a falar alto desde quando a igreja não tinha muitos fiéis. Agradeceu a oportunidade de entregar comida para quem tinha fome, exaltou a singela decoração produzida por aquelas mãos humildes. Jesus estava em todos os lugares, especialmente entre pessoas com condições mais modestas, lembrou. – Sou um homem muito afortunado por estar entre vocês – disse. Convidou a todos para se unirem em oração e fez um breve discurso sobre solidariedade entre irmãos de fé.

Lauren o assistiu da primeira fila. Aplaudiu, emocionou-se, cantou. Inês e as moscas apagavam-se quando a palavra do pastor provava a presença de Jesus em todos os lugares.

Com gestos magnânimos, Jair abençoou a todos e depois se desculpou, não podia ficar para o jantar. A menina, sua ajudante, precisava fazer as tarefas da escola. Despediram-se prometendo visita mais demorada, e a caminhonete acelerou, levantando o pó vermelho do barro.

Ao chegarem perto do aclive em que haviam derrapado cerca de uma hora atrás, ouviram um estouro. O pastor freou.

– Pneu furado – disse.

Sob o olhar aflito de Lauren, ele arregaçou as mangas da camisa e trocou o pneu. Um dos músculos do braço saltava como uma bola, marcando o tecido a cada giro na chave de roda. O sol se despedia, deitando-se atrás das copas das árvores de um pequeno bosque. Os raios dourados do fim da tarde iluminavam a plantação de trigo, os braços e os cabelos ralos daquele homem que trabalhava concentrado, como se seu único objetivo de vida fosse salvá-la do perigo de passar a noite numa estrada perdida. Havia algo celestial naquele momento. Mais um pouco e anjos seminus, com asas tão alvas que doeriam nos olhos, desceriam de suas moradas nas nuvens e alcançariam as ferramentas para que Jair finalizasse o trabalho.

– Pronto – ele disse após bater as solas das botas contra o chão.

O pó alaranjado que se elevou contribuiu ainda mais para o colorido da cena. Estamos num filme de Hollywood, pensou Lauren.

Assim que o carro adquiriu velocidade, ela teve vontade de escorar a cabeça no ombro dele. A lembrança da mãe a fez frear o ímpeto.

Cerca de um quilômetro antes do trevo de acesso a Bosque Novo, ele deu sinal e entrou no posto de gasolina.

– Põe setenta de diesel – atirou a chave para o frentista.

Colocou a mão sobre a perna de Lauren e sussurrou um “muito obrigado pela ajuda”. Precisava frisar o quanto ela fora incrível. Lauren sentiu as bochechas ardendo ao respirar o hálito dele. Não teve coragem de erguer os olhos para encará-lo. Procurou alguma coisa para olhar através do vidro sujo. Havia um cãozinho, vira-latas e sarnento, carregando um osso de galinha. Procurava um lugar na grama para enterrar seu prêmio. Ela suspirou aliviada ao notar que Jair compreendia seu constrangimento e saía do carro. Por via das dúvidas, manteve o olhar fixo no cãozinho. Tentou se distrair imaginando onde aquelas patinhas cavariam. Mais aqui, mais ali, o cãozinho tinha suas dúvidas. De repente, algo se chocou contra o vidro, assustando-a. Era água, um jorro forte. O frentista decidira lavar o para-brisa. Ela deixou-se hipnotizar pelos movimentos circulares do braço do homem, a espuma desfazendo-se em bolhas menores, escorrendo vidro abaixo, feito o trajeto de uma lágrima, até ser capturada de novo pelo braço do frentista, rodar, rodar, voltar a ser espuma, desfazer-se em bolhas menores e escorrer. Mais movimentos, vagarosos, rápidos, círculo para um lado, para o outro, e um novo jorro abundante de água. As pálpebras de Lauren pesavam, fechavam-se e demoravam a abrir. E então ela adormeceu.

– Tudo bem? – Ivete a espiava da porta do quarto.

Lauren assentiu. Sentia o corpo mole, a cabeça latejando, como se tivesse dormido por mais de semana. Quando se deu conta de onde estava, saltou da cama. Ivete a segurou:

– Calma – passou a mão sobre a cabeça dela. – Descansa.

– Mas?

– Tudo bem, eu limpei a sujeira do chão – conteve Lauren num abraço.

Ela relutou um pouco, mas acabou adormecendo. Acordou de madrugada, transpirando. Acendeu a luz. E as moscas, onde estariam as moscas? Havia uma apenas, voando de maneira ruidosa. Lauren seguiu seu trajeto e viu-a se esconder embaixo da cama. Sentou-se no chão e esticou a mão até a caixa. Abriu-a. A pomba estava lá, só a carcaça. A carne fora devorada.

O AMOR É UM BICHO ESTRANHO

Naquela tarde de culto, Lauren intrigou-se com o carro de Erudita estacionado ao lado da igreja. Que diabos a professora queria ali?

Desde o incidente do livro desaparecido ela notara comportamentos estranhos. Erudita evitava aproximação, desviava o olhar durante as aulas e a observava de longe durante o recreio. “Ó lá, a mulher te espiando de novo”, Maurício debochava. Ria com a boca cheia de merenda, socava de leve seu ombro. Ela também ria, de nervosa. Escondia-se pelos corredores, não perguntava em aula, tentava fazer-se invisível. Cumpria suas tarefas, esforçava-se por boas notas, passava longe de qualquer grupo que falasse sobre lutas. Acreditava que vivia uma fase ruim, propícia para tantas dúvidas. E as dúvidas não sanadas ocasionavam as visões, tudo por conta da idade, da solidão, do medo. Passaria, ela precisava acreditar nisso. Os cultos a ajudariam, as pessoas amigas também. Ivete a ajudaria, Abel, o pastor, Debbie, Maurício. Até Erudita. Mas o que mesmo ela fazia ali?

Com a desculpa de precisar ir ao banheiro, esquivou-se do grupo de jovens que conversava alto em frente à igreja.

– Já volto.

Silenciosa, dirigiu-se ao escritório do pastor. Encostou o ouvido na fresta da porta. Sem dúvida, havia uma conversa reservada ali, os tons de voz um pouco abaixo do compreensível reforçavam sua certeza. Virou o rosto e espiou. Erudita gesticulava e o pastor mantinha aquela promessa de sorriso, algo que agora se tornara parte de sua fisionomia. Ela gostava tanto da promessa. Gostava muito, quase tanto quanto detestava. Em meio aos sussurros, teve certeza de ouvir seu nome. Apurou a audição, permaneceu estática. Ouvira sim, claro que ouvira. A seguir, ouviu outras palavras preocupantes. Demônio, diabo, espírito ou coisa parecida. Era isso então, a cidade inteira a odiava, não podia contar com ninguém. Toda a esperança que alimentava até alguns minutos atrás se esvaíra. Dois adultos que deveriam protegê-la estavam, na verdade, tramando contra ela. Correu sem dar atenção para o barulho que seus passos provocariam.

Correu pela avenida, em meio aos poucos carros que transitavam. Dobrou à direita na esquina do centro cultural, cerca de um quilômetro adiante. Correu por mais uns duzentos metros e dobrou à direita mais uma vez. Subiu uma rampa de lajotas quebradas, tocou a campainha. A música alta que tocava dentro da casa baixou.

– Oi, sou amiga da Debbie.

A mulher elegante, com um anel de pedra verde gigantesca na mesma mão que segurava um coquetel servido numa taça de bojo largo, abriu a porta sem muito questionar. Com gestos, mostrou o caminho a seguir. Lauren hesitou.

– Vá, vá – a mulher disse.

E voltou para o cômodo de onde viera. Usava uma túnica longa, estampada em tons de vermelho, de tecido fino. A barra arrastava pelo chão, como uma cauda. A música recuperou o volume. Não era uma música que Lauren conhecesse, não tinha voz, só instrumentos tocando uma melodia repetitiva que a fez pensar em brinquedos de parques de diversões. Fechou os olhos para tentar decifrar o odor da casa, algo bem exclusivo. Um cheiro de tempero agriçoce queimado que grudava no nariz.

Com todo o cuidado, Lauren empurrou a porta provocando um rangido involuntário. Encontrou Debbie debruçada sobre a cama, retocando as unhas. Usava fones de ouvido.

– O que você faz aqui? – retirou os fones.

– A senhora de vestido me mandou entrar.

Debbie revirou os olhos.

– Detesto essa casa – bufou.

A música da sala elevou-se um pouco mais. Debbie saltou até a porta e bateu-a com força. Um pedaço de reboco desgrudou-se da parede acima da guarnição. Lauren fingiu não ver. Sentou-se no chão, em cima de uma almofada.

– Nunca pensei que você dormia num quarto cor-de-rosa.

Debbie sorriu de forma cínica e logo fechou a cara. Acendeu um cigarro.

– O que você quer?

– Você faltou muitas aulas. Vim ver se estava doente.

– Já viu. Não tô.

Lauren baixou os olhos. Ouviu o estalo da língua de Debbie e mais um suspiro forte que exalou toda a fumaça que ela havia aspirado.

– Tá – alcançou o cigarro para Lauren. – Prova.

Ela o levou até os lábios. Sugou a fumaça, engasgou-se, tossiu alto. Debbie riu. Recuperou o cigarro e fumou até o fim. Apagou-o, piscou para Lauren:

– Desembucha.

– Ah, não, não é nada.

Debbie a atravessou com um olhar persecutório.

– Tá, vim perguntar o que eu faço.

– É sobre homem? – Debbie acendeu outro cigarro.

– É a Erudita. Acho que ela me odeia.

– Ah, não fode, garota – jogou-se em cima da cama. Acomodou-se, a barriga para cima, a cabeça girando lentamente para soltar a fumaça em círculos. – Não posso te ajudar. Todo mundo me odeia naquela escola.

Lauren sorriu, mais um ponto que as unia. A mãe esquisita. Esquisita e bela, ou tão bela que chegava a ser esquisita, ou tão esquisita que se tornava bela. Debbie também odiava sua própria casa, também se sentia odiada pela escola inteira. Pareciam-se. Muito da libertação de Lauren vinha das influências de Debbie. Ela perdera o medo de se maquiar. Usava o lápis em exagero, borrando os contornos dos olhos. Passou a apreciar outros tipos de músicas, umas góticas, outras dark. Aumentou as opções de roupas pretas e pretendia fazer uma tatuagem assim que juntasse o dinheiro. Olhou para a amiga que continuava deitada, brincando com o toco de cigarro. E se fugissem juntas? Um lugar longe dali, outra cidade, sem pais e professores, sem escola. E se, de repente, a vida se tornasse simples e fácil, como uma declaração de amor, como um beijo, como andar de mãos dadas sem medo. Debbie também tinha seus medos, devia ser ruim viver naquela casa com uma mãe tão esquisita. Devia ser muito ruim ser Debbie, a valentona que nunca podia chorar ou demonstrar fraqueza. Lauren se ajoelhou, escorou-se na cama e chegou bem perto dela.

– O que é isso? – Debbie apontou para o machucado no braço de Lauren.

– Um arranhão.

– Arranhão? Parece mordida.

Esfregou a mão sobre a pele cortada. O calor produzido pela fricção encorajou Lauren a chegar mais perto.

– Eu gosto de você – disse.

Debbie não respondeu. Parecia estar em outro mundo, com pensamentos dispersos. De um modo muito súbito e atrapalhado, Lauren beijou o rosto de Debbie.

– Ei, garota – Debbie esquivou-se, limpando a bochecha babada com o dorso da mão. – Sai pra lá!

– Desculpa.

– Desculpa nada. Não quero saber de teus problemas. Não sou tua amiga. E você é louca.

– Não somos amigas? – Lauren perguntou baixinho, num tom quase de murmúrio, os olhos vermelhos, um leve tremor nas pernas, nas mãos frias.

– Claro que não. Quem disse que sou tua amiga? – levantou-se, caminhou pelo quarto. Parou na frente de Lauren. – Me deixa, tá bom? Já tenho meus problemas.

– Mas posso vir outro dia? – a mão de Lauren ficou ainda mais fria, agarrada à maçaneta.

– Não. Quero ficar sozinha.

– Nem no arquivo?

– Eu saí do arquivo.

– Nem na escola?

– Vou sair de lá também. Vai embora, por favor. Quero ficar sozinha.

Lauren saiu e puxou a porta atrás de si. No corredor, a música instrumental voltou a atrair sua atenção. Era festiva, animada, mas o ritmo ia acelerando a ponto de torná-la angustiante. Ela parou um instante fora do cômodo de onde vinha a música. Encostou o ouvido à porta, depois tentou espiar pela fechadura. A senhora do anel verde a flagrou. Vinha da cozinha com a taça cheia de um líquido da mesma cor da pedra de seu anel. Abriu a porta:

– Venha.

Um ambiente inesperado se apresentou: piso de parquet encerado quase como um espelho, cortinas de brocado cobrindo janelões que mais pareciam vitrais de igrejas, móveis de madeira com pés palito. Ao todo, cinco pessoas em pé e mais cinco sentadas em poltronas de veludo. Equilibrando uma bandeja de prata, a empregada de uniforme branco e preto oferecia canapés. Um casal dançava, fazendo evoluções teatrais, repletas de reverências. Todos riam. Ao notarem a presença de Lauren, ergueram as taças num brinde.

– Vá – a mãe de Debbie a empurrou.

Magro e muito alto, com cabelos bem penteados para trás, o senhor de fraque estendeu-lhe a mão esquerda. O escuro de seus olhos ocupava todo o espaço das órbitas, buracos negros para onde facilmente alguém poderia cair.

Num volume tão elevado que abafava as vozes dos convidados, os primeiros acordes da Valsa das Flores tomaram o ambiente. Lauren retrocedeu. Todas as últimas frustrações convidavam-na para dançar. Debbie, meu Deus do céu, Debbie, e agora o que vou fazer longe de você? Deu mais dois passos para trás no momento em que ouviu os toques secos no chão. O cavalheiro alinhado não usava sapatos. Num reflexo rápido, mirou seus pés. Não havia a menor possibilidade de ele calçar sapatos. Não eram pés, eram cascos. Não, Lauren balançou

a cabeça. Indiferente à súplica, ele avançava, convicto, olhos de buraco negro, canto dos lábios franzindo as bochechas. Lauren buscou a saída, olhou para o público, pedindo ajuda. Todos riam. Bebiam, fumavam e riam. No canto direito dos janelões, uma figura de branco também ria de uma forma desavergonhada. O vestido, que mais parecia uma camisola, tinha manchas vermelhas. Inês a encorajava a entrar na dança.

PARTÍCULAS FUGIDAS, BRILHANTES

Mais uma noite mal dormida, repleta de pequenos cochilos acompanhados de pesadelos que a traziam de volta à vigília aos sobressaltos. Primeiro equilibrava-se em cima de um muro altíssimo quando uma mão sorrateira a empurrava para o vazio, depois o vazio era um lago com a superfície congelada, ela socava e socava a dura crosta de gelo enquanto expelia as últimas bolhas de ar de seus pulmões. Seis da manhã, as pálpebras pesavam. Desligou o despertador um minuto antes de ele começar a tocar. Arrastou-se até a pia do banheiro, esquivando-se do espelho. Feia, gorda, louca, não tinha coragem de se olhar. “Não sou tua amiga, me deixa em paz. Todo mundo me odeia naquela escola”. As frases vieram como flechas certeiras, embebidas num veneno cáustico. Erudita não queria seu bem, estava do outro lado, o lado deles. As conversas na salinha desativada eram fingidas, um subterfúgio para estudarem seu comportamento. O pastor não ligava a mínima. Sua preocupação era com a igreja, com o diabo a ser afastado. Largou o pijama no chão, desfez-se dele com uns chutes no ar. Entrou debaixo do chuveiro. Chorou em silêncio, engolindo parte da água que escorria irregular, morna, com gosto clorado. Os cabelos encharcados, caindo sobre o rosto, grudados na cabeça. Olheiras fundas, lábios pálidos, gengivas vermelhas, como as garotas possuídas por um espírito maligno nos filmes de terror. Como não se sentir um monstro, uma criatura bizarra que tem por hábito guardar pombas em estado de decomposição? A mãe devia comentar com Jair. Falar das roupas escuras, das músicas que claramente invocam o demônio, do isolamento. “Ela vive trancada no quarto, assiste a uns vídeos, sabe-se lá do quê”, a mãe devia confessar ao pastor. “E teve a invasão das moscas”, ela lembraria de repente, “um monte de moscas, só no quarto dela. Não é bem estranho?”, perguntaria com a mão sobre a testa, balançando a cabeça em sinal de negação. Enrolou-se na toalha e entrou no quarto. O corpo pingando rastros pelo corredor. Abriu o roupeiro e separou a calça e a camiseta pretas. Abaixou-se e abriu a gaveta das meias. Calçou os tênis, também pretos. Assumiria sua bizarrice, bastava de fingir-se de garota crente e estudiosa. Saiu de casa com os cabelos molhados, ainda escorridos, grudados no crânio. A cabeça baixa a impediu de cumprimentar Maurício no portão da escola.

– Ei – saiu correndo atrás dela.

Ela apressou o passo, cruzou no meio de uma rodinha de garotas que conversavam. Por gosto, chocou-se com o ombro de uma delas.

– Não encosta em mim, esquisita – a garota gritou.

Lauren parou no meio do corredor, o peito estufado, as duas mãos apoiadas na cintura. E então o tempo se suspendeu. Foi transportada para outra dimensão, um lugar onde as pequenas partículas do ar dançavam, visíveis, fugidias, brilhantes. A Lauren que ali habitava era autoconfiante, não o saco de areia que todos desprezavam. Devagar, em tom de ameaça, disse com os dentes cerrados:

– O que você falou, projetinho de peruca?

– Eu disse que você é uma sapa nojenta.

A garota mal teve tempo de terminar a frase. Lauren saltou em cima dela. Acertou o cotovelo no estômago da garota, derrubou-a no chão. Caiu sentada sobre o corpo que se agitava de dor.

– Sai de cima de mim, vai me esmagar, sua gorda nojenta – cravou as unhas no braço de Lauren.

A ferida, que cada vez mais parecia uma mordida de bicho selvagem, começou a latejar. Lauren sentiu o sangue escorrendo pelo braço.

– Repete, sua puta!

Desferiu um bofetão na cara da garota. Com a violência do tapa, o rosto dela girou para a esquerda. A bochecha grudou no piso frio. Não teve tempo de revidar. Assim que voltou o pescoço à posição normal, levou o segundo bofetão, para a direita. Do nariz, brotou uma bola de sangue vermelho escuro. Atraídas pela confusão, montes de crianças se juntaram ao bolo.

– Bate, bate – gritavam em estado de histeria.

Lauren fechou os dedos concentrando toda a força no punho direito.

– Vou estragar essa tua carinha que todo mundo acha linda.

A garota se agarrou nos cabelos de Lauren, puxou com força, arranhou-a mais uma vez, no rosto. Em resposta, levou dois socos: no nariz e no lábio superior. O dente da frente quebrou pela metade, o pedaço voou longe. Não se enxergava mais o rosto da garota, o sangue escorria por toda a parte. Gritos e urros da torcida ecoavam pelo corredor. A escola inteira se empurrava para ter visão privilegiada da briga.

– Acaba com ela, sapon! Mata!

Os incentivos entusiasmavam Lauren, que endireitou o corpo, preparando-se para nova sessão de bofetes. Forçou o peso contra a barriga da menina, dificultando-lhe a respiração, pressionou as pernas contra as dela, impedindo sua fuga. Ergueu o braço.

Foi surpreendida pela mão do vigia, que a puxou pela gola da camiseta. Ele arrancou Lauren de cima da garota, jogou-a contra a parede. Sacudiu-a.

– O que é isso?

O grupo de alunos começou a se dissipar, somente alguns a rodeavam, olhando-a com curiosidade. Maurício entre eles.

– Você vai ser expulsa – disse.

O tempo voltou a correr nas condições normais, as partículas sumiram. Lauren aquiesceu. Ela tinha consciência do que havia feito, não se arrependia. Só não sabia de onde tirara o impulso inicial.

O barulho dos saltos dos sapatos anunciava a presença da diretora. Vinha do fundo do corredor, nervosa, impaciente. Agradeceu ao vigia, abraçou a garota ensanguentada.

– Chamamos a ambulância – disse baixinho.

Virou-se para Lauren e a encarou. Ela reconheceu os buracos negros dentro daquelas órbitas raivosas.

PAI, ME AJUDA

Caminhando devagar, arrastando o ombro na superfície rugosa do muro da escola, Lauren programava o roteiro de argumentos para o confronto com a mãe. Pensava e pensava, buscando a desculpa mais convincente. Diria que foi um mal-estar, um desmaio, que teve dor de cabeça e ânsia de vômito, que se recuperou com rapidez, mas a professora achou prudente enviá-la para casa. E a cartinha? Melhor não mostrar por enquanto, esperar pelo momento certo. Precisava de tempo para formular uma defesa. E ainda assim seria difícil explicar que brigara mais uma vez. Não só brigou como desfigurou o rosto de uma garota qualquer, que ela mal conhecia. Como explicar que tudo aconteceu por impulso e não vontade própria? E, sendo por impulso, como permanecer convicta de que fora natural e não guiado pelo demônio? E será que não foi guiado por uma força demoníaca? Será que essa força penetrara tão sorradeira que ela nem chegou a sentir? Como seria um caso de possessão? O demônio vem e vai, sem que o hospedeiro perceba? Entrou na pracinha e sentou-se no balanço, abanando o documento branco no ar. Gostaria que uma ventania forte arrancasse a má notícia de sua mão. Queria ver a folha branca voando, atravessando o gramado que rodeava os brinquedos, rolando pela rua asfaltada, chocando-se contra o farol de um carro que passasse por ali. Não um carro de morador, mas de um visitante perdido, que chegou por acaso. Alguém que logo partiria, sepultando a lembrança que uma manhã, em pleno 2018, quando os GPSs funcionam com precisão, acabou parando numa cidadezinha sem a menor graça. Bom mesmo seria acompanhar o documento na viagem. Acenaria para o motorista, não, meus pais não ligam que eu pegue carona, sim, sou menor de idade, sim, só vou até ali adiante, visitar minha avó, me chamo Débora, mas esqueci dos documentos. Quando dessem por sua ausência, seria tarde. Longe, bem segura num quarto de hotel, ela enviaria uma mensagem dizendo que estava bem. Mensagem, não, faria melhor. Colocaria uma postagem em seu Facebook, bem grande, com o fundo colorido: esqueçam que eu existo. Imaginou a tristeza da mãe ao receber o recado. Será que ela choraria? E o pai? Sentiria sua falta? Sairiam à procura? A igreja faria cultos para orar pelo seu retorno? Amigos escreveriam mensagens de saudade no post? Maurício nem ligaria. Debbie até agradeceria. Não teria mais uma garota feia e invejosa babando em roda dela. E se ela morresse? Quem choraria? Entristeceu-se ao imaginar a cena: o corpo dentro do caixão, alguns chorando, outros chegando por curiosidade. Imaginou uma fala comovente do pastor. Era uma menina muito estudiosa, uma promessa

para toda a comunidade. Mas se perdeu, tentamos salvá-la em nome de Jesus e ela se perdeu. Agora descansa junto ao pai. Vamos orar pela alma de Lauren, ele diria enxugando uma lágrima tímida que escorreria do canto do olho. Ivete o abraçaria, eles olhariam juntos para dentro do caixão, entrelaçariam os dedos. “Força, irmã”, ele diria. Mais afastado, Abel guardaria o choro para si. Um choro de dez, quinze minutos. Pensaria nela pequena, nas oportunidades que perdeu de acompanhar a filha, de ensiná-la como se defender do demônio. Teria ele aprendido a se defender do demônio? Lauren pensava em tudo isso quando ouviu o sino da católica. Agora podia ir para casa sem inventar desculpas. Contaria depois, outro dia, mês que vem. Poderia passar mais de semana se arrumando para a escola e parando na pracinha, só para pensar e decidir algum rumo. Levantou-se, movimentou a perna esquerda, adormecida pelo tempo que passou embaixo da direita. Um vento inconstante despenteou seu cabelo (agora seco e embaraçado). Fechou o casaco e aguardou o carro que atravessava a avenida. O vento a atingiu de novo, arrancando o pedaço de papel de suas mãos. Soprou-o para longe. Ela permaneceu a observar os giros que a folha realizava, quase uma apresentação artística.

Entrou pela cozinha, atrás, meio calada, meio escondida, e foi direto para o banheiro lavar as mãos. No sofá, em frente à TV, Abel aguardava o almoço.

– Tua mãe deve estar chegando – disse.

Onde Ivete teria ido? Parecia que havia saído bem no meio do preparo do almoço. Mas não quis perguntar.

Acendeu duas chamas do fogão para aquecer a comida. Havia alguns legumes cortados e pedaços de carne para um molho. Jogou tudo na panela de pressão. Sentou-se ao lado do pai.

– Será que ela demora?

Abel ergueu os ombros.

Ivete irrompeu na porta da cozinha assim que a panela de pressão começou a gritar.

– Perdida! – Vinha com uma vara na mão. Desferiu o primeiro golpe nas pernas de Lauren. – A professora me contou tudo.

Desferiu outro golpe.

Lauren recuou. Tentou se defender com as mãos sobre o rosto. Mas Ivete não mirava o rosto, ainda não. Por enquanto acertava as pernas. Cada varada ardia como se Lauren estivesse com a pele nua. A terceira foi na barriga. A camiseta grudou na pele. Cortou.

– Para, mãe – Lauren suplicou, chorando.

– Vou tirar o demônio de você.

Outra varada, mais forte, no braço, atingindo parte do peito. Lauren encolheu-se. Gritou por socorro.

– Pai, me ajuda.

Abel levantou. Posicionou-se perto, tentou conter Ivete agarrando-a pelas costas.

– Já chega – disse.

Ela se virou e ergueu o braço. Ia acertá-lo também, se ele não a segurasse. Olhou bem dentro dos olhos dela, com uma raiva latente.

– Você não vê? – ela gritou. – Não vê o demônio dentro de nossa filha?

Olhou para Lauren de novo.

– Eu não vou deixar – gritou mais alto.

Desferiu dois tapas na cara de Lauren. Um mais forte e o segundo um pouco mais fraco. O nariz de Lauren começou a latejar.

– Vamos tirar o demônio de você – Ivete se afastou um pouco e ergueu o dedo –, falei com o pastor. Isso vai acabar.

Soluçando alto, Lauren se retirou da sala. Entrou no quarto e fechou a porta. Ivete veio atrás e a chutou:

– Porta aberta a partir de agora – caminhou até a parede, rasgou o pôster de Peter Murphy em pedacinhos –, chega de demônios nesta casa. Eu ainda mando aqui.

Lauren se jogou sobre a cama. O corpo inteiro doía. Chorava chacoalhando o colchão. A ferida do pulso ardia muito. Quando se acalmou, olhou para os pedaços do pôster jogados no chão. Um olho de Peter Murphy a desafiava.

– Enfrente – ele dizia. E apontava para o lado. Para fora da janela. Para o mato.

DESCARREGO

– Mãe – Lauren sussurrou da cama. As feridas ardiam, as pálpebras incharam a ponto de proporcionarem a visão a partir de uma pequena fenda horizontal. Mesmo assim, reconheceu a silhueta da mãe, escorada na porta do quarto. Também notou o semblante mais pacífico, nada de rugas naquela testa, repouso para os pequenos músculos que embelezavam aquele rosto. Ou talvez fossem os gestos dela, mais suaves, que possibilitaram o início da conversa. Tentou um sorriso.

– E se o pastor Jair não for quem a gente pensa? – Havia armazenado a pergunta durante horas. Remexeu-a entre os dentes, ruminou, jogando-a para todos os cantos da boca, como um chiclete duro e sem gosto que passou da hora de jogar no lixo. Decidiu que o melhor seria lançar a dúvida num só fôlego.

– O que você está dizendo? – apertando os olhos, Ivete balançou a cabeça.

Lauren não reconheceu aquele cinismo em sua mãe. Era característica nova, não combinava com a mulher intensa que tanto lutava para expressar verdade. Mantendo a atitude delicada e um pouco aérea, Ivete se sentou na beirada da cama. Moveu um pouco a mão, mas não avançou muito. Parou no meio do caminho, na dobra da colcha.

– Isso que a senhora ouviu – puxou as pernas contra o peito e as abraçou. – E se ele for uma pessoa ruim? Que não quer o nosso bem?

Nosso bem, Lauren foi cautelosa ao selecionar as palavras. Posicionar-se sozinha contra o poderio de Jair seria uma tremenda burrice. Transformaria aquela briga numa questão binária, como se tudo se tratasse da luta entre o bem e o mal. E ela, sem dúvida, representaria o mal. Nosso bem se referia a algo mais nobre, importante, o bem de toda a família, talvez de toda a comunidade. Queria demonstrar que não lutava por si, por sua liberdade, mas pela boa convivência familiar. Surpreendeu-se com a perspicácia momentânea. Satisfeita, quase sorriu. Conteve-se no momento certo. Não podia deixar transparecer sua engenhosidade. As bruxas que usavam dessas artimanhas. Costumavam ser dissimuladas.

– Lauren – após um suspiro espichado, a mãe disse –, ele quer o nosso bem. Ele só trabalha pelo nosso bem. E ora por todos.

– Mas...

– Isso não é muito bonito – interrompeu Ivete. – Essa recusa, essa teimosia.

– É que às vezes ele tem umas atitudes estranhas.

– Estranho? O que é estranho? Comandar uma igreja? Dar conselhos para a comunidade? Pregar?

– Mas por que temos que ter conversas particulares? – o rosto de Lauren enrubesceu. Arrependeu-se da pergunta, não queria trazer a questão à tona. Não queria que a mãe compreendesse a que conversa ela se referia. Era tarde, a simples menção trouxe todos os sentimentos confusos que ela experimentou naquele dia. Por mais que tentasse evitar, reviveu tudo: a cena horrorosa, o ritual desconcertante, sem pé nem cabeça, que mais parecia um encontro sexual. Foi uma relação sexual, ela não tinha mais dúvidas quanto a isso. Assistiu ao que os dois fizeram e sabia que era muito, muito errado. Tomou um pouco de ar, precisava de concentração, não queria deixar transparecer o lugar feio e sujo por onde seus pensamentos andavam. Se Ivete desconfiasse, a conversa poderia tomar outro rumo, nada positivo.

– Porque ele é a pessoa mais indicada para aconselhar. É o homem de confiança de Jesus. Recebeu essa tarefa, não escolheu, porque isso não se escolhe. E é tarefa bem inglória, sabia? Imagina ter que aconselhar um monte de jovens como você? Jovens que insistem em se afastar das palavras da Bíblia. Ou você se acha a única rebelde? Não é agradável, é como construir um enorme muro, tijolinho por tijolinho.

Lauren sentiu um alívio na pressão que espremia seu pulmão contra as costelas. Ivete não chegou a identificar o alcance da pergunta. Talvez menosprezasse o raciocínio da filha. Ou talvez acreditasse que a ideia das visões fora absorvida e interpretada para todas as situações incomuns. Mas, e se Ivete também estivesse em um estado de consciência fora do normal quando aceitou participar daquilo? E se o pastor fosse um homem tão ardiloso e convincente que fizesse até Ivete e Abel crerem que o ritual abjeto era mais uma obra de sedução do demônio? A possibilidade causou-lhe uma comoção doída, uma culpa por tê-la julgado por tanto tempo, e o peito voltou a ficar apertado. Teve vontade de abraçá-la. Mas não o fez.

– Eu sei, mãe. Mas tem coisas estranhas. Ele me tocou.

De novo, soltou a informação de um fôlego só. Começou a se assustar com o que saía de sua boca, sem filtro.

Ivete se remexeu sobre a cama:

– Tocou? Como assim, te tocou?

– Tocou de tocar, ora. Encostou a mão na minha perna, no meu braço. – Baixou a cabeça e esperou a reação. Estava dito, paciência. Agora Ivete sabia que não era a única

seduzida, que o pastor também agia de modo estranho com sua própria filha. Quem sabe agora, com essas novas informações, ela mudasse a postura de defesa cega.

– Filha, cada vez fico mais preocupada com você. Você enxerga coisas. Não só enxerga como reproduz, isso é um grande problema, uma doença. Mas não é culpa tua, eu sei – passou a mão no cabelo de Lauren. – É o demônio. Ele tenta muito nessa época da vida. Mas isso vai passar, minha filha – abraçou-a –, eu prometo que vai passar. Na próxima sessão de descarrego você vai se livrar desse demônio.

– E se eu não quiser?

– Se não quiser o quê?

– Ir na sessão.

Ivete encheu o peito de ar. Explodiria, a qualquer momento explodiria. Os olhos adquiriram uma opacidade visível. Parecia que ela ia pegar um objeto e jogar na cara de Lauren. Os dedos das mãos encurvaram-se, como se os músculos tivessem encurtado e as articulações endurecido de repente.

– Você não tem querer – disse.

Voltou alguns minutos depois, acompanhada de Abel. Lauren sentiu a ternura que sempre buscou no olhar do pai, mas foi um momento fugaz, quase um descuido. Em seguida, observou-o virar-se para a guarnição da porta e iniciar seu trabalho. Com leves batidas de martelo sobre o cabo da chave de fenda, Abel removeu os três pinos que uniam as dobradiças da porta do quarto. Assim que terminou, trocou outro olhar, tão terno quanto o anterior, e retirou-se.

– Pai – a voz de Lauren saiu meio envergonhada.

Abel não falou. Não olhou, nem ouviu.

– Pai – ela disse um pouco mais alto.

Abel ergueu os olhos empapuçados. Lauren notou que de nada adiantaria a conversa.

– Eu queria te convidar para a gente conhecer outra igreja – Lauren reuniu todos os esforços para conseguir falar.

Acuado e surpreso com a proposta, Abel não respondeu. Baixou a cabeça e seguiu seu trabalho, limpando uma peça redonda, de caminhão, com um óleo fedorento.

– Tenho medo, pai.

Abel mergulhou a peça dentro da lata e esticou o braço. Pegou uma barra de ferro sobre a bancada. Começou a bater contra outra peça, maior e quadrada, cheia de furinhos.

Bateu uma, duas vezes, depois usou a mesma barra para mexer o líquido da lata. Gotículas de suor tomaram sua testa.

– Pai.

Ele não a olhou mais. Reiniciou a bateção ruidosa, estridente, espancando a peça aerada. Lauren enxergava as deformações que as pancadas produziam. Pensou em chamá-lo mais uma vez, mas sua voz seria abafada pelo barulho dos golpes. Parecia que ele não a aceitava ali, que queria expulsá-la.

LAUREN VIU, LAUREN NÃO VIU

Cabisbaixa, feito uma condenada, Lauren não relutou contra sua sentença. Acordara cansada, resignada ao seu papel. No trajeto até o portão de casa, manteve-se um passo depois de Ivete, as mãos para trás, como se presas em algemas. Estavam apenas entrelaçadas, uma forma de teimosia, de enfrentar de peito aberto o horror que se anunciava.

Um tanto ansiosa, esperou Ivete se pronunciar sobre as roupas escolhidas – calça, camiseta, tênis e meias pretas – o que não ocorreu. Também não ouviu reclamações da maquiagem exagerada nos olhos. Um sorriso, um menear de cabeça, e Lauren pôde supor o que passava no pensamento da mãe. Ela devia ter certeza de que era a última vez que viria a filha vestida como uma adoradora do demônio.

Buscou o pai como apoio, última tentativa de barrar aquela insensatez. Abel seguia na oficina, batendo a barra de ferro contra o carburador. Tentando desamassar uma coisa que não tinha mais conserto. Lauren não se aproximou. Nada mais tinha conserto naquela casa.

De trás, viu as pernas de Ivete, pisando com autoridade, desfilando certa cerimônia para uma igreja cheia de gente. Lembrava remotamente de outro culto com tanto público. Uma vez que receberam o pastor importante do Rio ou de São Paulo. Louvaram o convidado, depois ofereceram um farto almoço. As meninas e as mães das meninas se empurravam, concorrendo para melhor servi-lo. Naquela época, Lauren ainda não conhecia a palavra idolatria.

Do tapete vermelho puído, na passarela que levava da porta de entrada até o púlpito, palco da grande atração do dia, algumas pessoas lançaram olhares de compaixão e estenderam as mãos. Outras a olharam feio. “Demônio”.

Injuriada, ela não os encarava de volta. A culpa, esse líquido corrosivo que agride as superfícies mais resistentes, diluía todo o seu interior que, até uma hora atrás, se mantinha intacto. Sentiu-se mole. Desfalecida, buscou assento na primeira fila. A mãe apressou-se e sentou ao lado.

– Boa tarde – a voz do pastor a assustou. Parecia mais grave, mais alta e potente que o normal. Mas era? Ou era a situação toda tornando tudo mais dramático?

Ele olhou para Lauren e ela compreendeu o olhar de ternura. Como se ele quisesse dizer, está tudo bem, estamos do seu lado, você não precisa temer. Passaremos juntos por isso. Por que o olhar do pastor parecia tão mais acolhedor que o de Ivete? De repente, Lauren se sentiu mais leve, mais segura. O pastor começou a falar e falar, coisa que fazia com muita propriedade. Terminava a frase, abria uma pausa e olhava para o público. Lauren não se lembrava de ter visto um olhar tão terno vindo daquele homem. Não teria medo. Teve vontade de se deixar levar pela música e acabou soltando a voz. Recebeu uma piscada do pastor. Chegara a hora.

– Hoje vamos salvar Lauren – fez um gesto para que ela se aproximasse.

Congelada sobre suas pernas, ela sentiu o medo retornando, como uma injeção de sangue quente a correr pelas veias.

– Vamos? – Ivete a empurrou de leve.

Lauren deu um passo, depois outro, subiu o degrau até a longa plataforma de madeira, palco de muitos discursos emocionados e alguns raivosos, sempre contra o inimigo a ser vencido.

– Que o senhor Jesus me dê o poder de expulsar o demônio de dentro de nossa irmã – ele bradou, olhando para cima. Com a voz mais baixa, dirigiu-se a ela: – Você quer se livrar do mal que se apoderou de sua vida?

Ela balançou a cabeça em movimentos curtos e rápidos. Queria sim, claro que queria. Teve vergonha da roupa que escolheu. Por que não colocou o vestido de flores? Quanto mais sombrio o visual, mais tempo o ritual demoraria. Outras pessoas subiam no tablado, caminhavam com a coluna torta, a cabeça encurvada, rodavam, debatiam-se, buscando a expulsão definitiva de seus demônios. Lauren pensou em imitá-los, mas logo desistiu. Passou a torcer para que a atenção do pastor se desviasse para algum outro possuído, mais urgente. Ouviu-o falando grosso com as pessoas (ou seus demônios), que após receberem pancadas fortes na testa, caíam no chão com a barriga para cima e uma expressão de dor. Alguns tremiam. Acreditou que não demoraria a acabar a sessão. Recolheu-se para um canto, evitando encostar nos outros possuídos. Achou que ninguém mais prestaria atenção nela. Não imaginava que o momento mais dramático estava reservado para o final.

O pastor havia perdido toda a delicadeza quando a abordou. Abraçou-a, acertou o osso duro do ombro no lábio superior dela. Quando a afastou, disse em tom pouco amigável:

– É a tua vez, demônio.

Com um golpe rápido, subjugou-a de joelhos, a cabeça inclinada para trás, o peito aberto para o público. Lauren não lutou para se livrar das mãos fortes que a seguravam. Sentiu um gosto de cinzas dentro da boca. E a ferida no braço ardia.

– Fala seu nome – o pastor ordenou.

Lauren não respondeu. Esperou que uma voz saísse de dentro de sua garganta. Uma voz grave, rouca, que falasse em idioma desconhecido. Mas a voz não vinha.

– Fale seu nome, demônio – o pastor puxou os cabelos de Lauren com força.

Ela acelerou a respiração, o coração saltitava no peito, uma vertigem tomava todos os nervos. Pai, me ajuda, pai. A súplica crescia dentro dela, como um pedido de socorro:

– Pai, me ajuda – disse baixinho e depois repetiu –, pai, me ajuda – mais alto.

Ninguém ajudava. As pessoas a olhavam com curiosidade, como se ela fosse um bicho condenado ao abate.

– Me ajuda, pai – ela gritou, por fim.

O que Lauren não viu foi a movimentação do pai. Abel levantou de seu banco de madeira, entrou no banheiro, chaveou a porta e estacou em frente ao espelho. Encheu uma concha de água na mão e jogou nos cabelos. Penteou-os com os dedos. Voltou ao pequeno galpão onde guardava suas ferramentas. Empurrou a madeira encostada sobre um armário velho. Procurava uma corda. Examinou o comprimento, testou-a forçando com as duas mãos em sentidos opostos.

Saiu uns minutos depois da mulher e da filha. Seguiu-as de longe, sem fazer barulho, ocultando-se entre os arbustos da avenida. Chegou até a entrada da igreja, mas deteve-se antes de pisar no solo sagrado. Pé por pé recuou. A igreja não era o lugar adequado para seu propósito, o terreno que ficava ao lado, sim. Caminhou até a árvore grande, a que servia de sombra para os carros no verão, e jogou a corda sobre o tronco mais robusto. Com seus conhecimentos de nó, amarrou-a e testou mais uma vez, com força, para baixo. Caminhou pelo gramado, olhava com certa impaciência, para a direita e para a esquerda, até que sossegou. Pegou uma cadeira velha, toda enferrujada, que uma vez foi vermelha, patrocinada por uma marca de cerveja. A logomarca descascada na parte de trás do encosto deteve sua atenção. Permaneceu instantes quieto, só olhando. Eu não sou digno, não sou. Seguiu, com certa dificuldade, carregando a cadeira sobre aquele gramado, com o capim atingindo a metade das pernas. Um mato. Subiu na cadeira e enfiou a cabeça no nó da corda.

Nada disso Lauren viu.

Ela estava ocupada, tentando encontrar o demônio dentro de si. De repente, como se recebesse um aviso, ela ergueu a cabeça e olhou para a frente. Surpreendeu-se: uma figura conhecida acenava da entrada da igreja. Inês, a mesma Inês, de pés descalços e camisola manchada. A mesma Inês que morava logo ali, no mato, e invocava espíritos malignos durante a noite. A Inês que sempre a chamou. Num gesto lento e alongado, ela ergueu o braço direito, o dedo indicador em riste. Apontou para a janela principal, que ficava à sua direita, esquerda de Lauren. A garota olhou para fora e viu. Primeiro a grande árvore, depois um corpo pendurado, os pés descalços balançando, inertes. O corpo de Abel, seu pai. Incrédula, ela permaneceu virada, os olhos fixos no boneco de pano que dançava ao sabor do vento. Voltou os olhos para o interior da igreja, virou-se para o pastor, e notou que não era a única a descobrir o enforcado. A igreja toda admirava-se com a vista aterradora, poucos metros adiante. Não teve tempo de assimilar o ocorrido, não teve tempo de lamentar, de pedir consolo à mãe. Antes mesmo de baixar a cabeça e começar a chorar, ouviu o murmúrio, vindo do fundo da igreja, que em seguida se transformou em um coro raivoso:

– Demônio! A culpa é tua.

Lauren deu um passo para trás, depois mais um e um terceiro. Enxergou as pessoas da primeira fila avançando em sua direção. Olhou para Jair e deixou de compreender o que se passava ali. Ele adotara uma feição apática, como se experimentasse uma espécie de transe. Com as duas mãos erguidas, impunha-se contra ela, forçando um recuo. Até não haver mais espaço para fuga. Os demais crentes o seguiam, não com pressa, mas com um andar lento, ritmado, os murmúrios soando como um coro. Pareciam espantalhos, ou zumbis, criaturas murmurantes que tentavam encurralá-la. Esfregou os olhos para acreditar no que via. Todos estavam ali: a mãe, Maurício, Erudita, Debbie. Todos, menos Inês. Ela permanecia na porta da igreja, apontando para o enforcado, olhando-a com certezas. Como se dissesse: você sabia, então por que não se preparou para este momento? Você tinha que saber, eu tentei avisar de diversas formas. Temendo uma agressão do grupo cada vez mais próximo, Lauren se curvou. A sensação de segurança durou pouco, muito pouco tempo. Uma mão agarrou seu cabelo com força, outra beliscou na ferida do braço. Gritou o mais alto que pôde. Como se tivesse despertado de um sonho, o grupo sofreu uma ligeira dispersão, concedendo a ela um espaço para a fuga. Num impulso bem calculado, Lauren alcançou a janela da sua esquerda, a que mostrava a visão do pai enforcado, subiu no patamar e pulou. Correu até o corpo de Abel,

tentou desprendê-lo, salvá-lo daquela gente ruim. Não teve tempo, as pessoas estavam dispostas a persegui-la. Corriam da porta da igreja até o terreno, os punhos fechados, gritando xingamentos, lutando contra um demônio que adquirira forma humana. Algumas se ajoelhavam na grama alta, erguiam as mãos para o céu, oravam. Outras corriam, com pressa, com urgência, com raiva. Lauren mal teve tempo de abraçar as pernas do pai e dizer adeus. Saltou a cerca de arame farpado que protegia o terreno e correu para a rua principal. Ouvia os gritos, teve medo, então correu mais. Correria até que as vozes desaparecessem. Anoitecia e a sirene do carro da polícia a pôs em alerta. Eles a procuravam, ela tinha certeza que a procuravam. Qualquer esquina poderia esconder um ataque. Quem convenceria uma cidade inteira armada com tochas e paus de que não havia demônio algum dentro dela? Cíceros e Heitores a rejeitaram, Debbie a rejeitou, Abel a abandonou no momento em que ela reconheceu um sinal de ternura em seu olhar. Era chegada a hora, Lauren correu até chegar ao cruzamento principal. Se tomasse a esquerda, chegaria ao bosque. As pernas doíam, a respiração falseava, ela não aguentaria mais muito tempo correndo. O bosque, a única alternativa era o bosque.

EPÍLOGO

“Boa noite, pessoal, eu hoje vim trazer esse vídeo super especial para vocês que acompanham o canal.” O garoto loiro parece ansioso ao apresentar a abertura do vídeo. “Não sei se vocês notaram, mas agora temos até vinheta. Roda aí a nossa super vinheta.” Uma música instrumental animada toca alto enquanto as palavras Curiosidades macabras se imprimem numa tela que, de um lado tem o desenho de um morcego, e do outro, um raio. Três segundos depois, a câmera volta a focar o rosto do garoto. Ao fundo não há mais o guarda-roupas com portas fora de prumo, mas uma estante com livros, um pôster do filme *Alien* e outro do filme *Halloween* e um abajur em forma de caveira emitindo luzes que mudam de cor em intervalos curtos. “Novidades, gente, muitas novidades. Eu sei que vocês vão reclamar que eu não devo repetir história aqui. Mas o caso é que algo muito, muito estranho aconteceu em Bosque Novo, a notícia se espalhou e depois disso o canal ganhou mais de cinquenta mil seguidores. Então resolvi fazer mais um vídeo para tratar desta cidadezinha super estranha.” O garoto aproxima bem o rosto da câmera: “Lembram de Inês?”. Ele se afasta: “Se lembram, logo vão entender, se não lembram, vou colocar aqui o link para vocês assistirem o vídeo que fiz cerca de um ano atrás sobre o caso”, ele aponta para a parte de cima do vídeo onde aparece o link de direcionamento. “Então”, ele olha para os lados e abaixa o tom de voz: “parece que Bosque Novo teve mais uma vítima das bruxarias de Inês”. O vídeo mostra uma fotografia de Lauren. Sorridente. Uma das únicas que ela possuía no Facebook. A imagem da fotografia de Lauren permanece na tela enquanto a voz de Gabriel volta a narrar: “Graças a essa garota, Lauren, uma menina normal, que gostava de estudar, se divertir, gostava de assistir lutas. Tinha lá seus problemas, mas qual garota dessa idade não tem?”. Gabriel volta a aparecer no centro do vídeo: “Mas Lauren passou, do nada, a dizer coisas estranhas, ver coisas estranhas, e sua família, que frequentava a igreja evangélica, achou interessante fazer uma sessão de descarrego. Sessão de descarrego, meu?”, Gabriel aproxima o rosto da câmera e grita: “eu acho bizarro”. Em seguida ele volta ao tom normal: “Mas tudo bem, religião e time de futebol, cada um tem o seu. Tem coisas sinistras, mas quem sou eu para julgar?”, Gabriel reassume a postura de jornalista investigativo. E segue: “Só que tudo ficou ainda mais estranho, porque o pai de Lauren, um homem calmo, trabalhador, frequentador da igreja, resolveu se matar bem naquela tarde, ao lado da igreja, bem na hora do culto”. Mais uma vez, Gabriel se altera: “What a fuck? O cara se matou na

hora do descarrego da filha. Sinistro demais!”. Afasta-se de novo e diz: “Depois disso, Lauren fugiu e nunca mais foi vista”. A fotografia de Lauren volta para a tela, acompanhada de uma música de suspense. Na cena seguinte, Gabriel aparece caminhando pelas ruas de Bosque Novo. Tenta dizer da forma mais descontraída possível: “O interessante é que ninguém quer falar comigo sobre o assunto. A investigação da polícia é sigilosa, quase fomos presos agora de tarde, acusados de desacato”. O vídeo mostra a fachada da delegacia de polícia, em seguida mostra a igreja e logo depois a árvore em que Abel se enforcou. Gabriel toca o tronco: “Foi aqui que o pai de Lauren se matou”. Neste instante, o vídeo recebe uma edição ruim, fica evidente que Gabriel teve que gravar apressado. A imagem a seguir é da frente da casa de Lauren. Gabriel se movimenta muito, bate palmas, grita: “Ô de casa, dona Ivete, a senhora está aí? Eu gostaria de saber sobre o sumiço da Lauren”. As tentativas são frustradas, a casa permanece fechada, nenhum ruído. O zoom da câmera mostra as duas janelas da frente, “qual seria a do quarto de Lauren?”, e a porta lateral, nos fundos. Gabriel ainda filma a frente da escola, “aqui Lauren estudou desde pequena, ei, ei, o senhor gostaria de dizer alguma coisa sobre Lauren?”, Gabriel sai apressado mais uma vez. A reportagem sofre um corte. Entra um vídeo de propaganda que dura alguns segundos, com a opção de pular o anúncio. Em seguida, enquadrado no centro, Gabriel aparece na entrada do bosque. “Como vocês puderam notar, a cidade quer esconder tudo o que houve aqui. Ninguém quis falar sobre o desaparecimento de Lauren. Quando eu pergunto, as pessoas dizem que não, alguns me enxotam e acabei de ser abordado por dois policiais que me asseguraram que a comunidade está sofrendo demais e que eu não devia brincar com coisa séria. Mas vocês já me conhecem e sabem que eu não desisto fácil. Queremos saber de Lauren, então decidi lançar um desafio. Se o meu vídeo, esse mesmo que você está assistindo agora, se este vídeo receber mais de cinquenta mil likes, vou fazer um novo, entrando no bosque para tentar desvendar esse mistério por conta própria.” Gabriel vira a câmera para filmar uma trilha de entrada para o bosque. “É isso aí, desafio lançado! Vocês têm uma semana para curtir. Compartilhem com os amigos, chamem todo mundo que curte mistérios, vamos juntos descobrir se esse bosque é ou não é assombrado por Inês.”

Esse é o último vídeo gravado no canal de Gabriel.

2 ESSA COISA FASCINANTE, O MEDO

No creo en las brujas, pero que las hay, las hay

(ditado popular de origem galega)

2.1. Introdução

Quando visitou Augsburg, a cidade mais povoada e rica da Alemanha no século XVI, Michel de Montaigne se impressionou com os fortes mecanismos de proteção no portal de entrada. O viajante que desejasse pernoitar na cidade teria que passar por quatro grossas portas, uma ponte sobre um fosso e outra levadiça, além de guardas e tarifas cobradas no momento do ingresso (DELUMEAU, 2017, p. 11). Os cuidados, observados numa época em que a insegurança imperava na Europa, representam o modo como as sociedades se desenvolveram, travando um diálogo permanente com o medo.

Dentre as mais variadas emoções humanas, podemos afirmar que o medo é a mais poderosa. Amor, raiva, tristeza, felicidade, todas têm sua relevância no coquetel de emoções que experimentamos diariamente. Porém, o medo se sobressai. É ele que guia as nossas decisões segundo por segundo, durante toda a nossa vida. Em momentos de tensão, achamos que nossa mente consciente está no comando, mas os avanços da ciência contemporânea revelam que na hora de uma importante decisão as áreas mais primitivas do cérebro são acionadas e o medo se sobrepõe à razão.

Ao longo da história, entretanto, estabeleceu-se um silêncio incômodo sobre o indispensável papel do medo na evolução. A explicação é simples e vem acompanhada da vergonha que a palavra sempre representou para o homem. Em especial nas épocas mais remotas, quando guerras, invasões, credices e pestes eram comuns, a literatura épica disseminou-se, reforçando o valor da coragem e da audácia, características consideradas superiores. Com interesses escusos, a nobreza exaltava o heroísmo dos reis e príncipes através de crônicas que os apresentavam aos leitores como seres isentos da sensação de temor. Na literatura de cavalaria, o arquétipo do errante destemido contrastava com os costumes de uma massa humilde, destituída de valores nobres. Diversas obras serviam como verdadeiros elogios ao heroísmo, característica inata de homens escolhidos. Em sua obra *Eneida*, Virgílio escreveu: “O medo é a prova de um nascimento baixo” (*Eneida*, IV, 13 apud DELUMEAU, 2009, p. 15). E o próprio Montaigne atribuiu aos humildes a propensão ao pavor: “mesmo quando são soldados” (DELUMEAU, 2009, p. 16).

Na introdução de seu livro *A história do medo no ocidente* (2009), Jean Delumeau instiga os leitores com a pergunta: o que havia por trás do cenário montado pela literatura cavalheiresca que gabava a bravura dos cavaleiros e zombava da covardia dos plebeus?

Obviamente, num panorama tão pouco promissor não havia muitas opções a não ser se curvar e servir aos reis. Somente a partir da Revolução Francesa os plebeus conquistaram pela força o direito à coragem, mesmo que, logo em seguida, o novo discurso ideológico tenha imitado o antigo e estabelecido uma exaltação do heroísmo dos humildes. Com as transformações do pensamento racional, porém, a literatura foi, aos poucos, restituindo ao medo seu lugar de direito.

Com base nestas afirmações, desenvolvi o presente ensaio com o objetivo de demonstrar os diferentes gêneros literários que se ocuparam de desvendar os temores que assombraram a população de determinadas épocas históricas. Sem a intenção de criticar ou debater a respeito dos atributos estéticos de autores e obras, ocupei-me da tarefa de estudar o panorama que propiciou as inspirações para as mais conhecidas histórias, bem como as sensações (conscientes e inconscientes) que as leituras pretendiam desencadear no público que as consumia.

2.2. O medo

O medo é uma sensação muito primitiva, presente em todos os seres vivos complexos. Responsável por eventos evolutivos, ele protege, porque está ligado de forma muito íntima ao instinto de preservação. De modo bastante simples, os animais o reconhecem e reagem aos seus efeitos, mas é na espécie humana que ele se manifesta das mais variadas formas.

A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão esses fatos e sua reconhecida verdade deve estabelecer, para todos os tempos, a autenticidade e dignidade da ficção fantástica de horror como forma literária (LOVECRAFT, 2008, p. 13).

Acredita-se que o medo possibilitou a organização dos povos, influenciando importantes áreas, como a comunicação e a cultura. Ao dividir tarefas, compartilhar moradia e estabelecer conexões entre semelhantes, nossos ancestrais se expunham menos a predadores e isso resultou na construção das primeiras formas de sociedade. Nossos medos, entretanto, não

desapareceram com o avançar da civilização. Eles nos acompanharam ao longo dos anos e evoluíram conosco (CASTRO, 2011, p.888).

Na antiguidade, o homem temia seus deuses, imaginava que pecados ou maus comportamentos originavam catástrofes naturais. Esse temor também ficou gravado e se estendeu por longo período, especialmente no apogeu do domínio da Igreja. Na Idade Média, doenças que se alastravam eram creditadas a demônios, bruxas, pecadores e pagãos. Com base nessa premissa, podemos especular que nossos medos mais irreais foram criados e disseminados pela religião.

Posteriormente o homem moderno, ancorado nas descobertas da ciência e do livre pensamento, passou a questionar a existência, o sentido da vida e o seu lugar no universo. As crenças no sobrenatural, no paraíso ou inferno, no mundo dos mortos ou além deste em que vivemos, diminuíram à medida que a razão ganhou espaço. Por outro lado, a finitude, o total desconhecimento sobre o que há além da fronteira entre a vida e a morte, tornou-se o maior dos temores, a mãe de todos os medos (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.123).

Não é coincidência que numa época de tantos questionamentos, Wiliam Shakespeare, influenciado pelo ceticismo de Montaigne (SÜSSEKIND, 2014, p. 23), tenha escrito uma peça com um personagem central perturbado por conflitos existenciais. O príncipe Hamlet, herdeiro do trono da Dinamarca, é encarado como um personagem filosófico que recebe a visita do fantasma do pai, oriundo do purgatório, para denunciar o autor de seu assassinato. Escrita numa época de turbulência religiosa, no despertar da Reforma Inglesa, a peça é tanto Católica quanto Protestante, mas também recheada de elementos supersticiosos e medievais. Os questionamentos de Hamlet sobre a vida e a morte comungam e até inauguram ideias relativistas, existencialistas e céticas (VASCONCELOS, 2013, p. 52).

Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
 A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
 As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
 A prepotência do mando, e o achincalhe
 Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
 Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso
 Com um simples punhal? Quem aguentaria fardos,
 Gemendo e suando numa vida servil,
 Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –
 O país não descoberto, de cujos confins
 Jamais voltou nenhum viajante
 (SHAKESPEARE, 2016, p. 67).

Num panorama tão efervescente, onde ideias novas se chocaram com antigas crenças e dogmas religiosos, ocorreu extensa profusão artística. Grandes obras foram escritas na

época que assistiu ao surgimento de uma nova literatura, voltada para a exploração dos medos e misticismos da população dos grandes centros, a respeito da industrialização, dos progressos da ciência e da medicina, bem como do desconhecido, das lendas trazidas de regiões distantes.

Um exemplo bastante conhecido que pode ilustrar essa tendência é *Drácula*, de Bram Stoker. Quando lançado, o livro trouxe à tona muitas questões que remetem à relação do homem com o sobrenatural, a vida e a morte, os avanços científicos, o papel da mulher e a presença do personagem exótico representando uma ameaça àquela sociedade conservadora tradicional (REZENDE, 2017, p. 24-28). Lançada num período de grande expansão do Império Britânico, a história é baseada em antigas lendas originárias do leste europeu, mais especificamente no território em que hoje se localiza a Romênia. O estrangeiro, um homem de linhagem nobre, boas maneiras e posses, comunica-se com lobos, cultua hábitos noturnos e se alimenta de sangue humano.

– Nós, *székelys*, temos direito de ter orgulho, pois em nossas veias corre o sangue de muitas raças de coragem que lutaram como leões para serem os senhores da terra. Aqui, no redemoinho das raças europeias, para onde a tribo úgrica trouxe da Islândia o espírito combativo que lhes havia sido passado por Thor e Odin, e que seus *bersekir* exibiram barbaramente nas costas da Europa, sim, e da Ásia e da África também, até que as pessoas passaram a pensar que eram os próprios lobisomens que haviam chegado, encontraram os hunos, cuja fúria beligerante varrera a terra feito uma labareda viva, a ponto de passarem a dizer que nas veias deles corria o sangue das bruxas antigas, que, expulsas da Cítia, haviam acasalado com os demônios do deserto. Tolos, tolos! Que demônio ou que bruxa foi jamais grande como Átila, cujo sangue corre nestas veias? – Ele ergueu os braços. – Será tão estranho que sejamos uma raça conquistadora, que tenhamos orgulho de que quando o magiar, o lombardo, o avaro, o búlgaro e o turco perfilaram milhares em nossas fronteiras nós os fizemos recuar? [...] De que valem camponeses sem um líder? Quando termina a guerra sem um cérebro e um coração para conduzi-la? Novamente, quando, depois da batalha de Mohacs, expulsamos o jugo húngaro, nós, do sangue Drácula, estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não admitiria o fato de não estarmos livres. Ah, meu jovem, os *székelys* e os Drácula como o sangue em seus corações, como seus cérebros e suas espadas, podem se gabar de feitos que os Habsburgo e os Romanov jamais alcançarão. Os dias de beligerância terminaram. O sangue é precioso demais nesses tempos de paz desonrosa, e as glórias das grandes raças são apenas histórias que alguém conta (STOKER, 2017, p. 60-62).

O trecho acima, em que o Conde discorre sobre a origem nobre de sua linhagem, exaltando a coragem e a belicosidade, não destoa dos costumes da literatura mais antiga, que abordava os grandes feitos dos heróis e cavaleiros. Por fim, ele demonstra o orgulho do sangue e elogia o seu poder, oferecendo múltiplas interpretações, pois o líquido vital também

serve a ele como alimento. Na história, as vítimas são as mulheres inglesas, damas que se transformam em ninfas após terem seu sangue sugado.

Toda a simbologia do vampiro mereceria um capítulo à parte, visto que ele representa um descontentamento com a burguesia industrial que ascendia na época. A predileção por personagens aristocratas sugeria um desejo de desestabilização da normatividade social vitoriana, uma certa nostalgia com relação ao período feudal. O Decadentismo e a Literatura Gótica, neste sentido, buscam o resgate do eu, reivindicando a individualidade perdida pela uniformização da grande massa operária. O vampiro incorpora os cultos decadentes (dandismo, artificialidade e androginia) e os leva às últimas consequências, porque não é vivo e, sendo assim, não responde às rígidas normas sociais impostas (REZENDE, 2017, p. 50-52).

A literatura romântica se interessou bastante pelo morto-vivo, personagem originário de lendas camponesas da Europa Centro-Oriental. Em 1746, o padre beneditino, filósofo e teólogo Don Augustin Calmet publicou sua obra intitulada *Dissertação sobre as aparições de anjos, demônios e espíritos, e sobre os desmortalos e vampiros da Hungria, da Boêmia, da Morávia e da Silésia*, o que atraiu ainda mais interesse sobre o assunto. Em 1797, Johann Wolfgang von Goethe publicou um poema intitulado *Die Braut Von Korinth* (A noiva do Corinto), onde conta a história de Philinnon, uma falecida jovem que retorna do reino dos mortos para reclamar os prazeres sexuais que não pôde desfrutar em vida. O poema acabou exercendo grande influência sobre a literatura inglesa, mas o texto considerado introdutor do vampirismo na sociedade britânica foi o poema inacabado *Christabel*, de Samuel Taylor Coleridge. Importante ressaltar que ambos demonstram a libertação sexual da mulher após sua transformação em morta-viva. Além de narrar uma relação sexual, *Christabel* também marcou o início da introdução das relações homoafetivas femininas na literatura:

Sob a lâmpada a dama foi se curvando,
E com vagar os olhos ao redor rolou;
Então com som alto seu fôlego inspirando,
Como alguém que tremia, ela desamarrou
O cinturão de seu peito abaixo:
O robe sedoso, e a veste de baixo,
Caíram aos pés dela, e toda à vista,
Observem! Seu busto e meio flanco
Uma visão para se sonhar, não para contar!
Ó guardem-na! A doce Christabel devem guardar!

Ainda Geraldine não se mexe nem fala;
Ah! Que olhar chocado o dela!
Dentro de si, no fundo, ela no meio parece estar

De em ensaio doentio algum peso levantar,
 E olha a donzela e procura esperar;
 Então súbito, como desafiada por alguém,
 Seu escárnio e orgulho por si mesma contém,
 E ao lado da Donzela a se deitar vem!
 E nos seus braços a donzela foi colhida,
 Ah lamentação!
 E com voz baixa e expressão sofrida
 Estas palavras falou então:
 ‘No toque deste seio um feitiço eu vou por,
 De teu falar, Christabel, ele é o senhor!
 Tu conheces esta noite, e de amanhã terás conhecimento,
 Esta marca de minha vergonha, este selo de meu tormento;
 Mas vãmente tu lutas,
 Pois isto é somente em
 Teu poder de declarar,
 Que nas lúgubres matas
 Tu escutaste um gemido baixo,
 E uma dama brilhante, bela demais, vieste a achar;
 E trouxeste ela a teu lar contigo em amor e caridade,
 Para guardá-la e do ar úmido a abrigar.¹

A personagem central do romance *Drácula*, Mina, casa-se com Jonathan Harker após ele sobreviver ao período em que se manteve prisioneiro no castelo do Conde Drácula. Doce e obediente, Mina representa a pureza da noiva virgem e segue recatada, sem qualquer relação mais íntima com o marido, mesmo após o casamento. Jonathan, inclusive, é retratado como um homem casto. Sua única experiência sexual é ao ser atacado pelas três vampiras, escravas do Conde, numa cena que sugere perversão e prazer (REZENDE, 2017, p. 31-33). Quando exposta à mordida do vampiro, entretanto, Mina também tem sua experiência sexual. A simbologia da cena em que bebe do sangue do peito do vampiro, tornando-se sua criatura e amante, é amplamente discutida e dá origem a muitos desdobramentos, especialmente porque a partir dali Mina, apesar de frágil e febril, se transforma numa mulher decidida e sensualizada. Considerada um cérebro de homem num corpo feminino, é ela quem guia a caça ao morto-vivo que, após ser descoberto e derrotado em Londres, busca refúgio em suas terras na Transilvânia.

Outro importante personagem, o doutor Van Helsing, seria a força que se opõe aos poderes sobrenaturais do vilão. Ele aparece como representante do cientificismo, tema bastante abordado na obra. Médico e professor de origem dinamarquesa, Van Helsing não hesita em utilizar conhecimentos científicos inovadores para a época, como transfusão

¹ CAPISTRANO, E. *Contos de sonho e pesadelo*. (Tradução do poema “Christabel” preservando a mesma estrutura de rima. Estrofes finais da parte I.). Disponível em: edcapistrano.blogspot.com.br/2016/11/christabel-samuel-taylor-coleridge.html

sanguínea e hipnose. Outras inovações tecnológicas mostradas no livro são a locomotiva e o telégrafo (REZENDE, 2017, p. 44). Stoker também aborda, em sua narrativa, a modernização dos sistemas bancários e das relações de compra e venda de imóveis. Tais relações ficam evidentes quando o autor apresenta o personagem Jonathan Harker, um advogado responsável pela venda de uma casa ao Conde Drácula.

Concebido sob a forma de diários, notícias de jornais e cartas trocadas entre seus personagens, o livro remete aos temores irracionais de uma sociedade conservadora e expõe, com bastante clareza, muitas das questões que inquietavam o homem em uma época de grandes mudanças de pensamento.

A iconografia do Conde Drácula repousando em seu caixão, bem como a do doutor Frankenstein concedendo vida à sua criatura após uma experiência científica, representa o alvorecer de um gênero que se tornou conhecido como gótico (KILGOUR, 1994, p. 3).

Corrente literária dissidente do Romantismo, o Romance Gótico foi o precursor da Literatura de Terror, que hoje é considerada um ramo da grande árvore que compreende a Literatura Fantástica. Bem como o Romantismo, o gênero surgiu no século XVIII como uma forma de negação ao racionalismo que dominou os pensamentos e discursos após a disseminação das ideias iluministas, e em geral é associado à rebelião contra a construção de um ideal estético neoclássico, buscando recuperar uma liberdade imaginativa (KILGOUR, 1994, p. 3).

O termo “gótico”, historicamente usado de forma pejorativa, resultou da denominação de um povo que habitava a Europa Setentrional e se expandiu pela Europa Central, onde se atritou com os Romanos a partir dos séculos III e V (A.C.). De todos os povos germânicos, os Godos foram os primeiros a seguir o Cristianismo. Seu período de invasão iniciou no século IV(A.C.). Os Godos partiram da Suécia, cruzaram o Mar Báltico e, no século III (A.C.), migraram para a região próxima ao Mar Negro, provocando guerras sangrentas contra os habitantes nativos. Nos anos 267 e 268, eles atacaram Atenas e, em seguida, ameaçaram a Itália. Por quase cem anos, guerras entre os Godos e o Império Romano devastaram o território Báltico e a região noroeste do Mediterrâneo (RAMOS, 2001, p. 18). Quando vitoriosos, os Godos incendiavam cidades, destruíam monumentos, bibliotecas e queimavam livros. Em resposta à selvageria, escritores renascentistas passaram a utilizar o termo “gótico” para se referir a toda arte e arquitetura da Idade Média, considerada bárbara (RAMOS, 2001, p. 19-24).

Hoje a Idade Gótica é reconhecida como um período artístico extraordinário. A arte gótica iniciou-se na França por volta de 1.140 e se espalhou pelo restante da Europa, esgotando-se somente com o Renascimento, no início do século XV. Entretanto, a arte e a arquitetura góticas continuaram presentes em diversas partes da Europa, anexando-se às artes e arquiteturas locais. Ainda hoje, em algumas regiões como, por exemplo, a Normandia, a arte gótica permanece, sobrepondo-se à romana (RAMOS, 2001, p.17-19).

Além de *Drácula*, outras duas obras compõem a tríade de principais expoentes da Literatura Gótica tradicional. Pertencentes ao século XVIII, em ordem de publicação, surgiram *Frankenstein*, de Mary Shelley e *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson.

Após um desafio lançado entre quatro escritores do período romântico que passavam um verão chuvoso na Suíça (1816), Mary Wollstonecraft Godwin (mais tarde conhecida como Mary Shelley), uma escritora estreante de 19 anos, desenvolveu em apenas uma noite de trabalho a primeira versão de *Frankenstein*. A obra teve nova versão em 1817 e foi publicada em 1818, com autoria anônima e prefácio de Percy Shelley, que se tornou marido de Mary (FIGUEIREDO, 2009, p. 6). A história do Dr. Victor Frankenstein, um estudante de medicina que recria a vida em laboratório a partir de membros originários de cadáveres e forças da natureza, ganhou notoriedade e apreciação do público. A lenda do homem ousando exercer poderes de Deus é também reflexo do cientificismo da época e hoje é considerada, por alguns críticos, a primeira história de ficção científica da literatura.

Em 1831 a autora publicou uma apresentação na qual esclarece alguns pontos a respeito da criação da novela. Ela relata que após Lord Byron lançar o desafio, isolou-se por alguns dias para se dedicar a pensar numa boa história que abordasse os misteriosos medos e despertasse um espantoso horror durante a leitura. Por fim, confessou que escreveu a primeira versão durante uma madrugada insone, após acompanhar a conversa de Lord Byron e Shelley a respeito das experiências do Dr. Darwin, cientista que muito influenciou a literatura da época. Mary, então, pensou sobre a criação da vida, em correntes galvânicas e na possibilidade de reanimar um cadáver através de forças da natureza. Ao se retirar para repousar, Mary Shelley não conseguiu dormir, tamanho o assombro que a tomou ao imaginara criatura costurada com partes mortas que, frente à negativa de ser presenteada com uma parceira, revoltava-se contra seu criador (SHELLEY, 2017, p 16-18).

Já na obra *O médico e o monstro*, de 1885, Robert Louis Stevenson aborda o duplo, tema recorrente no período em que os ingleses viviam sob regras de um código muito rígido, conseqüente traço do comportamento austero que ditava o reinado da Rainha Vitória (SILVA,

2005). Em *O retrato de Dorian Gray*, de 1891, Oscar Wilde também explorou o comportamento em sociedade versus o instinto animal, e as possíveis consequências dessa dualidade. Ainda sobre Victor Frankenstein, alguns autores o consideram a perfeita imagem do vilão gótico porque transforma sua criação em seu duplo (KILGOUR, 1994, p. 41).

No caso do Dr. Jekyll, o duplo alcança outro modo de caracterizar o personagem, quando há uma nítida divisão do eu. Explorado nos séculos XIX e XX, o duplo heterogêneo mostra duas figuras que se opõem, com o paradoxo do homem bom versus o homem mau. Mais antigo, o duplo homogêneo foi assunto tratado desde a Antiguidade até o século XVI, segundo o verbete “Duplo”, presente no *Dicionário de mitos literários*, de Nicole Bravo (GARCIA, 2014, p. 131). A história de Dr. Jekyll leva a crer que o médico foi punido porque procurou viver com apenas um de seus lados, ignorando a personalidade mais obscura, representada por Mr. Hyde. O significado do duplo perpassa a teoria de Otto Rank, autor que defendeu que assumir o duplo seria um subterfúgio para escapar da morte (GARCIA, 2014, p. 133).

Além do forte apelo à reflexão sobre comportamento numa sociedade tão castradora, o autor explorou outros medos na história. As características físicas de Mr. Hyde, descrito como homem de comportamento símio, são também reflexo do período em que Charles Darwin acabara de apresentar *A origem das espécies* à comunidade científica (REZENDE, 2017, p. 25). Acreditar que o homem não descendeu de um casal que habitava o Paraíso, mas era o produto da evolução a partir de um macaco, causou perplexidade e muitos protestos, além da inevitável ruptura entre religião e ciência.

A comparação de Hyde a um símio, um pagão selvagem e um praticante de masturbação possui um denominador comum: a luxúria homossexual (SZASZ, 1977, p. 190-211). A partir deste momento ele passa a ser visto como o acólito do arquétipo da alteridade na cultura Ocidental: o diabo. Como assinala Utterson: ‘... meu pobre Henry Jekyll, se eu jamais vi a marca do diabo estampada na face de um homem, ela está com certeza na do seu novo amigo!’ (SILVA, 2005).

O dandismo, a artificialidade e a androginia reconhecidos no Conde Drácula são características observáveis também em Dorian Gray e Mr. Hyde. Esses fatores aproximam a Literatura Gótica do Romantismo e dos poetas Decadentistas que migraram para a Inglaterra no período vitoriano.

O castelo de Otranto, de Horace Walpole, é não só a obra considerada como introdutória ao Gótico, como também a responsável pelo termo que denominou o gênero por conta do subtítulo selecionado pelo autor: *The castle of Otranto, a gothic tale* (RAMOS,

2001, p. 29). Publicado em 1694-1695, o livro reúne características que posteriormente pautaram a classificação do gótico tradicional. A primeira é a escolha dos cenários. Ambientes que promoviam opressão eram o cenário de escolha para desenvolver as histórias. Castelos medievais, cemitérios, masmorras, igrejas antigas e florestas inabitáveis são comuns na literatura gótica. Outra característica marcante é a questão da autenticidade. Em muitos romances, o autor afirma que relata uma história descoberta num manuscrito, num diário ou em cartas. Era um subterfúgio para promover verossimilhança e criar uma atmosfera de mistério. A posição da heroína é outro fator a ser observado. O romance gótico costuma descrever uma protagonista frágil, porém desafiadora, corajosa frente aos perigos que a aguardam. O vilão, conforme discutido anteriormente, muitas vezes é um homem de posses e posição social, um aristocrata que persegue e deseja a heroína. Observa-se, ainda, no romance gótico tradicional, a presença de uma narrativa fragmentada, onde muitas partes são expressas em forma de sonhos, delírios ou outros estados de perturbação psicológica, o que pode ser descrito em linguagem ornamentada. E por fim, outra característica imprescindível é a presença dos fatores sobrenaturais e elementos folclóricos que concedem à narrativa um ar sombrio e misterioso (REZENDE, 2017, p. 43).

Com base nos conhecimentos históricos, podemos suspeitar da íntima relação entre os temores do homem da época e a literatura produzida e consumida. Desta forma, o Gótico nunca se refere apenas ao monstro aterrorizante que se ocupa de descrever, ele vai além e expõe todos os medos ocultos abaixo de uma superfície aparentemente normal. Este fator é indispensável para uma história ser considerada gótica: as fobias que se escondem sob a superfície de uma organização social imposta.

Ann Radcliffe escreveu sobre os tipos de sensações que o escritor produz segundo as técnicas que utiliza. A autora que nasceu no ano de publicação d'*O Castelo de Otranto* se interessou muito pelo tema, criando um método que influenciou muitos poemas e peças do século XIX. Sua técnica consistia em explorar eventos sobrenaturais despertando curiosidade e apreensão. Radcliffe concedeu novo significado à palavra “sublime”, considerando as forças naturais, como o poder das altas montanhas ou de tempestades, nos eventos que proporcionavam assombro nas narrativas. Num ensaio publicado postumamente, chamado *Na poesia sobrenatural*², ela escreveu que o terror e o horror são opostos: enquanto o primeiro expande as almas e acorda as faculdades para um alto grau de vida, o outro contrai, congela e aniquila. Outros autores, como Mathew Gregory Lewis, também abordaram o assunto. Lewis

² “On the Supernatural in Poetry”, in *The New Monthly Magazine*, 1926.

mostrou o que era fisicamente horrível e revoltante, utilizando o método de explicar os fatos sobrenaturais através de eventos científicos. Como resultado, ele introduziu uma nova escola, mais intensa, com temas violentos. Surgiram, então, outros conceitos que pontuavam a diferença entre terror e horror, afirmando que é a mesma entre apreensão e realização doentia, entre o cheiro da morte e o tropeção num cadáver (RAMOS, 2001, p. 37). Enquanto o horror se preocupava com imagens macabras e mortes sangrentas, produzindo um resultado estético abjeto, o terror se mantinha no campo do inconsciente, delimitando o que está oculto, os cantos obscuros do conhecimento que se sobrepõe à razão (SOUZA, 2015, p. 30).

A exemplo das narrativas de Lewis, outro conto no qual o sobrenatural é explicado pela ciência é *O homem de areia*, de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), autor muito celebrado na literatura fantástica mundial. A história se constrói em torno de desconfianças de um Natanael, garoto que perde o pai precocemente e cresce alimentando fantasias sobrenaturais. De início, o garoto desconfia que o amigo que visitava o pai o matou. Depois o jovem Natanael se apaixona por uma moça enigmática e chega a desconfiar que se trata de uma noiva cadáver. E, por último, passa a ter visões cada vez que utiliza um binóculo, presente de um vizinho que ele confunde com o amigo que acredita ser o responsável pela morte do pai. Ao longo do texto, através de cartas trocadas entre personagens, os mistérios vão sendo desvendados. Primeiro explica-se que o pai morreu em decorrência de uma explosão provocada por seus experimentos de alquimia. Olímpia, a moça por quem Natanael se apaixonou, não é um cadáver, mas um boneco de ventríloquo. E as visões que o binóculo proporciona são, na verdade, alucinações decorrentes da insanidade mental de Natanael.³

Em seu ensaio *O inquietante*, Sigmund Freud analisa o conto de Hoffmann e discorre sobre os medos ali apresentados. O homem de areia seria um malfeitor que jogava areia nos olhos das crianças que teimavam em permanecer acordadas após o horário. Areia nos olhos poderia cegar e o medo de ficar cego, segundo Freud (2010, p. 261), tem uma relação bem íntima com o medo da castração. De acordo com a classificação de Tzvetan Todorov (2014, p. 25), o conto é considerado estranho. Embora haja muitas discussões em torno das classificações e muitos teóricos reivindicarem determinadas obras para o gótico ou para o fantástico, algumas narrativas, como o conto *O homem de areia*, encaixam-se em ambos os gêneros.

Todorov, entretanto, explica porque as novelas góticas de Ann Radcliffe, Clara Reeves, Horace Walpole e Mathew Gregory Lewis e não podem ser consideradas obras da

³ In: CALVINO, I. *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*.

Literatura Fantástica. Segundo o autor, o fantástico é um gênero evanescente e depende da vacilação da interpretação do leitor. No caso das novelas de Radcliffe e Reeves, o sobrenatural é explicado (o que o torna estranho), então não há espaço para a vacilação. E no caso de Walpole e Lewis ocorre o maravilhoso, que é o sobrenatural aceito. Todorov afirma que o fantástico, nesses casos, ocorre apenas em parte da narrativa, o que não é suficiente para classificar os contos dentro do gênero ao qual se dedicou (TODOROV, 2014, p. 24).

Um dos responsáveis por trazer a narrativa gótica para as Américas, Edgar Allan Poe é um autor que preenche ambos os requisitos. O gótico encontrou barreiras ao cruzar o Atlântico, afinal os cenários americanos eram bem diferentes dos europeus. No novo continente não havia castelos medievais, lendas antigas e povos bárbaros. Desta maneira, Poe foi o autor que explorou os medos trazendo o gótico para dentro do personagem. Ao falar sobre seus textos, teria dito que o terror de suas histórias não era fruto da sociedade em que vivia, mas de seus medos, aflições e inquietações (PERNA; LAITANO, 2009, p. 7-10).

Edgar Allan Poe (1809-1849) nasceu em Boston, EUA, mas viveu parte da infância na Londres vitoriana. Ao retornar para a América, ingressou na Universidade da Virgínia e começou a se dedicar à literatura. Poe teve uma vida difícil, de muitas perdas, mudanças e dissoluções familiares, o que propiciou seus vícios no álcool e no ópio, seu temperamento pessimista e, invariavelmente, seu modo de descrever o mundo (CONTOS, 2013, p. 7-8).

No prefácio do livro *Contos de imaginação e mistério*, Charles Baudelaire reafirma os protestos e a rebeldia que os poetas decadentistas (e, por conseguinte, os autores góticos) dirigiam para a sociedade burguesa que ascendeu na época. Com a paixão típica de seu tempo, o poeta redige duras críticas aos costumes da sociedade americana, livre das monarquias e originária de uma nova organização baseada no progresso, no comércio e na mediocridade burguesa. O autor refuta a teoria do bom selvagem de Rousseau, defendida por alguns góticos, e é com esse argumento que eleva Poe, quando afirma que o escritor americano mostrou com clareza e afirmou em seus textos a perversidade do homem (POE, 2012, p.14-15).

Há no homem, diz ele, uma força misteriosa que a filosofia moderna é incapaz de perceber; e, no entanto, sem essa força inominada, sem essa tendência primordial, várias ações humanas permanecerão inexplicadas, inexplicáveis. Essas ações não atraem senão porque são más, perigosas; elas têm a atração do redemoinho. Tal força primitiva, irresistível, é a Perversidade natural que faz com que o homem seja o tempo todo e ao mesmo tempo homicida e suicida, criminoso e carrasco (POE, 2012, p. 10-11).

Baudelaire, portanto, acredita que a perversidade é inata, apesar de também admitir que o homem civilizado é tão ou mais perverso que seus ancestrais. O pensamento origina a pergunta que Delumeau lança, ainda sem resposta: as causas da violência humana são antropológicas ou sociológicas? (2009, p. 36).

Notável contista, um dos primeiros a criar e revelar este novo estilo de narrativa, Poe foi além e se aprofundou nos estudos teóricos sobre textos curtos. São dele as primeiras impressões sobre as regras do conto, que ressaltavam como três os elementos básicos: a estrutura concisa, centrada num efeito único para promover a sensação de tensão, o desfecho (ou clímax) e o despojamento da expressão (CONTOS, 2013, p. 7-8).

Embora Lovecraft tenha diversas críticas ao estilo e personagens desenvolvidos por Poe, considerando alguns de seus contos melodramáticos e triviais, ele também o cultua como grande inovador nas narrativas de terror e o reconhece como criador do conto em sua forma presente (LOVECRAFT, 2008, p. 63).

É correto afirmar que o gótico não pode ser considerado um simples gênero, mas uma tendência que acompanha os temores do homem e fobias da sociedade, por isso ressurgiu com força a cada período que antecede o final dos séculos, como foi observado nas últimas décadas dos séculos XVIII, XIX e XX. Nas últimas décadas do século XX em especial, o gótico sofreu múltiplas variações e, por isso, recebeu novas denominações. Dependendo do assunto abordado na narrativa, podemos usar termos como Gótico Urbano, Gótico Pós-Moderno, Cyber Gótico, Novo Gótico Americano, entre outros (RAMOS, 2001, p. 41).

A explicação para tais fenômenos de disseminação dos medos é que, mesmo com todas as transformações que o pensamento racional sofreu nos últimos séculos, seguimos à procura de uma salvação, uma busca pelo que é místico e que pode servir como consolo. A espiritualidade, válvula de escape para o niilismo e o pessimismo, tem papel importante para aliviar a descrença que se instalou no mundo moderno.

Poderíamos ter iniciado nossa indagação com esse exemplo *Unheimlichkeit*, talvez o mais forte de todos, mas não o fizemos porque nele o inquietante está muito mesclado ao horripilante, e em parte é por ele coberto. Mas em nenhum outro âmbito nossos pensamentos e sentimentos mudaram tão pouco desde os primórdios, o arcaico foi tão bem conservado sob uma fina película, como em nossa relação com a morte. Dois fatores contribuem para essa imobilidade: a força de nossas reações emotivas originais e a incerteza de nosso conhecimento científico (FREUD, 2010, p. 269).

Mesmo que avanços científicos não expliquem todas as questões que nos acometem, eles curam doenças, previnem catástrofes, constroem pontes e cidades, proporcionam

segurança para as pessoas. Com tanto progresso, era esperado que o homem contemporâneo suprimisse seus medos mais irracionais. Mas, surpreendentemente, ocorreu o oposto: somatizamos todos os medos que herdamos e, não contentes, incluímos novos à nossa coleção.

Com efeito, se há uma ideia que hoje pode ser considerada como literalmente ridícula, em sua mistura de ingenuidade e presunção, esta consiste na crença de nossos ancestrais imediatos, os modernos, segundo a qual o avanço da ciência, o desvelamento dos mistérios do cosmos e do organismo, o incremento do livre comércio de coisas, pessoas e ideias, a difusão do letramento e do estado de direito – em uma palavra, o Progresso – iriam dissipar o estado de pavor infuso em que viviam nossos ancestrais mais distantes (ou nossos contemporâneos pós-modernos). Como se sabe, eles viviam morrendo de medo: dos outros humanos, da natureza, da morte, dos mortos, do novo, medo de tudo. A luz da razão, vindo dissipar as trevas da superstição e seus temores imaginários, e a ciência, vindo diminuir a impotência dos humanos em face dos perigos reais do mundo, iriam finalmente nos fazer aceder a um estado de sereno destemor, um estado de segurança e de conhecimento. Nada temeremos, porque tudo compreenderemos; e o que se puder prevenir, preveniremos. Não é preciso lembrar como essa profecia, hoje, vê-se incessante e tragicomicamente desmentida. Os medos reais que os outros teriam de seus monstros imaginários deram lugar a uma proliferação espantosa, entre nós, de medos imaginários de monstros reais (CASTRO, 2011, p. 885-917).

A exemplo do gótico, o fantástico também não pode ser aprisionado na classificação de gênero, visto que se insinua em diversas obras ao longo da evolução da história da literatura (TODOROV, 2014, p. 15-16). Ele também é um modo atemporal, mais amplo porque envolve mais exemplos, embora a chave para disparar o evento sobrenatural seja o medo (LOVECRAFT, 2008, p. 19-20).

A classificação que Todorov criou para o fantástico é restrita, mas outros autores contemporâneos o expõem como uma rede muito capilarizada que abrange tudo o que causa estranhamento dentro de um texto. Ele pode ir desde a fantasia dos contos de fadas até o terror das histórias que compõem o gótico, passando pela ficção científica e pelo realismo mágico, presente na prosa de importantes autores latino-americanos da segunda metade do século XX.

A classificação feita por Remo Ceserani é mais ampla. Ele afirma que, ao longo do século XIX, o fantástico se misturou a outros gêneros literários, como o romance de costume social, o romance de formação, o romance de ideias, entre outros, e se tornou uma tendência muito cosmopolita, abordando elementos como a inclinação ensaística, a alegoria, a autorreflexão e também o humor (CESERANI, 2006, p. 91).

Reconhecemos o fantástico quando há a ruptura com a realidade e a incerteza passa a determinar as novas regras impostas pelo texto. Neste ponto, a habilidade do escritor é necessária para convencer seus leitores da nova situação que se estabeleceu. O caso de um homem que acorda pela manhã transformado num inseto monstruoso é absolutamente inverossímil se contado de forma banal ou descuidada. Na obra de Kafka, *A Metamorfose* (2006), entretanto, a realidade do personagem central é perfeitamente aceitável e a transformação causa estranhamento apenas no início da leitura. Nas páginas que se seguem, o leitor passa a absorver as novas regras e não se incomoda mais com o evento irreal que desencadeou o conflito da história.

Segundo Todorov, são necessárias três condições para que o texto seja considerado fantástico. A primeira delas é que o leitor considere o mundo apresentado no texto como o das pessoas reais, e que vacile entre uma explicação natural e outra sobrenatural a respeito dos acontecimentos. A segunda condição tem a ver com empatia: o leitor deve se identificar com um ou mais personagens da história. E a terceira é a possível atitude do leitor frente ao texto. Se ele rechaçar as interpretações alegórica e poética dos acontecimentos irrealis, o texto seguramente é fantástico (TODOROV, 2014, p. 19).

Ainda que a Literatura Fantástica tenha sido utilizada, até o século XIX, como metáfora para explorar tabus da sociedade, a partir do século XX, com a ascensão da psicanálise, ela se reinventou e segue como crítica social aos problemas enfrentados pelo homem contemporâneo (TODOROV, 2014, p. 87).

As semelhanças com o gótico não se esgotam. A origem do fantástico também se concentra especialmente no século XVIII, com os mesmos argumentos de negação ao racionalismo, aproximação do idealismo romântico e poetas decadentistas, e tentativa de resgate das crenças sobrenaturais que acompanham a humanidade desde os primórdios. Até mesmo autores de inclinações opostas, da mesma época ou de séculos anteriores (e também posteriores), se aventuraram a escrever temas que exploram o sobrenatural. Assim, temos exemplos como algumas histórias fantásticas de Charles Dickens, Henry James em *A volta do parafuso*, William Shakespeare em *Macbeth* e *Hamlet*, todas baseadas em temores corriqueiros, discutidos ainda hoje (LOVECRAFT, 2008, p. 19-24).

Ceserani, baseando-se na filosofia, aprofunda-se um pouco mais e põe em discussão algumas afirmações que outros teóricos não observaram em seus ensaios. O autor considera muito raso culpar apenas a ascensão do pensamento racional pela busca de motivos sobrenaturais para fazer literatura (talvez como forma de catarse). Ao discorrer sobre as raízes

históricas do gótico e do fantástico, ele lembra que filósofos do século XV consideravam perfeitamente legítimo falar de espíritos e reforça suas afirmações com um trecho de uma carta enviada de Boxel para Spinoza, no qual a menção a espíritos é completamente aceitável numa conversa dita intelectual. Mais adiante, o autor observou a prova de que, no século XIX, o pensamento racional refutava o sobrenatural. Ele relata que as representações de Hamlet da época demonstravam o espectro do rei morto, em cena, com efeitos de humor ou de paródia. Ou vinham reduzidas a uma voz, originária de uma possível culpa que o personagem sentia (CESERANI, 2006, p. 96-99).

Ao desembarcar em solo americano, o fantástico, a exemplo do gótico, também sofreu modificações, e rendeu frutos, especialmente na América Latina. Por volta dos anos 1940, observou-se um complexo fenômeno de renovação ficcional como crítica a uma crise no Realismo. O modelo de ficção adotado, refletindo paisagens como o pampa e a selva, adotando temas maniqueístas e panfletários que denunciavam a dicotomia de exploradores X explorados, tornou-se monótono e obsoleto. A complexidade das estruturas sociais latino-americanas rogava por novas experimentações, novas atitudes do narrador diante do real (CHIAMPI, 2015, p. 20-23). Sob a superfície destas histórias fantásticas e maravilhosas há, entretanto, contundentes críticas sociais que expõem medos das populações dos países historicamente explorados.

A América, latina ou mestiça, como foi designada desde o descobrimento, teve seu nome usurpado quando, em 1776, as treze ex-colônias inglesas integraram uma nação e reivindicaram uma denominação abrangente. A seguir, a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos no século XIX acabou por consumir o uso restrito do nome América, que antes pertencia à porção sul do continente. Nos primeiros movimentos de independência das colônias abaixo do Rio Grande, houve o desejo de escrever uma história própria. A intenção era aproximar-se das nações que progrediam, como Inglaterra, França e Estados Unidos, e cortar laços com a Espanha, que pertencia ao mundo retrógrado. A América Hispânica ou Latina sempre sofreu, contudo, consequências da visão de historiadores que a associavam a misticismos e barbáries. Pensadores identificavam heranças negativas da colonização espanhola, como a Inquisição, a escravidão e o despotismo, e características negativas da população indígena, como a perfídia, a indolência, o primitivismo e a ignorância (CHIAMPI, 2015, p. 97). Um festival de preconceitos rodeava nossas terras. Logo o Novo Mundo, descrito pelos primeiros cronistas como mágico, encantador, maravilhoso e utópico, passou a

vivenciar uma escalada de autoritarismos, o que se agravou com o desembarque das ideias positivistas.

No prólogo do livro *Antologia da literatura fantástica* (2013, p. 9-19), Adolfo Bioy Casares afirma que as assombrações povoam todas as literaturas e que as ficções fantásticas, assim como o medo, são anteriores às letras. A coletânea, organizada por ele, junto a Jorge Luis Borges e Silvina Ocampo, reúne grandes expoentes latinos, como os próprios organizadores, além de Cortázar, Lugones, autores franceses, ingleses e orientais, muitos reivindicados pelo gótico.

Na obra *Literatura e consciência política na América Latina*, Alejo Carpentier também rememora os ensaios de Montaigne, quando trata do assombro que os conquistadores experimentaram ao se depararem com os habitantes do novo mundo. Através da compilação de seis ensaios, o autor tenta explicar o modo como escrevemos e os porquês. Expõe e analisa os diversos contextos que precisam ser levados em conta na escrita originária de nosso continente. São contextos raciais, econômicos, políticos, de distância e de proporção, culinários, ideológicos, entre outros. Com certo desânimo, Carpentier reclama do pouco conhecimento de filosofia de autores latinos da época novecentista, fato que impediu a universalidade das obras aqui escritas naquele período (CARPENTIER, 1969, p. 26).

A segunda questão que Carpentier expõe é uma certa aceitação de escrita barroca. Segundo ele, escrevemos desta maneira porque precisamos de muitas minúcias para descrever objetos e paisagens desconhecidas na Europa. E a melhor forma de descrever algo que o leitor não conhece é carregar de adjetivos ou adjetivar certos substantivos, o que fatalmente nos transforma em prosadores barrocos (CARPENTIER, 1969, p. 31).

A geração que sucedeu o modernismo literário de Novecentos constituiu-se de um grupo muito engajado nas causas de seu povo. Dialogavam entre si, intelectualizavam-se e ausentavam-se de seus países com o objetivo de retornar. Eram homens que possuíam consciência nacional e lutaram por sua América. Assim como Irlemar Chiampi, Carpentier acredita que a função social do romancista é válida, porém não deve haver o objetivo de denúncia, sob pena de o autor se tornar panfletário, o que é indesejável para a literatura.

É preciso misticismo, argumenta Carpentier. Através das paisagens, da formação, da ontologia, da presença fáustica do índio e do negro e das fecundas mestiçagens, o então novo continente se desenvolveu envolto em crenças e misticismos. “A América está muito longe de ter esgotado o seu caudal de mitologias. Mas que é a história de toda a América senão uma crônica do real maravilhoso?” (CARPENTIER, 1969, p. 79), finaliza.

O caso do Brasil é mais peculiar. Sendo o maior país que compõe essa parte latina da América, o Brasil é o único que não compartilha da mesma língua que seus vizinhos, e isso é apenas um dos fatores que o isola. Mesmo sem demonstrar tanto interesse por obras de literatura fantástica, tivemos autores que se aventuraram no gênero, como Érico Veríssimo, conforme veremos adiante. Sergio Buarque de Holanda defende que a causa do pouco interesse brasileiro pelo gênero tem a ver com o pragmatismo de fundo arcaico e conservador decorrente da nossa colonização (CHIAMPI, 2015, p. 100).

Após a Primeira Guerra Mundial, a humanidade presenciou um período obscuro, marcado por grandes rupturas nos campos político, econômico e artístico. Impiedosa e sangrenta, a guerra ofereceu testemunhas que relataram os piores horrores como temas de narrativas. Já no período pós-Segunda Guerra, as atrocidades que o nazismo representou ao mundo geraram os elementos para criar ficções em cima da experiência negativa da Alemanha.

Berço do Romantismo, escola em que a sentimentalidade é levada ao extremo, a Alemanha apresentou bons expoentes do gótico e inaugurou o Expressionismo no cinema quando o mundo inteiro vivenciou a ascensão da nova arte (MASCARELLO, 2006, p. 65).

O movimento expressionista, bastante forte na forma de pintura e escultura, apresentava a subjetividade como comprovação da realidade e o compromisso com a verdade interior. Em combinação com o dogma pré-romântico de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), os expressionistas performavam de modo intenso e arrebatador. Este traço fundamental do caráter alemão, num país onde artistas sofriam forte influência de conceitos filosóficos, idealistas e românticos, impulsionou o movimento que acreditava num mundo de beleza e de divindades, mas também de mistério, de estranho e de terrível. Na obra *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, observamos uma longa parte introdutória na qual Antares, a cidade onde o caso se passa, ocupa o posto de personagem central do romance. Uma velha inimizade entre duas famílias rivais torna-se o conflito central e a mola propulsora para o desenvolvimento do enredo que acompanha importantes fatos da História do Brasil. Esta primeira parte, um tanto sumarizada, mas nem por isso tediosa, prepara o leitor para o incidente que virá a seguir, em 1963, no período prévio ao Golpe Militar que instaurou uma sangrenta ditadura no país. Desta forma, Antares, com seus coronéis, delegados torturadores, idosas beatas, políticos corruptos, intelectuais desprezados, professores mal reconhecidos e o povo faminto, representa um microcosmo do que era o país naquela época. O incidente do dia 13 de dezembro ocorreu num período crucial para a cidade, quando o povo operário se uniu

para decretar greve geral como forma de protesto aos baixos salários e condições de trabalho. Personagens como o líder oriundo das camadas mais pobres, o padre comunista, a prostituta doente que outrora gozou de vida abastada e o bêbado candidato à vala comum estão presentes na narrativa, apresentando veracidade e diversidade. Os elementos fantásticos, entretanto, apresentam-se apenas na segunda parte, quando coveiros simpáticos à greve geral se recusam a enterrar sete defuntos que morreram naquele dia. Após um enfrentamento entre líderes dos dois lados, a decisão de depositar os caixões junto ao muro do cemitério prevalece. Os mortos, porém, erguem-se de seus sonos profundos no meio da noite e partem em direção à cidade para reivindicar um enterro cristão.

O fantástico é um ponto fora da curva na obra de Veríssimo, autor essencialmente realista. Na apresentação do livro *A gênese de incidente em Antares*, de Marcia Ivana de Lima e Silva, o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil fala que Veríssimo não esquece de colocar uma placa “não pise na grama” na descrição do canteiro da praça, chamando a atenção para o fato de que o autor manteve os pés no chão, mesmo se aventurando num gênero que não era sua especialidade (SILVA, 2000, p. 12).

É aceitável afirmar que *Incidente em Antares* possui elementos góticos. Há uma consistente crítica social sob a superfície da narrativa que aborda a vida na pacata cidade. Crítica esta que se origina da luta de classes que vem desde os tempos de império e atinge seu ápice no período dos anos de chumbo da ditadura militar do Brasil.

2.3 Os medos de Lauren

No caminho para a criação da novela intitulada *Lauren*, diversos obstáculos serviram como pontos de reflexão. O primeiro, e talvez o mais importante, é o desafio de criar uma obra que promova medo ou apreensão no leitor. Há grande dificuldade em trabalhar com o terror tentando fugir de signos e símbolos. Por motivos citados acima, nosso inconsciente vive mergulhado numa subjetividade que nos leva a temer determinados seres ou situações que não fazem mais parte de nosso cotidiano. O medo de lobos, por exemplo, é explicado por Delumeau (2017, p. 102) através das povoações do passado, que viviam distantes e temiam os ataques desses animais durante a noite. Nos centros urbanos de hoje não corremos mais esse perigo, entretanto o medo de lobos segue inculcado em nosso imaginário, de forma que filmes e narrativas seguem explorando esse mito. O autor também explica o medo das bruxas, mulheres que viviam à margem das sociedades, usavam fórmulas e unguentos para tratar

doenças, praticavam abortos e partos e, por isso, foram difamadas, perseguidas, assassinadas e posteriormente queimadas pela Inquisição (DELUMEAU, 2017, p. 83-89). Bruxas não deveriam assustar mais ninguém em pleno século XXI, mas reconhecemos a força de seu mito em histórias que lemos, ouvimos e compartilhamos. O mesmo ocorre com mortos-vivos, hoje reunidos na figura icônica do vampiro. E os demais símbolos, da virgem imaculada, do sangue menstrual, da religiosidade fervorosa, dos sacrifícios, da castidade da mulher, das punições a quem ousa desobedecer às leis sagradas; todos esses e muitos outros foram disseminados durante séculos e explorados com bastante intensidade pelo cinema e pela literatura.

Lauren não fugiu deste arquétipo, embora houvesse a importância de trazê-la para o cenário atual, com o fanatismo religioso que o país vive e todas as dúvidas que uma menina adolescente possui num momento de descoberta da sexualidade. O conflito principal de *Lauren* está inserido no grande questionamento que a personagem possui: como é possível se sentir atraída por um homem que abusa de sua própria mãe e talvez de diversas outras mulheres da comunidade?

Dentre tantas questões que *Lauren* não compreende, surge o interesse por Debbie. A colega mais velha aparece no momento em que a personagem central reflete sobre o amor, o relacionamento íntimo entre homem e mulher e por que isso é motivo de vergonha. A confusão e o isolamento a jogam num abismo de dúvidas que, através da sugestão da mãe e do mentor intelectual daquela comunidade, cria episódios de terror psicológico que resultam em atitudes inesperadas. *Lauren* quer ser aceita pelo grupo, quer ser tão bela quanto a mãe. Mas, em algum momento, ela passou a se identificar com Inês, a forasteira promíscua, a adúltera que fundou a cidade, fato que gera inúmeros questionamentos e frustração.

O que há de tão errado em desejar um homem (ou uma garota)? Por que ela tem que sentir vergonha de seus desejos? *Lauren* busca, com certa angústia e sem o apoio adequado, responder a essas dúvidas que se instalam de repente, abalando as crenças que ela trazia de uma infância que ela considerava segura. O narrador em terceira pessoa, com foco exclusivo em *Lauren*, favoreceu o processo de humanização da personagem.

O entrave seguinte, bem mais desafiador quando se trata de uma obra com o propósito de provocar medo, é o de humanizar personagens que ocupam a posição de vilões. Os antagonistas de *Lauren*, o pastor e Ivete, necessitavam, para o desenvolvimento de uma literatura mais contemporânea, uma roupagem realista, factível e generosa, na tentativa de fugir de fórmulas maniqueístas. Porém, quando se trata de uma história de terror, a escrita nos

obriga a percorrer caminhos de tentativa e erro, sem muita certeza a respeito de que características funcionarão e quais parecerão exageros. Em determinadas cenas é necessário que o antagonista assuma a posição de um autêntico vilão.

A arte imita a vida, porém o escritor não pode imitá-la *ipsis litteris*, sob pena de conduzir uma história que se tornará inverossímil. Por mais que (infelizmente) estejamos familiarizados com diversos escândalos religiosos (mais flagrantes no Brasil atual, com a proliferação das igrejas neopentecostais), descrever um pastor que usa da fé alheia para abusar de suas fiéis tornou-se outro desafio interessante, porque promoveu questionamentos sobre a veracidade deste antagonista. Por outro lado, os romances e novelas fantásticos, conforme afirma Todorov (2014, p. 30), podem apresentar situações absurdas, desde que respeitem sua lógica interna. Quando Veríssimo determina que mortos podem reviver, deve criar condições para o leitor penetrar nesse universo onde mortos interagem com vivos. O fantástico lida com o sobrenatural, porém é da habilidade do autor esse diálogo com o leitor, descrevendo situações que farão com que ele aceite o que está fora da classificação do real.

Outra questão importante foi o tratamento destinado ao assédio sexual e moral. Pensar uma obra que fala de abuso sem cair na armadilha de literatura de denúncia, como a que Carpentier refuta (1969, p. 28), também gerou dificuldade. A saída encontrada foi abordar o tema através do olhar confuso de Lauren. Utilizar as visões e o distanciamento da realidade de uma garota em conflito serviu como solução na tentativa de mostrar os desdobramentos de uma situação grave.

O último desafio, e não menos importante, foi a questão da mulher. Criar Lauren, Ivete e Inês foi um interessante exercício de reflexão sobre o milenar papel da igreja na demonização da mulher e no quanto nossas narrativas repercutem esses mitos. A novela está composta de fortes personagens femininas: a personagem central, com o monopólio do foco narrativo, a mãe que ora se aproxima, como aliada, ora atua como antagonista, e a imagem sobrenatural que corresponde a figura da bruxa, embora o mentor intelectual e abusador seja um homem com poder de se sobrepor às três personagens. Neste caso específico, devido aos mitos que povoam nossa subjetividade desde os primórdios das narrativas de terror, optei por não subverter os símbolos impostos. Experimentações poderiam resultar em outro gênero de novela que não a de terror.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos das tradições orais de contação de histórias, muito antes do século XVIII, quando tiveram início as primeiras narrativas góticas, inúmeros autores se utilizam dos temas que provocam terror para divertir e assombrar ouvintes e (posteriormente) leitores. Com o objetivo de desvendar alguns gatilhos que produzem essa fascinante e viciante sensação, desenvolvemos o ensaio teórico e a novela de criação. O resultado, entretanto, é bastante imprevisível. A partir de leituras e debates com entusiastas do gênero, observa-se que cada indivíduo possui suas particularidades quando se trata do que lhe produz medo. A cultura, as crenças, a história pessoal, as experiências prévias são apenas alguns dos motivos que atuam na subjetividade do leitor, fazendo com que este se permita ou não penetrar no mundo sobrenatural.

Determinados autores, como Stephen King, conseguem, a partir de sua prosa bastante técnica, produzir uma sensação muito poderosa ao fazer uso de descrições perspicazes que incluem as reações corporais de seus personagens frente a uma situação de perigo. Outros defendem que a criação de uma atmosfera é a chave para ambientar o leitor dentro da narrativa antes que o sobrenatural seja apresentado. H. P. Lovecraft é um entusiasta dessa teoria que engloba os contos de Edgar Allan Poe.

Pensando nas atuais classificações, entendo que a novela criada satisfaz a rede capilarizada que compõe tanto o gótico quanto o fantástico, porque que traz à superfície um submundo de medos que afligem o homem contemporâneo. A violência das cidades, os temas que se referem à baixa autoestima, à solidão, ao *bullying*, às dificuldades de convivência e às armadilhas ocultas nas interações através das redes sociais são temas atuais, causadores de angústia e isolamento. Aliada à confusão que uma garota de 13 anos experimenta ao ser aceita por um lado e rejeitada em vários outros aspectos há o problema do fanatismo religioso, com suas explicações rasas para questões complexas.

Trata-se de uma obra fantástica, embora flerte com o estranho. Devido ao narrador colado à personagem central, pode-se dizer que também aborda o terror psicológico. Há uma decisão consciente que tenta fugir de estereótipos, embora, nas situações que realmente precise provocar o terror, a narrativa necessite evocar mitos que assustam a humanidade desde os primórdios.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis; CASARES, Adolfo Bioy; OCAMPO, Silvina (Org.). *Antologia da literatura fantástica*. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2013, 448p.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CALVINO, Ítalo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAPISTRANO, Eduardo. *Contos de sonho e pesadelo*. (tradução do poema Christabel)
Disponível em: edcapistrano.blogspot.com.br/2016/11/christabel-samuel-taylor-coleridge.html. Acesso em: 10 maio 2018.
- CARPENTIER, Alejo. *Literatura e consciência política na América Latina*. Tradução Manuel J. Palmeirin. São Paulo: Global Editora, 1969, 95p.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. O medo dos outros. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 885-917, 2011.
- CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Tradução Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006, 158p.
- CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 2015, 180p.
- CONTOS de mistério e morte. Textos de Álvares de Azevedo, Anton Tchekhov, Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, Horacio Quiroga, Leon Tolstói e Machado de Assis. 3. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013, 118p.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado; Tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 695p.
- FIGUEIREDO, Guilherme Galvão de. *Frankenstein: o romantismo, filosofia e ciência ao fim do século XVIII e início do XIX*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos), Além do princípio do prazer e outros textos*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 311p.
- GARCIA, Grazielle Vieira. O duplo em O médico e o monstro, de Robert Louis Stevenson. In: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA GRADUAÇÃO DO CAMPUS DE CAMPOS BELOS (SEPEG), 2014, *Anais...* v. 1, n. 2, Campos Belos: UEG, 2014, p. 131-138.

- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2006, 138p.
- KILGOUR, Maggie. *The rise of the gothic novel*. London: Routledge, 1994, 280p.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008, 125p.
- LUCAS, Fabio. *Ética e estética de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: AGE, 2016, 86p.
- MASCARELLO, Fernando. *História do cinema mundial*. Campinas. SP: Papyrus, 2006. (Coleção Campo Imagético)
- PERNA, Cristina Lopes; LAITANO, Paloma Esteves. O clássico Edgar Allan Poe. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 7-10, abr/jun 2009.
- POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. Tradução Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012, 426p.
- RAMOS, Paulo Roberto Souza. *The new gothic in Clive Baker's books of blood*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- REZENDE, Sabrina Mesquita de. *O entre-fronteiras decadentista de Drácula e o Retrato de Dorian Gray*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017. 118 f.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2016, 144p.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Tradução Marcia Xavier de Brito. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017, 304p.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Tradução Miécio Araujo Jorge Honkins. Porto Alegre: L&PM, 2001, 276p.
- SILVA, Alexandre Meirelles da. Elementos decadentistas em O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. IV, n. XV, ago/set 2005.
- SILVA, Marcia Ivana de Lima e. *A gênese de incidente em Antares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, 176p.
- SOUZA, Vinícius Lucas de. *A revisão do complexo de William Wilson em O médico e o monstro, de Robert Louis Stevenson*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2015.
- STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. Tradução Jorio Dauster. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2015, 158p.

STOKER, Bram. *Drácula*. Tradução Alexandre Barbosa de Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, 606p. (Edição bolso de luxo)

SÜSSEKIND, Pedro. A filosofia em Hamlet. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 23, n. 35, p. 7-26, dec. 2014. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/420>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014, 188p.

VASCONCELOS, Teresinha Pereira de. *A percepção da subjetividade e consciência modernas moldadas por Shakespeare em Hamlet: matrizes de apreensão e representação da realidade*. Monografia (Licenciatura Específica em Língua Inglesa) – Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Campina Grande, PB, 2013.

VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. 45. ed. São Paulo: Globo, 1995, 336p.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972, 270p.